Português

Redação - Redação - Coerência e Coesão - [Médio]

01 - (FUVEST SP)

O OLHAR TAMBÉM PRECISA APRENDER A ENXERGAR

Há uma historinha adorável, contada por Eduardo Galeano, escritor uruguaio, que diz que um pai, morador lá do interior do país, levou seu filho até a beira do mar. O menino nunca tinha visto aquela massa de água infinita. Os dois pararam sobre um morro. O menino, segurando a mão do pai, disse a ele: "Pai, me ajuda a olhar". Pode parecer uma espécie de fantasia, mas deve ser a exata verdade, representando a sensação de faltarem não só palavras mas também capacidade para entender o que é que estava se passando ali.

Agora imagine o que se passa quando qualquer um de nós pára diante de uma grande obra de arte visual: como olhar para aquilo e construir seu sentido na nossa percepção? Só com auxílio mesmo. Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto, um Picasso ou um Niemeyer ou um Caravaggio. Quer dizer apenas que a gente pode ver melhor se entender a lógica da criação.

(Luís Augusto Fischer, **Folha de S. Paulo**)

A frase "Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto" é pouco clara. Mantendo-se a coerência com a linha de argumentação do texto, uma frase mais clara seria: "Não quer dizer que:

a) algum de nós se emocione pelo simples fato de estar diante de uma obra clássica".

b) a primeira aparição de um clássico absoluto venha logo a nos emocionar".

c) nos emocionemos já na primeira reação diante de um clássico indiscutível".

d) o simples contato com um clássico absoluto não possa nos emocionar".

e) tão-somente em nossa relação com um clássico absoluto deixemos de nos emocionar".

02 - (FUVEST SP)

A única frase em que a correlação de tempos e modos NÃO foi corretamente observada é:

a) Segundo os Correios, se a greve terminar amanhã, as entregas serão normalizadas em 13 dias.

b) Para que o agricultor não se limitasse aos recursos oficiais, as fábricas também criaram suas próprias linhas de crédito.

c) Um dos seus projetos de lei exigia que os professores e servidores das universidades fizessem exames antidoping.

d) Na discussão do projeto, o deputado duvidou que o colega era o autor da emenda.

e) A Câmara Municipal aprovou a lei que concede descontos a multas e juros que estão em atraso.

03 - (ITA SP)

As quatro frases abaixo podem ser corretas ou incorretas. Verifique quais apresentam, ou não, infração de regras gramaticais e/ou restrições estilísticas e, observando cuidadosamente o número de cada questão, assinale:

01. O arroz parboilizado, o agulhinha com coloração amarela, segundo o proprietário da arrozeira, contém mais vitaminas do que o agulhinha branco.

02. O médico, que defendia a descriminação do aborto, havia dito: “Sou a favor de que o aborto saia já do Código Penal!”

03. Um agente de segurança daquele “shopping” surpreendeu, há uns dias atrás, um caixa fraudando a empresa em cumplicidade com uma amiga.

04. Previsão: céu nublado, com períodos de chuva forte todo dia em lugares isolados.

a) Se for correta somente a frase 1.

b) Se for correta somente a frase 2.

c) Se for correta somente a frase 3.

d) Se for correta somente a frase 4.

e) Se todas forem incorretas.

04 - (ITA SP)

Assinale a opção que melhor reestrutura – gramaticalmente e estilisticamente os seguintes grupos de frases:

[O pé-de-pato permitir os nadadores deslocar na água. E isso é feito com rapidez] – O. Principal. Condição: adaptar o pé-de-pato aos pés. O pé-de-pato é um calçado de borracha, com forma de pé-de-pato.

a) O pé-de-pato, calçado com este formato, caso seja adaptado aos pés dos nadadores, permitir-lhes-á um rápido deslocamento na água.

b) Se for adaptado aos pés, o pé de pato, calçado de borracha com forma de pé-de-pato, permite os nadadores deslocarem com rapidez na água.

c) O pé-de-pato, calçado de borracha com forma de pé-de-pato, permite um rápido deslocamento na água aos nadadores, desde que o mesmo esteja adaptado aos seus pés.

d) Calçado de borracha com a forma de pé de pato, desde que se o adapte aos pés, o pé-de-pato porque os nadadores se desloquem com rapidez na água.

e) O pé-de-pato, calçado de borracha com forma de pé de pato, permite aos nadadores, se adaptado aos pés, rápido deslocamento na água.

05 - (ITA SP)

Assinale a opção que completa corretamente as lacunas:

Ao …… minha frente, ……, …… as atropelaria, e a Rosa ateve-se em mim para não bater com a cabeça no ……

a) passar á / freei / se não / pára-brisa

b) passarem á / freiei / senão / parabrisa

c) passarem na / freei / senão / pára-brisa

d) passar a / freiei / se não / pára-brisa

e) passarem a / freei / senão / parabrisa

06 - (ITA SP)

No texto abaixo sobre as eleições em São Paulo, há ambigüidade no último período, o que pode dificultar o entendimento.

Ao chegar à Liberdade*, a candidata participou de uma cerimônia xintoísta (religião japonesa anterior ao budismo). Depois, fez um pedido: "Quero paz e amor para todos". Ganhou um presente de um ramo de bambu.

(*Folha de S. Paulo*, 9/7/2000, adaptado.)

* Bairro da cidade de São Paulo.

A ambigüidade deve-se:

a) à inadequação na ordem das palavras.

b) à ausência do sujeito verbal.

c) ao emprego inadequado dos substantivos.

d) ao emprego das palavras na ordem indireta.

e) ao emprego inadequado de elementos coesivos.

07 - (UNP RN)

"Sem a reforma agrária não há como resolver a desnutrição desse povo brasileiro."

"O grande mal desse povo brasileiro é ter nascido pobre."

Se uníssemos as duas orações com pronome relativo, teríamos:

a) Sem a reforma agrária cujo grande mal do povo brasileiro é ter nascido pobre, não há como resolver a desnutrição desse povo brasileiro.

b) Sem a reforma agrária cujo grande mal é ter nascido pobre não há como resolver a desnutrição desse povo brasileiro.

c) Sem a reforma agrária não há como resolver a desnutrição do povo brasileiro que ter sido pobre é o seu grande mal.

d) Sem a reforma agrária não há como resolver a desnutrição desse povo brasileiro cujo grande mal é ter nascido pobre.

08 - (UNP RN)

"**A menos que a violência tenha um fim**, muitas pessoas inocentes morrerão sem saber o porquê." Observando a oração destacada, aponte a opção que possui essa mesma circunstância.

a) Desde que você chegou à cidade, todos os aceitaram com muito carinho.

b) Mesmo que tenha cometido enganos, o perdão é um direito de todos.

c) Desde que conheça seus direitos, dificilmente alguém o prejudicará.

d) Mal restabelecemos a verdade, outros problemas complicaram nossa vida.

09 - (UNIRIO RJ)

TEXTO II

A Alma Esférica do Carioca

Chego do mato vendo tanta gente de cara triste pelas ruas, tanto silêncio de derrota dentro e fora das casas, como se o gosto da vida se tivesse encerrado, de vez, com as cinzas do finado carnaval dos últimos dias.

Imperdoável melancolia de quem sabe, e sabe muito bem, que esta deliciosa cidade não é samba, apenas; que o Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável – o futebol.

Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

Por que, então, chorar a festa passada se ao breve ciclo da fantasia do samba logo se segue a ardente realidade do futebol? Desmontaram o palanque por onde desfilou a elite do samba? E daí? Lá está o Maracanã, rampas gigantescas, assentos intermináveis, tudo pronto para o grande desfile de angústias e paixões que precedem a glória de um chute. Agora mesmo, alguém me veio dizer, contente, que a grama está uma beleza, de área a área, e que, com as últimas chuvas, o verde rebentou verdíssimo.

Salgueiro, Fluminense, Mangueira, Flamengo, Império, Botafogo - milagrosa alternação de emoções na vida de uma cidade; passos e passes de uma gente que curtiu seu amor ao mesmo tempo no contratempo de um tamborim e no instante infinito de um gol.

Mal se foi o Salgueiro, já vem chegando o Flamengo, preto e vermelho, apontando, ardente, na boca do túnel que se abre para a multidão em delírio.

Couro de gato, bola de couro, quicando e repicando pela glória de uma cidade que não tem por que chorar tristezas.

(Armando Nogueira) Rio.

Reescrevendo o terceiro parágrafo do texto, o sentido não se altera em:

a) A eternização da alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País é que explica esse abençoado binômio, carnaval-futebol.

b) É esse abençoado binômio, carnaval-futebol, que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

c) Esse abençoado binômio, que eterniza carnaval-futebol, explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

d) É que esse abençoado binômio, carnaval-futebol, explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

e) A explicação desse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

10 - (UNIFOR CE)

Observe a pontuação e a colocação de palavras nas frases que se seguem.

I. E só ele nunca tinha dado uma batida.

E ele só nunca tinha dado uma batida.

II. Guardava os livros essenciais, só esses, no armário.

Guardava só os livros essenciais no armário.

III. Escrevendo só quatro cartas.

Escrevendo, só, quatro cartas.

Com a alteração da pontuação e da colocação de uma ou outra palavra, houve também mudança de sentido SOMENTE, em:

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

11 - (UNIFOR CE)

Gostava de jipe, não de automóvel, e dirigia com extrema cautela. Evitava o centro urbano, e quando tinha de ir até lá, descrevia longas voltas e terminava a pé, para não se expor ao tráfego desembestado das ruas principais. Os filhos riam, pondo em dúvida sua capacidade no volante. Mas todos arrebentavam a máquina, ao usá-la, e ele tinha como pequena glória nunca ter dado uma batida.

Como pequena glória. Porque as maiores eram as que lhe vinham do sítio. Possuíra fazenda, agora tinha sítio. E ficava feliz quando o jipe tropicador o levava para a modesta pasárgada. Esquecendo-se da idade, punha exagero de moço – trinta anos depois – em capinar, plantar, podar; se chovia, plantava mentalmente. Orgulhava-se de produzir não só frutas tropicais como subtropicais. Um cruzamento de espécies, determinando novo sabor, nova forma ou colorido, era uma festa para ele. O sítio confinava com uma fazenda; matava saudades do antigo latifúndio ouvindo, à distância, o vozeio dos vaqueiros, o urro do jumento, pontual como um relógio.

Bacharel? Sim, fizera o curso de Direito, tirara diploma, se necessário lutava contra empresas poderosas, e vencia, sem ligar muito a isso. Guardava os livros essenciais ao exercício da profissão, só esses, no pequeno armário envidraçado. Sua consulta constante era às sementes, à terra, ao tempo; nem se lembrava mais de que, na mocidade, cultivara as letras, escrevera poemas em prosa neo-simbolistas, induzira o irmão menor a seguir o ofício de juntar palavras. Em 1959 bateu um recorde negativo, escrevendo só quatro cartas, profissionais e concisas.

Anos e anos escoados na cidadezinha natal, entre problemas pequenos e grandes que nunca se resolviam. [...] Mudou de terra e de vida.

Carlos Drummond de Andrade

O 3º parágrafo está reescrito, com lógica, clareza e correção, conservando o sentido original, em:

a) Embora fosse bacharel, suficientemente capaz de vencer as demandas necessárias – e para isso guardava num pequeno armário envidraçado os livros essenciais – dedicava-se ao cultivo da terra, consultando as condições do tempo e das sementes, esquecendo-se de toda atividade literária da mocidade, a ponto de escrever algumas cartas profissionais e concisas.

b) Ele era bacharel, que fizera o curso de Direito e na mocidade as letras, onde escrevia poemas em prosa, mas agora era a terra que ele dedicava-se embora, consultando as condições do tempo e das sementes, e escrevendo somente quatro cartas profissionais e concisas, guardando os livros num pequeno armário envidraçado, para vencer as demandas.

c) Um bacharel que guardava os livros num pequeno armário envidraçado era ele que agora dedicava-se ao cultivo da terra, e consultava o tempo e as sementes – com a atividade das letras do passado esquecidas – nem escrevia mais, só algumas cartas profissionais e concisas, capaz de vencer as demandas contra as empresas poderosas.

d) Como bacharel era na mocidade quem escrevia poemas em prosa que esqueceram, mudando-se para o cultivo da terra, com os livros guardados num pequeno armário envidraçado – se necessário nas demandas contra empresas poderosas – consultando as condições do tempo e das sementes, com o que escrevia quatro cartas profissionais.

e) Tinha feito poemas em prosa na mocidade e era bacharel e abandonou-os, com os livros guardados num pequeno armário envidraçado – onde agora consultava as condições do tempo e das sementes, sem demandas com as empresas poderosas – e dedicava-se a terra e apenas algumas cartas cultivando-as, e não mais a atividade literária.

12 - (PUC PR)

Observe:

I. “Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer à teoria literária, deve falar de objetos e fenômenos mesmo que imaginários, exteriores e anteriores à linguagem: o mundo existe e o escritor fala, eis a literatura.”

II. “O objeto da crítica é muito diferente; não é o ‘mundo’, é um discurso, o discurso de um outro: a crítica é discurso sobre um discurso.”

Assinale a alternativa em que os dois pontos dos exemplos apresentados indicam, respectivamente:

a) notícia subsidiária - enumeração.

b) conseqüência - conseqüência.

c) quebra da seqüência de idéias - notícia subsidiária.

d) declaração textual - exemplificação.

e) síntese - explicação.

13 - (UEPB)

“O Personagem sem dimensões

Quando começa uma novela na TV, eu dou uma espiada no primeiro capítulo para reencontrá-los. E de vez em quando eles voltam. O Milionário de Bom Coração. A Jovenzinha Mimada. A Vizinha Fofoqueira (...). E assim por diante.”

Assim inicia o texto de Braulio Tavares, no Jornal da Paraíba, 25/06/06. Nele,

a) há um processo de contradição, pelo uso lingüístico de expressão de registros que se estranham, a exemplo de “espiada” (popular) e do emprego de pronome oblíquo culto, como los.

b) a progressão temática é mantida através de um processo chamado de catáfora, pelo qual certas palavras “sem conteúdo semântico” se interpretam por meio de outras expressões posteriores.

c) há um erro no uso de expressões pronominais sem referência, como os pronomes pessoais los e eles, que não têm antecedentes aos quais se relacionem.

d) há uma inadequação na grafia de certas palavras, como Milionário, Bom, Coração, e tantas outras que, não sendo nomes próprios, não poderiam vir grafadas com letras iniciais maiúsculas.

e) a pontuação é viciosa, tendo em vista um certo número de expressões que deveriam vir entre vírgulas (,) e foram colocadas entre pontos (.) como se fossem frases.

14 - (UFAM)

Assinale a opção que corresponde à frase cuja redação é clara, correta, concisa e coerente:

a) O casamento bem-sucedido entre a eletrônica e a informática trouxe um monstro que aonde chega e onde passa, interrompe carreiras, destrói sonhos, envenena mentes e consome vidas, e este verdadeiro monstro foi o desemprego institucional, o qual prometia que as máquinas que ele geraria substituiria o homem e lhe daria mais tempo para o lazer.

b) O casamento bem-sucedido da eletrônica com a informática, trouxe um verdadeiro monstro, que onde chega e onde passa, interrompe carreiras, destrói sonhos, envenena mentes e consome vidas, sendo o mesmo o desemprego institucional, que, ao contrário, prometia gerar as máquinas, que substituiriam o ser humano no trabalho para dar, a este, mais tempo e lazer.

c) Ao invés de inaugurar, como parecia, a tão almejada era em que as máquinas assumiriam as funções do ser humano e lhe dariam mais tempo para o lazer, o casamento bem-sucedido da eletrônica com a informática trouxe o desemprego institucional, um verdadeiro monstro que, aonde chega e por onde passa, interrompe carreiras, destrói sonhos, envenena mentes e consome vidas.

d) Em vez de assumir as funções do ser humano para dar a este mais tempo para o lazer, as máquinas, fruto bem-sucedido do casamento da eletrônica com a informática, trouxe um verdadeiro monstro – o desemprego institucional, que onde chega e por onde passa interrompe carreiras, destrói sonhos, envenena mentes e consome vidas.

e) Um verdadeiro monstro que aonde chega e por onde passa interrompe carreiras, destrói sonhos, envenena mentes e consome vidas, foi que o casamento bem-sucedido entre a eletrônica com a informática gerou, ao produzir o desemprego institucional, ao contrário do que prometia que as máquinas, fazendo o trabalho do ser humano, daria a este mais tempo para o lazer.

15 - (UFAM)

A respeito do livro O Palhaço e a Rosa, de Francisco Vasconcelos. assinale a opção em que o assunto do conto (ou parte dele) NÃO está adequadamente explicado, apresentando erro de qualquer natureza:

a) Zequinha, filho da preta Zefa, vê uma carteira de dinheiro que, tendo caído do bolso de alguém, se encontra sob o banco da praça. Sente-se tentado a furtá-la e, não resistindo aos impulsos, pega a carteira, mas foi flagrado praticando esse gesto condenável – "O Boleiro".

b) Nemézio está no apartamento para o qual mudou-se há dois meses. Não tem amigos, não conhece os vizinhos e se sente entediado. Que fazer? Desce, apanha um táxi e não sabe para onde ir. Depois, reflete sobre a inutilidade de seu gesto e manda o motorista voltar – "A Fuga".

c) É a história de uma moça apaixonada por um homem que não percebe seus sentimentos. Mesmo em férias, não consegue livrar-se da obsessão. De fértil imaginação, pensa que ele a possui e a beija. Logo, outros pensamentos dela se apossam: vê-se num hospital, sendo tratada por médicos. Ela morre e o homem amado foi preso, pois fora ele quem a assassinara – "O Palhaço e a Rosa".

d) Godofredo está estudando, embora não preste muita atenção ao assunto das provas. Distrai-se ouvindo marchinhas de carnaval. Com boa vontade, debruça-se sobre os cadernos, mas depois tem sua atenção novamente desviada por algumas formigas sobre cujas atividades ele se põe a filosofar – "Aula prática".

e) Tiago veio do interior para estudar Direito na capital. Suas dificuldades financeiras lhe prejudicam os estudos, mas ele não desiste. Seu sonho é formar-se e progredir na vida, fazendo carreira na magistratura – "O Concurso".

16 - (FGV)

Os parágrafos abaixo estão fora de ordem.

Assinale a alternativa em que a seqüência dos números corresponde à seqüência lógica desses parágrafos. O texto original, redigido por Hélio Schwartsman para a Folha de S. Paulo, sofreu muitas adaptações e não mais corresponde à opinião do autor.

1 Ele cometeu em sua declaração pelo menos dois grandes pecados epistemológicos. Falou em "todos os testes" sem dizer quais e fez uma generalização apressada.

2 Podemos concluir que as forças da civilização exigem que abandonemos essa forma primitiva de pensar e utilizemos a razão e não reações instintivas no trato com outros seres humanos. É isso que Watson, mesmo com toda a sua genialidade científica, não foi capaz de fazer.

3 Os testes a que o laureado se referiu são provavelmente as tabelas de Richard Herrnstein e Charles Murray publicadas em “The Bell Curve” (a curva do sino ou a curva normal), de 1994, um dos livros mais explosivos e criticados da década passada.

4 James Watson, o co-descobridor da molécula de DNA e ganhador do Nobel de 1953, pisou na bola. Declarou que africanos são menos inteligentes do que ocidentais.

5 Quanto à generalização, o fato é que é em princípio errado prejulgar alguém por características (reais ou supostas) que não observamos nessa pessoa, mas no grupo ao qual consideramos que ela pertence.

a) 4/2/1/3/5.

b) 4/5/2/1/3.

c) 4/1/3/5/2.

d) 5/2/3/4/1.

e) 2/4/1/3/5.

17 - (UFAM)

Assinale a opção em que houve quebra da simetria da construção (paralelismo), em prejuízo do estilo e da coesão do enunciado:

a) A Amazônia é importante para o mundo tanto por sua notável biodiversidade, mas também porque possui enorme riqueza cultural expressa pelo grande número de grupos indígenas que a habitam.

b) Se o chefe levar o espírito de racionalização até os níveis mais baixos da administração e der condições de aperfeiçoamento aos subordinados, ele conseguirá aumentar o grau de segurança individual e diminuir os custos de produção.

c) Apesar de as autoridades estarem empenhadas no combate à criminalidade e de populares já terem feito justiça com as próprias mãos, a maré de latrocínios nas grandes cidades continua alta, o que parece indicar que o problema é muito mais social do que policial.

d) Trata-se de pessoa inteligente e capaz de agradar a todos pela extrema simpatia que a envolve.

e) A empresa alegou não estar em boa situação financeira e não poder conceder a majoração dos salários dos seus empregados, dados os elevados encargos sociais que já suporta.

18 - (UDESC SC)

Identifique a ordem em que os períodos devem aparecer, para que constituam um texto coeso e coerente. (Texto de Marcelo Marthe: *Tatuagem com bobagem*. Veja, 05 mar. 2008, p. 86.)

I. Elas não são mais feitas em locais precários, e sim em grandes estúdios onde há cuidado com a higiene.

II. As técnicas se refinaram: há mais cores disponíveis, os pigmentos são de melhor qualidade e ferramentas como o laser tornaram bem mais simples apagar uma tatuagem que já não se quer mais.

III. Vão longe, enfim, os tempos em que o conceito de tatuagem se resumia à velha âncora de marinheiro.

IV. Nos últimos dez ou quinze anos, fazer uma tatuagem deixou de ser símbolo de rebeldia – de um estilo de vida "marginal".

Assinale a alternativa que contém a seqüência correta, em que os períodos devem aparecer.

a) II–I–III–IV

b) IV–II–III–I

c) IV–I–II–III

d) III–I–IV–II

e) I–III–II–IV

19 - (UFF RJ)

INIMIGO OCULTO

dizem que

em algum ponto do cosmos

(*Le silence éter nel de ces espaces infinis m'effraie*)*****

um pedaço negro de rocha

do tamanho de uma cidade

— voa em nossa direção —

perdido em meio a muitos milhares de asteroides

impelido pelas curvaturas do

espaço-tempo

extraviado entre órbitas

e campos magnéticos

voa

em nossa direção

e quaisquer que sejam os desvios

e extravios

de seu curso

deles resultará

matematicamente

a inevitável colisão

não se sabe se quarta-feira próxima

ou no ano quatro bilhões e cinquenta e dois

da era cristã

Ferreira Gullar

*(O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta)

Identifique a opção que apresenta a explicação adequada para o efeito de sentido resultante do uso linguístico especificado.

a) Nos versos “um pedaço negro de rocha” / “voa em nossa direção” (versos 4-6), o uso do pronome possessivo “nossa” rompe o vínculo entre o eu lírico e os leitores.

b) Em “dizem que” (verso 1), a expressão do sujeito gramatical, na terceira pessoa do plural, sem antecedente textual claro, evidencia que o eu lírico se vale de uma outra voz para expressar o fato.

c) Nos versos “e quaisquer que sejam os desvios / e extravios / de seu curso” (versos 14-16), o pronome possessivo “seu” se reporta ao verso “em algum ponto do cosmos”. (verso 2)

d) O apagamento do objeto direto oracional em “não se sabe se” (verso 20) inviabiliza a referência a “inimigo oculto”. (título)

e) A combinação da preposição “de” com o pronome “eles”, empregado como pronome possessivo em “deles resultará” (verso 17), encaminha textualmente as consequências das “curvaturas do espaço-tempo”. (versos 8-9)

20 - (UFSM RS)

Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmativas relacionadas a estruturas gramaticais do texto.

( ) Se um dos mitos fundadores da civilização (ref. 1) fosse substituído por mitos fundadores da civilização, haveria necessidade de iniciar o parágrafo por Tratam-se de.

( ) Considerando-se a estrutura passiva é separado (ref. 1), o contexto permite recuperar qual é o agente responsável pela separação, a família do ratinho.

( ) Os segmentos da qual (ref. 5) e o (ref. 5) retomam, respectivamente, de uma tarefa gigantesca (ref. 5) e um jovem (ref. 1).

A sequência correta é

a) V - V - V.

b) F - F - F.

c) V - F - V.

d) F - F - V.

e) V - V - F.

21 - (UFF RJ)

TEXTO V

[1]O homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, Jacinto! Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou [5]esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem fibra, sem viço, torto, [10]corcunda esse ser em que Deus, espantado, mal pôde reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão!

Na Cidade findou a sua liberdade moral : cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada [15]necessidade o arremessa para uma dependência: pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacinto, a sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, [20]etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os de um cárcere ou de um quartel... A sua tranquilidade (bem tão alto que Deus com ela recompensa os santos) onde está, meu Jacinto?

[25]Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugidia rodela de ouro!

Eça de Queiroz

Vocabulário

escanifrado - magro, enfraquecido

unto - gordura

chinós - cabeleira postiça, peruca

TEXTO VI

[1]Este grafite está estampado ali no Parque dos Patins, um lugar muito frequentado pelo público infantil, na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio. Veja só. É uma mulher fantasiada, com um fuzil atravessado nas costas, uma metralhadora na mão esquerda e uma pistola na [5]direita. Lá no fundo, dá para ver o morro do Corcovado e o Cristo Redentor. Deve haver quem ache que é arte de rua. A coluna acha um horror. É apenas mais um retrato que emporcalha a paisagem carioca. Com todo respeito.

Anselmo Gois.O Globo, 29/06/2010.

Quanto à construção linguística do **Texto V** e a legenda do **Texto V**I, pode-se afirmar que

a) a progressão das ideias nos dois textos se efetiva por um narrador de primeira pessoa, enunciado como personagem “Jacinto” (Texto V) e um narrador de terceira pessoa referido de modo genérico como uma “coluna” de jornal (Texto VI).

b) a interlocução se apresenta diferentemente nos dois textos: como um substantivo “Jacinto” (Texto V, ref. 1) e como desinência de terceira pessoa do singular do modo imperativo em “Veja só.” (Texto VI, ref. 1) em referência à pessoa com quem se fala.

c) o emprego do pronome pessoal “lhe” (Texto V, ref. 15) referindo-se a “homem” aproxima o narrador do leitor; o emprego do pronome demonstrativo “este” e do advérbio “ali” (Texto VI, ref. 1) aproximam espacialmente o narrador da imagem destacada no grafite.

d) o uso da vírgula marca a enumeração de verbos substantivados (Texto V, ref. 15); a vírgula usada na descrição da mulher fantasiada (Texto VI, ref. 1) encadeia a enumeração de ações simultâneas.

e) a palavra “Cidade” escrita com maiúscula (Texto V, ref. 1) produz um sentido de especificidade; a expressão “Parque dos Patins” (Texto VI, ref. 1), com maiúsculas, nomeia um substantivo de valor irrestrito.

22 - (UNIFOR CE)

A questão abaixo apresenta cinco propostas diferentes para a redação de um período. Selecione a opção que corresponde ao período cuja redação atende aos critérios de correção, clareza e concisão.

a) Tanto foi sua generosidade que causou-me pasmo.

b) Fiquei pasmo face a generosidade dele.

c) Ele foi tão generoso, que me deixou pasmado.

d) Sua generosidade foi tamanha a me pasmar.

e) Pasmei-me, de tanta foi sua generosidade.

23 - (ESPM SP)

Em uma das manchetes de jornal, é possível fazer dupla leitura. Aponte-a:

a) Árbitro que errou em jogo no Rio denuncia ameaças de torcedores à polícia.

b) Governo suspende venda de 111 planos de saúde de 47 operadoras.

c) Governo quer proibir uso de máscaras e fazer apreensão de câmeras durante protestos.

d) Despesas com habitação pressionam custo de vida da população paulistana.

e) Pequenas e médias empresas são foco de apenas 20% dos jovens brasileiros iniciantes no mercado.

24 - (UERN)

Pedido quase uma prece

"Senhor, ajudai-nos a

construir a nossa casa

com janelas de aurora

e árvores no quintal.

Árvores que na primavera

fiquem cobertas de flores.

E ao crepúsculo

fiquem cinzentas

como a roupa dos pescadores."

(Manoel de Barros)

Uma possibilidade de substituição do segmento destacado, mantendo-se o sentido e a correção de acordo com a norma culta, está em

a) ajudai-nos a construí-la.

b) ajudai a nós construir-lhe.

c) ajude-nos construindo-lhe.

d) ajudai-lhe a construi-la.

25 - (UNIFOR CE)

A seguir, apresenta-se trecho adaptado do texto de Ricardo Setti, publicado na Revista Veja, em 17/4/2014.

Assinale a opção em que o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Gabriel García Márquez se foi. Não tenho altura suficiente para comentar o exato tamanho da perda que sua morte, aos 87 anos, depois de uma longa e corajosa luta contra o câncer, significa para a literatura. Mas consigo, sim, dizer que se trata de uma perda coloçal, que "Gabo" é um gigante da literatura de todos os tempos, um escritor genial que transportou milhões de pessoas de todos os países para um universo único, exclusivo, que só seu talento conseguiu alcançar, capturar e transformar em uma prosa cuja a marca registrada permanecerá, indelével.

b) Gabriel García Márquez se foi. Não tenho altura suficiente para comentar o exato tamanho da perda que sua morte, aos 87 anos, depois de uma longa e corajosa luta contra o câncer, significa para a literatura. Mas consigo, sim, dizer que se trata de uma perda colossal, que "Gabo" é um gigante da literatura de todos os tempos, um escritor genial que transportou milhões de pessoas de todos os países para um universo único, exclusivo, que só seu talento conseguiu alcançar, capturar e transformar em uma prosa cuja marca registrada permanecerá indelével.

c) Gabriel García Márquez se foi. Não tenho altura suficiente para comentar o exato tamanho da perda que sua morte, aos 87 anos, depois de uma longa e corajosa luta contra o câncer, significa para a literatura. Mas consigo sim, dizer que se trata, de uma perda colossal, que "Gabo" é um gigante da literatura de todos os tempos, um escritor genial que transportou milhões de pessoas de todos os países para um universo único, exclusivo, que só seu talento conseguiu alcançar, capturar e transformar em uma prosa cuja marca registrada permanecerá indelével.

d) Gabriel García Márquez se foi. Não tenho altura suficiente para comentar o exato tamanho da perda que sua morte, aos 87 anos, depois de uma longa e corajosa luta contra o câncer, significa para a literatura. Mas consigo, sim, dizer que se trata de uma perda colossal, que "Gabo" é um gigante da literatura de todos os tempos, um escritor genial que transportou milhões de pessoas de todos os países para um universo único, exclusivo, que só seu talento conseguiu alcançar, capturar e transformar em uma prosa cuja a marca registrada permanecerá indelével.

e) Gabriel García Márquez se foi. Não tenho altura suficiente para comentar o exato tamanho da perda que sua morte, aos 87 anos, depois de uma longa e corajosa luta contra o câncer, significa para a literatura. Mas consigo, sim, dizer que se trata uma perda coloçal, que "Gabo" é um gigante da literatura de todos os tempos, um escritor genial que transportou milhões de

pessoas de todos os paises para um universo único, exclusivo, que só seu talento conseguiu, alcançar, capturar e transformar em uma prosa cuja a marca registrada permanecerá, indelével.

26 - (Unievangélica GO)

Leia o texto a seguir.

Boleiros sob medida

Ciência e futebol é uma tabelinha raramente esboçada no Brasil. A academia não costuma eleger os gramados como objeto de estudo e o mundo dos boleiros **tampouco** tem o hábito de, digamos, dar bola para o que os pesquisadores dizem sobre o esporte mais popular do planeta.

Disponível em:<http://www.unifesp.br/centros/cemafe/Artigos/Artigo4.htm>. Acesso em: 30 set. 2013.

O termo em destaque pode ser substituído no texto sem prejuízo de sentido por:

a) sequer

b) decerto

c) acaso

d) talvez

27 - (UFAM)

Leia o texto a seguir:

Já quase não vemos as estrelas nas cidades; por isso, é indiferente ficarmos ou não com as janelas serradas. Não houvesse luz elétrica, como há cerca de duzentos anos, poderíamos, como privilegiados expectadores, ver cometas arrastando suas luminosas caldas em determinada parte

do céu, em harmonioso conserto. Todos nós nos tornaríamos expertos no assunto, graças apenas à observação diária.

(MADEIRA, Mauro Manoel. *Lições de Física*. Editora Travessia, p. 52.)

Assinale a alternativa em que a proposta de substituição da palavra em destaque por um homônimo **NÃO** se justifica:

a) a palavra “serradas” deveria ser substituída por “cerradas”

b) a palavra “caldas” deveria ser substituída por “caudas”

c) a palavra “expertos” deveria ser substituída por “espertos”

d) a palavra “expectadores” deveria ser substituída por “espectadores”

e) a palavra “conserto” deveria ser substituída por “concerto

28 - (UNIFOR CE)

Leia o texto abaixo restabelecendo a ordem lógica dos argumentos, sabendo que o primeiro e o último deles (em negrito) foram mantidos em suas posições corretas.

BRASIL É O PAÍS QUE MAIS DESMATA NO MUNDO

(1) Avaliação mundial dos recursos florestais coloca o Brasil no topo do ranking do desmatamento entre 1999 e 2010.

(2) O Global Forest Resources Assessments é um indicador da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês), responsável por monitorar a cobertura de florestas por países. Os dados mais recentes são de 2010 (o relatório é feito a cada cinco anos), segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Entre 1999 e 2010, o índice coloca o Brasil como campeão de perda de área verde no mundo.

(3) Uma das maiores vítimas deste processo no Brasil é a Mata Atlântica. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, restam apenas 7% do território original deste bioma no país.

(4) O país foi o que mais perdeu em hectares de área verde por ano, no período de 11 anos. Ao todo, foram 55,3 milhões de hectares perdidos. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inep) monitora o desmatamento no Brasil com a ajuda de organizações não-governamentais, como o Instituto do Homem e do Meio Ambiente na Amazônia (Imazon).

(5) Um acordo firmado em 2008 entre o Ministério do Meio Ambiente e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) busca promover a realização do Programa de Monitoramento do Desmatamento nos Biomas Brasileiros por Satélite. A iniciativa tem o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

(6) A atividade humana é uma das principais responsáveis pelo desmatamento. O mau uso de recursos naturais, a poluição e a expansão urbana são algumas das ações que contribuem para esta degradação da área coberta por florestas. Segundo a organização ambientalista WWF Brasil, a perda da biodiversidade e a modificação do clima mundial estão entre os principais impactos causados por ela.

(7) Antes disso, o único bioma que possuía dados oficiais de observação dos desmatamentos no país era a Amazônia, iniciado em 1988.

Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/brasil-e-o-pais-que-mais-desmata-no-mundo-veja-ranking,8b8e0 c65c2f8e310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 12/5/2013.

(1) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) (7)

a) (1) (6) (4) (2) (5) (3) (7)

b) (1) (3) (5) (6) (2) (4) (7)

c) (1) (3) (2) (5) (6) (4) (7)

d) (1) (6) (3) (2) (4) (5) (7)

e) (1) (4) (3) (6) (5) (2) (7)

29 - (UNCISAL)

“**A mente humana é sadia quando possui competências relacionais que lhe permitem sair de si** para abrir-se a uma realidade social feita de múltiplas diferenças, percebendo de forma adequada os outros e a diversidade da qual são portadores”.

MAGARI, Simonetta. **Revista CidadeNova**.
São Paulo: Abril, ed. 582. Ano LVI, n. 10. out. 2014.

Assinale a alternativa em que a nova redação dada ao período em destaque no texto apresenta correlata substituição dos elementos linguístico-semânticos de acordo com a norma-padrão do português escrito.

a) "A mente humana é sadia depois que possui competências relacionais que a permitem sair de si [...]"

b) "A mente humana é sadia à medida que possui competências relacionais os quais lhe permitem sair de si [...]"

c) "A mente humana é sadia sempre que possui competências relacionais as quais permitem a você sair de si [...]"

d) "A mente humana é sadia sempre que possui competências relacionais com as quais permitem você sair de si [...]"

e) "A mente humana é sadia todas as vezes que possui competências relacionais que permitem você sair de si [...]"

30 - (ENEM)

Diego Souza ironiza torcida do Palmeiras

O Palmeiras venceu o Atlético-GO pelo placar de 1 a 0, com um gol no final da partida. O cenário era para ser de alegria, **já que** a equipe do Verdão venceu e deu um importante passo para conquistar a vaga para as semifinais, **mas** não foi bem isso que aconteceu. O meia Diego Souza foi substituído no segundo tempo debaixo de vaias dos torcedores palmeirenses e chegou a fazer gestos obscenos respondendo à torcida. Ao final do jogo, o meia chegou a dizer que estava feliz por jogar no Verdão.

— Eu não estou pensando em sair do Palmeiras. Estou muito feliz aqui — disse.

Perguntado sobre as vaias da torcida **enquanto** era substituído, Diego Souza ironizou a torcida do Palmeiras.

—Vaias? Que vaias? — ironiza o camisa 7 do Verdão, antes de descer para os vestiários.

Disponível em: http://oglobo.globo.com. Acesso em: 29 abr. 2010.

A progressão textual realiza-se por meio de relações semânticas que se estabelecem entre as partes do texto. Tais relações podem ser claramente apresentadas pelo emprego de elementos coesivos ou não ser explicitadas, no caso da justaposição. Considerando-se o texto lido,

a) no primeiro parágrafo, o conectivo **já que** marca uma relação de consequência entre os segmentos do texto.

b) no primeiro parágrafo, o conectivo **mas** explicita uma relação de adição entre os segmentos do texto.

c) entre o primeiro e o segundo parágrafos, está implícita uma relação de causalidade.

d) no quarto parágrafo, o conectivo **enquanto** estabelece uma relação de explicação entre os segmentos do texto.

e) entre o quarto e o quinto parágrafos, está implícita uma relação de oposição.

31 - (ACAFE SC)

Considerando o que se afirma na coluna da esquerda, preencha as lacunas nas frases da coluna da direita com os pronomes relativos citados, incluindo preposições sempre que necessário.

*O relativo **quem** é empregado para fazer referência apenas à(s) pessoa(s); vem em geral precedido de preposição, tendo um substantivo como seu antecedente.*	*Finalmente chegamos ao Santuário de Aparecida _____ fui levado por meus pais quando tinha nove anos de idade.*
*O relativo **onde** é empregado para resgatar nomes que nos dão ideia de lugar. Não devemos nos esquecer de que o **onde** indica permanência e o **aonde**, movimento.*	*Faço questão de homenagear, neste momento, meus antigos professores, _____ devo eterna gratidão.*
*O relativo **que** é empregado para fazer referência à(s) pessoa(s) ou coisa(s).*	*Penso que deve trazer tantos vestidos _____ tiveres condições de comprar.*
*O relativo **quanto** aparece depois de "tudo", "todas", "todos", "tantos", "tantas".*	*Não entendi teu recado, pois ainda ontem conversamos sobre o candidato _____ empresa roubaste cinco mil dólares.*
*O relativo **cujo** e suas flexões serve para articular dois termos – geralmente substantivos – que tenham entre si ideia de posse.*	*Para ampliarmos a base do negócio, trabalhos exclusivamente com marcas _____ nossos clientes confiam.*

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) onde - a quem - que - de cuja - quantas

b) aonde - a quem - quantos - de cuja – em que

c) em cujo - onde - quantas - de que – em quem

d) aonde - a cujos - quanto - cuja - em que

32 - (UNCISAL)

Restava-me a certeza de que o correio de hoje me traria cartas. Nada! Uma semana sem falar contigo! Que te fiz? Escreve-me seja embora para dizer-me todas as coisas desagradáveis que me quiseres dizer (Graciliano Ramos).

Se em vez de "*Uma semana sem falar contigo! "*for escrito "*Uma semana sem falar você*", qual é o resultado da reescrita – considerando a norma culta – da sentença: "Que te fiz? Escreve-me"?

a) Que lhe fiz? Escreve-me.

b) Que o fiz? Escreva-me.

c) Que te fiz? Escreva-me.

d) Que fiz a você? Escreve-me.

e) Que lhe fiz? Escreva-me.

33 - (UNEMAT MT)

Algumas palavras e expressões funcionam como elementos de coesão no texto. Além de possibilitar a transição de ideias entre fases e parágrafos, exprimem sentidos que garantem uma progressão temática.

Observe a narrativa abaixo:

*O jogo transcorria sem incidentes, **até que** um atacante do time A cometeu uma falta visivelmente grave contra o goleiro do time B. O juiz não marcou, porque, **segundo ele**, o lance foi normal. **Logo em seguida**, um zagueiro do time B, numa dividida banal, derrubou um jogador do time A. E o juiz marcou falta! **Sem dúvida**, o juiz errou, acendendo a ira dos torcedores do time B. **Inesperadamente**, formou-se um verdadeira batalha nas arquibancadas, com as cenas lamentáveis que todos vimos. Algumas pessoas se feriram, **sobretudo** as que tentavam separar os brigões.*

Assinale a alternativa que indica, respectivamente, os sentidos presentes nos termos destacados.

a) Ênfase; esclarecimento; prioridade; consequência; conclusão; surpresa.

b) Ruptura; conformidade; sequência; convicção; imprevisto; predominância.

c) Adição; consequência; temporalidade; propósito; ênfase; esclarecimento.

d) Explicação; conclusão; prioridade; dúvida; surpresa; consequência.

e) Imprevisto; condição; conformidade; ênfase; conflito; exaltação.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 34

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil.

Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante. Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto, algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convinha muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...), levando a sério as suas tarefas. (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval. Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM, Rachel. O penhoar chinês. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.)

34 - (UNIRIO RJ)

A expressão "…abelhas alegres" (11º período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9º período, com:

a) “Mulheres de meia-idade…”

b) “…para bordar tapeçarias…”

c) “…selecionando animadamente e com grande competência os novelos…”

d) “…comparando as cores com os riscos trazidos…”

e) “…medindo o tamanho do bastidor”.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 35

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p.3)

35 - (ITA SP)

Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as idéias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

TEXTO: 3 - Comum às questões: 36, 37

Nas questões a seguir você deve indicar a opção que melhor preenche as lacunas, observando a propriedade das palavras ou locuções, a correção gramatical, a coerência e a seqüência das idéias.

36 - (ITA SP)

"O repouso é uma das grandes armas …… se utiliza a medicina; …… ele traz, embutidas ……, múltiplas respostas nocivas."

a) curativas – das quais – por isso – nele mesmo

b) contraditórias – de que – todavia – por si próprias

c) terapêuticas – de que – entretanto – em si próprio

d) tradicionais – do qual – por conseguinte – em si próprias

e) benéficas – com que – não obstante – por si mesmas

"A …… lituana (movimento separatista) veio apenas …… o juízo clássico de que, numa estrutura política marcada pela imobilidade e pelo extremo autoritarismo, os processos de abertura, por mais …… que sejam, tendem a …… um movimento que ultrapassa os limites pretendidos pelos governos."

a) secessão – ratificar – incipientes – deflagrar

b) sucessão – robustecer – primitivos – estimular

c) insurreição – retificar – insipientes – sublimar

d) dissidência – corroborar – iminentes – denegrir

e) sublevação – aviltar – fugidos – conter

"…… intromissões e insinuações de última hora, o Rio, por ter melhor ……, deverá sediar a 2ª Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, …… mais de cem Chefes de Estado."

a) Salvas as – infra-estrutura – aonde comparecerão.

b) Mesmo que haja – infra-estrutura – à qual deverão comparecer.

c) Salvo – infra-estrutura – àque haverá de comparecer.

d) Apesar das – infraestrutura – onde poderão comparecer.

e) A despeito das – infraestrutura – em que haverão de comparecer.

"Mesmo nas economias mais influenciadas pelo ideário liberal, o poder público dispõe de instrumentos legais para …… a cartelização da oferta de certos itens, prática que se torna particularmente …… no caso …… controles grupais …… produtos que não podem ser substituídos facilmente, ainda que tenha seus preços majorados."

a) promover – benéfica – desses – comercializarem

b) fomentar – vantajosa – destes – comerciarem

c) coibir – nefasta – de esses – incidirem sobre

d) impedir – suscetível – de os – sobrevierem em

e) moderar – benigna – dos – traficarem com

37 - (ITA SP)

"Mesmo nas economias mais influenciadas pelo ideário liberal, o poder público dispõe de instrumentos legais para …… a cartelização da oferta de certos itens, prática que se torna particularmente …… no caso …… controles grupais …… produtos que não podem ser substituídos facilmente, ainda que tenha seus preços majorados."

a) promover – benéfica – desses – comercializarem

b) fomentar – vantajosa – destes – comerciarem

c) coibir – nefasta – de esses – incidirem sobre

d) impedir – suscetível – de os – sobrevierem em

e) moderar – benigna – dos – traficarem com

TEXTO: 4 - Comum à questão: 38

Tolerância e liberdade de expressão

[1]A polêmica criada em torno da publicação das charges do profeta Maomé por jornais europeus só escancarou o [2]profundo abismo entre dois mundos que há séculos tentam apenas se entender, ao contrário de se compreender. O [3]Islamismo tem sido tão cercado de mitos nos últimos anos, que ficou estabelecida uma cortina de fumaça entre o mundo [4]ocidental e oriental. Cortina esta que propaga a desinformação e a mentira. Mas há um fato ironicamente positivo. [5]Finalmente, no século 21, é que Ocidente e Oriente descobriram algo em comum – ambos são intolerantes e ambos [6]praticam a liberdade de expressão, cada um à sua maneira. ••

[7]Os jornais, ao publicarem as charges, praticaram sua liberdade de expressão, e as manifestações pelo mundo [8]contra as mesmas charges também foram atos de mesma liberdade. Ora, cada ser humano tem o direito de expressar [9]livremente seus sentimentos e opiniões. Isto aconteceu de ambas as partes e seria positivo se tudo ficasse resumido a este [10]panorama. Mas, negativamente, foram intolerantes os jornais que caracterizaram todo e qualquer muçulmano como [11]terrorista. E igualmente intolerantes foram as manifestações no mundo islâmico que queimaram embaixadas e ameaçaram a [12]vida de ocidentais. Ambos, portanto, erraram. ••

[13]Os muçulmanos sentiram-se ofendidos de duas formas. A tradição da religião islâmica sempre defendeu a não [14]representação da figura de Maomé. Outra ofensa foi a idéia de vincular Maomé ao terrorismo. A generalização que é dada [15]aos muçulmanos não corresponde à verdade. O Islamismo, tanto quanto as outras religiões e crenças do mundo, prega a [16]paz entre os povos e reconhece Jesus Cristo e Moisés como os outros dois grandes profetas de Deus. Os povos do Oriente [17]Médio, sejam eles cristãos, judeus ou muçulmanos, são muito mais ligados à religião do que o ocidental. Ela tece seus [18]modos de vida e rege até suas leis. É natural, portanto, que reagissem como reagiram, embora tenham se excedido.

[19][...] ••

[20]A imprensa ocidental erra ao associar terrorismo com religião. O terrorismo é independente de religião. Bin Laden [21]Al Qaeda nada representam para a imensa maioria dos povos islâmicos. Suas causas, supostamente religiosas, não têm [22]legitimidade. Mas se aproveitaram de um contexto social e político para difundir uma propaganda contra o Ocidente e, [23]assim, trazer mais simpatizantes, geralmente pessoas frustradas e desesperadas que nada têm a perder. ••

[24]Os muçulmanos querem, isto sim, perspectivas de um futuro melhor e que se traduza em mais democracia, mais [25]paz na região, menos discriminação contra sua fé e mais tolerância. E a imprensa, portanto, deveria cumprir com seu papel [26]de construção da paz e aproximar estes dois mundos. No mínimo, se preocupar com a ética profissional, que faltou para os [27]editores dos jornais europeus, e seguir o velho princípio do jornalismo, o de sempre ouvir os dois lados, mas que, [28]infelizmente, só tem sido aplicado quando convém. Se a imprensa quer ter um papel decisivo na globalização, em que [29]culturas devem compreender outras, ela precisa trazer conhecimento e não apenas informações e estereótipos. E para que [30]não ocorram a violência e a intolerância, governos e imprensa devem buscar a aproximação com o Oriente, promovendo [31]uma democracia feita por árabes e para os árabes, não uma importada, feita em laboratório, como a que ocorre no Iraque. [32]Só assim haverá uma verdadeira liberdade de expressão que acabará com a intolerância, e não aumentá-la como vem [33]acontecendo. 33

27 February, 2006 [adapt]

http://www.leindependant.org/showPost.php?post_id=9 [acessado em 4 de julho de 2006]

38 - (UFPel RS)

No processo de transformação de uma frase da forma afirmativa para a negativa, ou vice-versa, nem todos os conteúdos são afetados. Algumas informações são compartilhadas pelas formas afirmativa e negativa de uma frase. Com relação a esse fato, analise as seguintes asserções.

I. A frase do texto “A generalização que é dada aos muçulmanos não corresponde à verdade” (linhas 14-15) e a sua forma afirmativa “A generalização que é dada aos muçulmanos corresponde à verdade” têm em comum a informação de que um conceito foi aplicado a todos muçulmanos.

II. A frase do texto “Os povos do Oriente Médio, sejam eles cristãos, judeus ou muçulmanos, são muito mais ligados à religião do que o ocidental” (linhas 16-17) e a sua negação “Os povos do Oriente Médio, sejam eles cristãos, judeus ou muçulmanos, não são muito mais ligados à religião do que o ocidental” têm em comum a informação de que os povos do Ocidente se dedicam menos à religião.

III. A frase do texto “A imprensa ocidental erra ao associar terrorismo com religião” (linha 20) e a sua negação “A imprensa ocidental não erra ao associar terrorismo com religião” têm em comum a informação de que a imprensa ocidental associa terrorismo com religião.

Estão corretas

a) apenas I e II.

b) apenas I e III.

c) apenas II e III.

d) apenas III.

e) I, II e III.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 39

Como escolher a carreira certa

[1]Os jovens brasileiros acabam tendo de tomar uma decisão para a qual não estão ainda maduros: a escolha da profissão. Eles são capazes de prestar no mesmo ano, simultaneamente, exame para faculdades de Direito, Economia e Cinema. Que segurança tem uma menina de 16 anos quando opta por fazer vestibular de Engenharia de Produção? Para a maioria do quase 1,3 milhão de brasileiros que entram anualmente nas faculdades públicas e privadas, o vestibular acaba sendo apenas um expediente para tentar [5]garantir a empregabilidade futura, e não exatamente a escolha de uma profissão. O resultado disso é um prejuízo de tempo, recursos humanos e dinheiro, público ou privado. (...)

Nos EUA, essa escolha é feita com mais maturidade por dois motivos. Primeiro, não existe ensino superior gratuito. Quem não pode pagar tem de conseguir uma bolsa, geralmente reembolsável no futuro. Ter de pagar pela faculdade obriga o jovem a amadurecer suas decisões. Não há a mordomia tipicamente brasileira de fazer uma ou duas faculdades, em geral à custa do [10]contribuinte e em prejuízo de alguém que poderia aproveitar melhor o investimento público da sociedade.

O fato de a formação universitária nos EUA ser marcadamente dividida em duas etapas também contribui para escolhas mais maduras. A primeira fase é o equivalente a nossos ciclos básicos de dois anos, que são genéricos para áreas parecidas. A grande maioria dos jovens dá um tempo após esse período, antes de entrar na etapa seguinte. Então, com 20 e poucos anos, é feita a escolha mais importante, quando os alunos se matriculam especificamente na fase de qualificação para o diploma universitário de [15]sua preferência, o equivalente ao ciclo profissional de nossas universidades.

O estudante Melchisedeck Lemos, de Coroaci, Bahia, me pergunta por e-mail: “Como lidar com esta decisão necessária e radical?”. Seria bom criar passos intermediários entre o fim do ensino médio e o vestibular, mesmo que demore de um a três anos. Primeiro, vá arranjar opções de ganhar dinheiro e experiência de vida. Ainda que seja como balconista de shopping ou office boy. Busque alta fluência em internet e inglês. Faça cursos livres. Viaje para o exterior. Aprenda a se virar, talvez fazendo salada num [20]restaurante em Londres, faxina na Holanda, limpeza de escritório em Tóquio ou cursos gratuitos nas escolas públicas da Alemanha.

Ganhe um começo de biografia que fará você orgulhoso de sua juventude.(...)

(NEVES, Ricardo. Revista Época, 11/06/2007,p.66, com adaptação)

39 - (UFCG PB)

Assinale com V (verdadeira) ou F (falsa) as afirmações:

I. Do ponto de vista coesivo, o texto apresenta falhas, por exemplo, com o uso do numeral ordinal “primeiro” (17 e 18), que faz referência ao que foi dito antes (17) e que indica a ordem em que se desenvolverá o tópico (l.18), mas não sinaliza a seqüência esperada.

II. Em relação ao gênero textual, o texto é um relato, que contém experiências e demonstra fatos que confirmam o ponto de vista do autor sobre a escolha da carreira certa.

III. Do ponto de vista das relações de sentido do texto, o substantivo biografia (l.21) funciona como hiperônimo do que o jovem brasileiro poderia fazer antes de tornar-se universitário.

IV. O último parágrafo demonstra uma aproximação do autor com o leitor, vista através das formas verbais, do pronome e de itens lexicais.

A seqüência correta é:

a) VVFF

b) FFVV

c) VFFV

d) VFVV

e) FVFV

TEXTO: 6 - Comum à questão: 40

Texto A

O maiúsculo e o minúsculo

(1)É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas: perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento. Enquanto essas simplificações permanecem nos limites estritos do idiossincrático, parece não haver maiores problemas, afinal cada um acredita naquilo que bem lhe apraz. Contudo, quando essas simplificações ultrapassam tais limites e começam a sustentar ações com repercussão para além do idiossincrático, a situação se torna, no mínimo, preocupante.

(2)É o que tem ocorrido ultimamente com certa discussão em torno da língua. Nessa área, há, sem dúvida, questões maiúsculas a serem enfrentadas. O Brasil precisa desencadear um amplo debate com vista à elaboração de uma nova política lingüística para si, superando os efeitos deletérios de uma situação ainda muito mal resolvida entre nós.

(3)Essa nova política deverá, entre outros aspectos, reconhecer o caráter multilingüe do país (o fato de o português ser hegemônico não deve nos cegar para as muitas línguas indígenas, européias e asiáticas que aqui se falam, multiplicidade que constitui parte significativa do patrimônio cultural brasileiro). Ao mesmo tempo, deverá reconhecer a grande e rica diversidade do português falado aqui, vencendo, de vez, o mito da língua única e homogênea.

(4)Será preciso incluir, nessa nova política, um combate sistemático a todos os preconceitos lingüísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social. E incluir, ainda, um incentivo permanente à pesquisa científica da complexa realidade lingüística nacional e à ampla divulgação de seus resultados, estimulando com isso, por exemplo, um registro mais adequado, em gramáticas e dicionários, da norma-padrão real, bem como das demais variedades do português, viabilizando uma comparação sistemática de todas elas, como forma de subsidiar o acesso escolar (hoje tão precarizado) ao padrão oral e escrito.

(5)Apesar de termos essas tarefas maiúsculas à frente, foi uma questão minúscula que, a partir de uma grosseira simplificação dos fatos, acabou por tomar corpo em prejuízo de todo o resto: a presença de palavras da língua inglesa em nosso cotidiano.

[6]Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos nos mostra que, proporcionalmente ao tamanho do nosso léxico (composto por cerca de 500 mil palavras), esses estrangeirismos não passam de uma insignificante gota d'água (algumas poucas dezenas) num imenso oceano.

[7]Mostra-nos ainda mais (e aqui um dado fundamental)**:** muitos deles, pelas próprias ações dos falantes, estão já em pleno refluxo (a maioria terá, como em qualquer outra época da história da língua, vida efêmera).

(Carlos Alberto Faraco. *Folha de S. Paulo.* 13/05/2001.)

40 - (UPE)

Para a manutenção da unidade temática do texto A e de sua coerência, o autor lançou mão de diversos recursos léxico-gramaticais, conforme passamos a comentar em seguida.

I. No âmbito da coesão por conjunções e expressões adverbiais, merece destaque o emprego de *contudo* (1º. parágrafo – sentido de concessão), de *ao mesmo tempo* (3º parágrafo – sentido de tempo anterior) e de *como* (final do último parágrafo – sentido de causalidade).

II. Algumas retomadas referenciais, como em "*tais limites*", "*ampla divulgação de seus resultados*", "*estimulando com isso*", "*esses estrangeirismos*", "*comparação sistemática de todas elas*", funcionam como nós da seqüência coesiva do texto. Nessa dimensão, portanto, os pronomes desempenham um papel fundamental.

III. O paralelismo à vista no período com que se inicia o quarto parágrafo ("Será preciso incluir, nessa nova política, um combate sistemático a todos os preconceitos lingüísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social.") também representa um recurso sintático-semântico da coesão e da coerência do texto.

IV. A expressão "*nova política"* foi repetida no texto. Essa recorrência teve como função marcar a concentração do texto em um dos tópicos abordados. Dessa forma, a repetição de palavras destaca-se como um dos recursos que promovem a continuidade do texto.

V. A metáfora do penúltimo parágrafo reitera a idéia de que a inclusão de palavras estrangeiras no léxico do português não representa uma das tarefas mais significativas da lingüística no Brasil.

Assinale a alternativa que apresenta apenas as afirmativas CORRETAS.

a) I, III, IV e V.

b) I, II e III.

c) III, IV e V.

d) I, II e V.

e) II, III, IV e V.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 41

Pérolas, porcos e patetas

Bia Abramo

[1]"Graças a Deus, nunca fui de ler livro." A frase, definitiva, é de uma das ilustres celebridades criadas no laboratório do "BBB", um tal de Fernando.

É má política ficar indignado com aquilo que já sabemos não ser digno de atenção, mas, ainda assim, por vezes a estupidez dá tais sustos na gente que é difícil ficar impassível.

[5]Neste caso, o mais intrigante não é, evidentemente, o fato de o moço não ser de "ler livros". A cultura escrita não goza lá de muito prestígio entre nós, brasileiros, falando de maneira bem genérica. Se consideramos o microcosmo do "BBB" — gente jovem, considerada bonita, com pendores exibicionistas, ambição de se tornar celebridade e propensa a ganhar dinheiro fácil —, o índice deve tender a quase zero.

O mais revelador é o alívio com que ele se expressa, como a dizer: "Graças a Deus não fui [10]amaldiçoado com essa estranhíssima vontade, esse gosto bizarro, esse defeito de caráter". Qual é, exatamente, a ameaça que se pensa haver nos livros, ficamos sem saber, mas o temor de pertencer ao esquisito grupo daqueles que "são de ler livro" fala por si só.

Por outro lado, é nesses momentos de espontaneidade real que o "BBB" tem algum interesse. Embora aqueles que chegaram ao programa não sejam, a rigor, representativos de nada, nessas brechas [15]escapa o que vai na cabeça dessas moças e rapazes, de certa forma parecidos com os que estão do lado de fora. O desprestígio do conhecimento letrado é marca funda da sociedade brasileira — e, quando é formulado com tanta veemência e clareza, é preciso prestar atenção.

Enquanto isso, na universidade de Aguinaldo Silva, o pau come. Na novela "Duas Caras", a instituição de ensino é palco de uma luta renhida entre aqueles que "querem estudar" — para vencer na [20]vida, não mais do que isso; estudar aqui tem um valor de troca muito claro — e o bando

de baderneiros e oportunistas, identificados como “de esquerda”, que querem tumultuar o projeto “eficiente” do reitor, um ex-militante convertido ao ensino privado.

Todos estudam lá — as mulatas sestrosas da favela, as patricinhas do condomínio, a mulher adulta que volta à sala de aula. Só não se sabe, ao certo, o que se estuda — embora haja gente empunhando livros e cadernos, não há uma indicação sequer (nem nos diálogos, nem nas trajetórias dos personagens) de que, em uma universidade, ao contrário dos shoppings do ensino, deva se produzir conhecimento e que o conhecimento de verdade é transformador. Justamente o que deve temer o “brother” Fernando.

Folha de São Paulo, 3/2/2008

41 - (UNIMONTES MG)

“. . . por vezes a estupidez dá tais sustos na gente que é difícil ficar impassível.” (linha 4)

Sobre o elemento de coesão **que**, no trecho destacado, é CORRETO afirmar:

a) Trata-se de uma conjunção e estabelece aqui uma relação de causa/conseqüência entre as orações que ela liga.

b) Trata-se de um pronome relativo que substitui, no caso, o antecedente “gente”, restringindo o sentido dessa palavra.

c) Trata-se do segundo termo de uma expressão, a qual tem por finalidade dar realce à informação que a mesma introduz.

d) Trata-se de uma conjunção coordenativa explicativa e introduz uma justificativa para o que se disse na oração anterior.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 42

TEXTO 1

Uns certos profundíssimos filólogos negam-nos, a nós brasileiros, o direito de legislar sobre a língua que falamos. Parece que os cânones desse idioma ficaram de uma vez decretados em algum concílio celebrado aí pelo século XV. Esses cânones só têm o direito de infringi-los quem nasce da outra banda, e goza a fortuna de escrever nas ribas históricas do Tejo e Douro ou nos amenos prados do Lima e do Mondego.

Nós, os brasileiros, apesar de orçarmos já por mais de dez milhões de habitantes, havemos de receber a senha de nossos irmãos, que não passam de um terço daquele algarismo. Nossa imaginação americana, por força terá de acomodar-se aos moldes europeus, sem que lhe seja permitido revestir suas formas originais.

Sem nos emaranharmos agora em abstrusas investigações filológicas, podemos afirmar que é este o caso em que a realidade insurge-se contra a teoria. O fato existe, como há poucos dias escreveu o meu distinto colega em uma apreciação por demais benévola. É vã, senão ridícula, a pretensão de o aniquilar. Não se junge a possante individualidade de um povo jovem a expandir-se ao influxo da civilização, com as teias de umas regrinhas mofentas.

Desde a primeira ocupação que os povoadores do Brasil, e após eles seus descendentes, estão criando por todo este vasto império um vocabulário novo, à proporção das necessidades de sua vida americana, tão outra da vida européia.

Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduzem os usos e sentimentos. Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inauferível direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abrasileirando o instrumento das idéias.

(José de Alencar. O Nosso Cancioneiro. In: *Obra Completa*. v. 4. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960, p. 965-966. Adaptado.)

42 - (UFPE)

Analise o que se afirma a seguir, acerca das funções discursivas desempenhadas por elementos lingüísticos presentes no Texto 1.

1. No trecho: "*Parece que os cânones desse idioma ficaram de uma vez decretados em algum concílio celebrado aí pelo século XV.*", os termos em destaque expressam precisão, exatidão na referência temporal.

2. No trecho: "*Esses cânones só têm o direito de infringi-los quem nasce da outra banda*", o sujeito '*esses cânones*' é retomado na forma pronominal '*los*', o que funciona como recurso coesivo.

3. No segmento: "*Não se junge a possante individualidade de um povo jovem a expandir-se ao influxo da civilização, com as teias de umas regrinhas mofentas.*", o diminutivo foi utilizado para reforçar o caráter depreciativo que o autor quis imprimir a esse trecho.

4. No trecho: "*Desde a primeira ocupação que os povoadores do Brasil (...) estão criando por todo este vasto império um vocabulário novo, à proporção das necessidades de sua vida americana, tão outra da vida européia.*", o termo sublinhado tem função adjetiva, e equivale semanticamente a '*diferente*'.

Estão corretas apenas:

a) 1, 2 e 3

b) 2, 3 e 4

c) 1, 3 e 4

d) 1, 2 e 4

e) 1 e 4

TEXTO: 9 - Comum à questão: 43

Carlos Drummond de Andrade publicou seus *Contos de aprendiz* quando já se aproximava dos cinqüenta anos de idade. Por que um poeta consagrado decidiria arriscar a reputação [3]num terreno que, aparentemente, lhe era estranho? Quando reuniu os contos que compõem este volume, Drummond já tinha publicado alguns de seus livros mais importantes [...]. Não precisava, mais, de aventuras. Já tinha experimentado também o papel de prosador pelo [6]menos por duas vezes [...]. Deveria, pode-se pensar, se dar por satisfeito. Os contos aqui reunidos guardam, porém, uma outra estrutura. Se Drummond preferiu chamá-los "de aprendiz", não se referia, contudo, a uma iniciação. A palavra aprendiz indica, em princípio, [9]aquele que tateia em um ofício, que não passa de um iniciante. O poeta era, talvez, ainda um principiante na prosa, mas na poesia já era um mestre. É do exercício dessa maestria, e do prazer em experimentá-la em terrenos distantes, de transportá-la para outras regiões [12]sem que ela se perca, portanto, que se trata.

CASTELLO, José. Prefácio. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos de aprendiz. 49. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 7.

43 - (UFRN)

Considerando-se a coesão textual estabelecida no fragmento e a obediência ao padrão culto da língua, a oração **que, aparentemente, lhe era estranho** (linha 3) poderia ser construída assim:

a) que o era, aparentemente, estranho.

b) que era-o, aparentemente, estranho.

c) que, aparentemente, era estranho a ela.

d) que, aparentemente, era estranho a ele.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 44

17/07 - 18:26, atualizada às 18:26 17/07 – Redação Trechos das gravações divulgadas pela Polícia Federal

[01]Protógenes - Sonegação fiscal, e outros crimes que por [02]ventura... formação de quadrilha e informação [03]privilegiada. Foram esses crimes...

[04]Voz - A estrutura principal desse inquérito que você [05]instaurou é a questão do laudo que trata da gestão [06]fraudulenta mais a corrupção?

[07]Protógenes - Isso é. Esse inquérito está sequinho. Eu já [08]tenho... Como é que ele se materializou? Ele se [09]materializa com análise do laudo, análise do HD que as [10]informações passadas que foi estratificado através [11]desse laudo da Justiça Federal (...)

[12]Corte (...)

[13]Troncon – Outra coisa importante deixar muito claro, esses [14]inquéritos estão tombados na DELEFIN (Delegacia de [15]Crimes Financeiros), o Ricardo Saad tá aqui, que pedi [16]que ele participasse

porque ele está como chefe da [17]DELEFIN, o superintendente tá dizendo que ele vai [18]permanecer, se (inaudível) vai ou não, [19]independentemente de quem ta aqui quem não tá, se é [20](inaudível) (...)

[21]Protógenes - Deixa eu só fazer uma ressalva...

[22]Troncon – Deixa eu concluir. Então olha só, o local do [23]crime é aqui, pelo menos parte dele, (inaudível) o [24]inquérito é tombado lá, então pô, tem que ter um [25]alinhamento uma simetria completa com a chefia da [26]delegacia, com a DECOR (Delegacia de Combate ao [27]Crime Organizado), com o superintendente, com o [28]DELEFIN e comigo.

[29]**Seqüência reunião**

[30]Protógenes - E até mesmo depois da academia eu não [31]pretendo. Minha proposta é, eu fico até o final da [32]operação, até o final... eu criei um problema para os [33]meus colegas delegados, que é um grande problema, e [34]acredito para você também, e a minha proposta é essa, [35]permanecer minha vinculação no seu gabinete [36](Troncon) a sua disposição até o final desse trabalho, [37]para não ficar aquela pecha que Brasília vem fazer [38]operação nos Estados e deixa no meio do caminho, as [39]minhas nunca ficaram no meio do caminho, as minhas [40]nunca ficaram e a exemplo dessa não vai ficar... (...)

Disponível no site http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/07/17/leia_e_ouca_os_trechos_das_gravacoes_divulgadas_pela_policia_federal_1451610.html. Acesso em 18 de agosto de 2008.

44 - (UFT TO)

Este texto transcrito faz parte das três seqüências do áudio da reunião da Policia Federal, quando o delegado Protógenes Queiroz comenta sua decisão de se afastar da presidência do inquérito da Operação Satiagraha. É possível ouvir também o Diretor de Combate ao Crime Organizado, Roberto Troncon.

Considerando que a transcrição do evento comunicativo constitui-se de um discurso informal, podemos afirmar que:

a) nas linhas 38 e 39, a reiteração da expressão “no meio do caminho” favorece a coesão das idéias, além de contribuir para a organização do assunto.

b) nas linhas 34, 35 e 36 “(...) e a minha proposta é **essa**, permanecer minha vinculação no seu gabinete (Troncon) a sua disposição até o final desse trabalho (...)”, caso o texto fosse transcrito na norma padrão permaneceria o uso do pronome *essa*, pois esse conectivo tem como função antecipar, anunciar o que vem depois.

c) “(...) a questão do laudo (...)”, linha 05, é uma paráfrase do segmento “(...) desse inquérito (...)”, linha 04.

d) as expressões “Isso, é.”, linha 07, “Como é que (...)”, linha 08, e “Deixa eu (...)”, linha 21, reiteram o desenvolvimento continuado do discurso e atuam na organização hierárquica do texto no sentido de garantir a relação de unidade semântica.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 45

Carioca da gema

[1]Carioca, carioca da gema seria aquele [2]que sabe rir de si mesmo. Também por isso, [3]aparenta ser o mais desinibido e alegre dos [4]brasileiros. Que, sabendo rir de si e de um [5]tudo, é homem capaz de se sentar no meio [6]fio e chorar diante de uma tragédia.

[7]O resto é carimbo.

[8]Minha memória não me permite [9]esquecer. O tio mais alto, o meu tio-avô [10]Rubens, mulherengo de tope, bigode frajola, [11]carioca, pobre, porém caprichoso nas roupas, [12]empaletozado como na época, empertigado, [13]namorador impenitente e alegre e, pioneiro, a [14]me ensinar nos bondes a olhar as pernas [15]nuas das mulheres e, após, lhes oferecer o [16]lugar. Que havia saias e pernas nuas nos [17]meus tempos de menino.

[18]Folgado, finório, malandreco, vive de [19]férias. Não pode ver mulher bonita, [20]perdulário, superficial e festivo até as [21]vísceras. Adjetivação vazia... E só idéia [22]genérica, balela, não passa de carimbo.

[23]Gosto de lembrar aos sabidos, [24]perdedores de tempo e que jogam conversa [25]fora, que o lugar mais alegre do Rio é a [26]favela. É onde mais se canta no Rio. E, aí, o [27]carioca é desconcertante. Dos favelados [28]nasce e se organiza, como um milagre, um [29]dos maiores espetáculos de festa popular do [30]mundo, o Carnaval.

[31]O carimbo pretensioso e generalizador [32]se esquece de que o carioca não é apenas o [33]homem da Zona Sul badalada – de [34]Copacabana ao Leblon. Setenta e cinco por [35]cento da população carioca moram na Zona [36]Centro e Norte, no Rio esquecido. E lá, sim, o [37]Rio fica mais Rio, a partir das caras não [38]cosmopolitas e se o carioca coubesse no [39]carimbo que lhe imputam não se teriam [40]produzido obras pungentes, inovadoras e [41]universais como a de Noel Rosa, a de Geraldo [42]Pereira,

a de Nélson Rodrigues, a de Nélson [43]Cavaquinho... Muito do sorriso carioca é [44]picardia fina, modo atilado de se driblarem os [45]percalços.

[46]Tenho para mim que no Rio as ruas [47]são faculdades; os botequins, universidades. [48]Algumas frases apanhadas lá nessas bigornas [49]da vida, em situações diversas, como [50]aparentes tipos-a-esmo:

[51]"Está ruim pra malandro" – o [52]advérbio até está oculto.

[53]"Quem tem olho grande não entra na [54]China."

[55]"A galinha come é com o bico no [56]chão."

[57]"Tudo de mais é veneno."

[58]"Negócio é o seguinte: dezenove não [59]é vinte."

[60]"Se ginga fosse malandragem, pato [61]não acabava na panela."

[62]"Não leve uma raposa a um [63]galinheiro."

[64]"Se a farinha é pouca o meu pirão [65]primeiro."

[66]"Há duas coisas em que não se pode [67]confiar. Quando alguém diz 'deixe comigo' ou [68]'este cachorro não morde'."

[69]"Amigo, bebendo cachaça, não faço [70]barulho de uísque."

[71]"Da fruta de que você gosta eu como [72]até o caroço."

[73]"A vida é do contra: você vai e ela [74]fica."

[75]Como filosofia de vida ou não, [76]vivendo em uma cidade em que o excesso de [77]beleza é uma orgia, convivendo com belezas [78]e mazelas, o carioca da gema é um dos [79]poucos tipos nacionais para quem ninguém é [80]gaúcho, paraibano, amazonense ou paulista.

[81]Ele entende que está tratando com [82]brasileiros.

(João Antônio. Ô, Copacabana)

45 - (UECE)

Uma importante função das expressões referenciais é redefinir o elemento referido. Ao longo do texto, novas expressões vão substituindo as anteriores e, assim, transformando esse elemento.

Assinale a opção em que a frase destacada apresenta elemento referencial que desempenha essa função.

a) "Minha memória não me permite esquecer." (refs. 8-9)

b) "Que havia saias e pernas nuas nos meus tempos de menino." (refs. 16-17)

c) "Algumas frases apanhadas lá nessas bigornas da vida, em situações diversas, como aparentes tipos-a-esmo" (refs. 48-50)

d) "Ele entende que está tratando com brasileiros." (refs. 81-82)

TEXTO: 12 - Comum à questão: 46

[01]Em 1837, após longa viagem a bordo do navio [02]britânico H.M.S. Beagle, com o objetivo de fazer um [03]levantamento dos recursos e da cartografia das [04]costas setentrionais da América do Sul, Darwin [05]passou a escrever suas primeiras notas sobre a [06]origem das espécies. (...)

[07]Considerando a variação de cada indivíduo de [08]uma população, Darwin chegou à conclusão de que [09]alguns estariam mais aptos que outros e assim [10]venceriam a competição pela sobrevivência. Os [11]indivíduos mais adaptados ao meio possuiriam [12]variações vantajosas em relação aos demais. A esse [13]processo Darwin denominou seleção natural.

[14](...)

[15]Durante a década de 1840, consciente das [16]implicações de seu trabalho sobre a tese da imutabilidade [17]das espécies e sobre os preceitos religiosos, [18]Darwin estudou minuciosamente os mecanismos da [19]evolução, baseando-se na teoria da seleção natural, [20]sem publicar suas ideias. (...) Seu livro A origem das [21]espécies foi finalmente lançado em 1859, sendo o [22]mais vendido daquele ano, com uma tiragem de 1250 [23]exemplares. Apesar das provas detalhadas apresentadas [24]nessa publicação, as ideias de Darwin encontraram [25]fortes oponentes, tanto na comunidade científica [26]quanto na religiosa. (...)

[27]Sua teoria passou a ser totalmente aceita pelo [28]meio científico apenas no século 20, quando [29]pesquisadores encontraram as publicações do monge e [30]botânico austríaco Johann Gregor Mendel (1822-[31]1884), o qual descobrira a transmissão hereditária [32]dos caracteres.

ABRÃO, Maria Sílvia. Navegando pelo mundo, Darwin revolucionou

a ciência. Disponível em: http//educação uol.com.br/

ciências/ Acesso em: 04/05/2009 (fragmento adaptado).

46 - (PUC RS)

Analise as possibilidades de reescrita do primeiro parágrafo do texto, apresentadas abaixo.

I. Em 1837, após longa viagem a bordo do navio britânico H.M.S. Beagle objetivando de fazer um levantamento dos recursos e da cartografia das costas setentrionais da América do Sul, que Darwin passou a escrever suas primeiras notas sobre a origem das espécies.

II. Com o objetivo de levantar recursos e cartografar as costas do sul da América do Sul após longa viagem, feita a bordo do navio inglês H. M. Beagle em 1837, Darwin deu início aos registros primários referentes a origem das espécies.

III. Após demorada viagem, realizada a bordo do navio britânico H.M.S. Beagle, para coletar dados e cartografar as costas setentrionais da América do Sul, Darwin iniciou em 1837, suas anotações a cerca da origem das espécies.

IV. Foi em 1837 que Darwin iniciou a tomada de notas acerca da origem das espécies – após longa viagem no H.M.S. Beagle, navio britânico a bordo do qual percorreu a costa setentrional da América do Sul coletando informações sobre recursos e sobre a cartografia.

O(s) parágrafos correto(s) e coerente(s) é/são, apenas,

a) I.

b) II.

c) III.

d) IV.

e) II e IV.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 47

Até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?

Desde que nascemos, estamos mergulhados no mundo da linguagem. Da língua pertencente ao meio em que vivemos. Crescemos dentro da nossa família ouvindo nossos pais. Nosso pensamento, a forma de entendermos as coisas, o mundo, tudo começa, então, a ter sentido pelas palavras, pela linguagem. Construímos, na consciência, uma espécie de "biblioteca" onde depositamos tudo o que é ouvido e entendido. Guardamos idéias, significados, palavras e, com essa "base de dados", nos expressamos e criamos novos sentidos. É como se selecionássemos - pegando na prateleira da biblioteca - palavra por palavra, criando e recriando estruturas de entendimento para a comunicação.

Por que falamos? Por que o homem, diferente dos outros animais, fala? Por que somente nós temos essa faculdade e, até onde se sabe, já impressa em nossa consciência? Poucas pessoas, acredito, têm parado para analisar essas questões. Pesquisas e trabalhos realizados nesse sentido procuram, ainda, respostas precisas para a pergunta "por que o homem fala". Levando-se em conta tais pesquisas, percebemos que, em um determinado momento da humanidade, o homem passou a falar. É interessante pensar nessas questões, porque nos perguntamos a partir de quê ou do quê o homem descobriu que possuía, além de outras, a faculdade da linguagem.

Não temos relatos, se é que eles existem, que nos forneçam dados sobre quando o homem começou a falar. Simplesmente falamos. Ao acompanharmos o crescimento de uma criança, notamos como a necessidade de falar é presente na vida humana... O quanto falar faz de nós parte do mundo...! Algumas pesquisas nessa área mostram que, no caso da criança, a primeira palavra murmurada já representa seu ingresso no universo da linguagem e o abandono do estado da natureza. Assim, pode-se dizer que é a linguagem que possibilita a tomada de consciência do indivíduo como entidade distinta. Outra questão que intriga o pensamento e os mistérios da vida é por que falar, viver em sociedade com seres falantes, é quase uma necessidade de sobrevivência. Imaginemos, eu, você, todos nós, sem nos comunicar, sem trocar uma palavra sequer com qualquer pessoa que seja durante toda a vida? Provavelmente morreríamos de angústia...De solidão.

Para a Professora Ana Lúcia C. R. Novelli, autora que trata dessas questões, "a língua são os primeiros traços de identificação da humanidade no homem. Ao se perceber como habitante da linguagem, o homem rompe com o estado inicial da natureza, na qual estão inseridos os animais e os próprios homens ao nascerem, e ingressa no estado de cultura resultante da organização social e do partilhamento da vida em comum". Segundo essa autora, o homem difere dos animais a partir do momento em que percebe a necessidade do uso da linguagem. Na linguagem e pela linguagem é que "o homem vai se constituir como sujeito. É desta forma que a linguagem, ao viabilizar a relação

das pessoas, vai permitir o retorno sobre si como individualidade distinta possibilitando, então, a comunicação inter-humana". Ou, ainda, "é exatamente em torno da linguagem que o pensamento, a consciência e a reflexão se articulam e possibilitam a organização do mundo pelos homens que, por *isso, se tornam capazes de estabelecer uma relação de autonomia e a sua própria vivência nesse mundo organizado".*

(Luciana Arruda. http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=199&rv=
Literatura. Acessado em 14/08/2008. Adaptado).

47 - (UPE)

No texto, é visível o emprego de recursos sintático-semânticos que promovem a sua coesão. Analise, sob esse ângulo, os comentários a seguir.

I. A ocorrência de expressões semanticamente próximas (como 'linguagem', 'comunicação', 'palavras', 'significado', 'língua') constitui um dos recursos coesivos, pois contribui para a unidade temática que todo textoeve apresentar.

II. Em: "Não temos relatos, se é que eles existem", o pronome sublinhado é um procedimento de reiteração, pois retoma uma referência anterior, funcionando, assim, como elo de um nexo coesivo.

III. Em: "Levando-se em conta tais pesquisas...", a interpretação desse trecho requer a identificação, em partes prévias do texto, do elemento já referido, o que assegura a continuidade das referências feitas no texto.

IV. Em: "É interessante pensar nessas questões porque nos perguntamos..."; ou em: "notamos como a necessidade de falar é presente na vida humana", os conectivos sublinhados articulam orações, embora não expressem nenhum valor semântico. São, portanto, um recurso puramente sintático.

V. No primeiro parágrafo, há uma reiterada ocorrência de verbos na primeira pessoa do plural ('nascemos', 'crescemos', 'construímos', 'guardamos'). Esse procedimento deixa em paralelismo sintático várias estruturas, o que constitui um outro fator da coesão do texto.

São CORRETOS **apenas** os comentários feitos na alternativa

a) I, II, III e IV.

b) II, III e IV.

c) I, III e IV.

d) I, II, III e V.

e) II e V.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 48

Disparidades raciais

Fator decisivo para a superação do sistema colonial, o fim do trabalho escravo foi seguido pela criação do mito da democracia racial no Brasil. Nutriu-se, desde então, a falsa idéia de que haveria no país um convívio cordial entre as diversas etnias.

Aos poucos, porém, pôde-se ver que a coexistência pouco hostil entre brancos e negros, por exemplo, mascarava a manutenção de uma descomunal desigualdade socioeconômica entre os dois grupos e não advinha de uma suposta divisão igualitária de oportunidades.

O cruzamento de alguns dados do último censo do IBGE relativos ao Rio de Janeiro permite dimensionar algumas dessas inequívocas diferenças. Em 91, o analfabetismo no Estado era 2,5 vezes maior entre negros do que entre brancos, e quase 60% da população negra com mais de 10 anos não havia conseguido ultrapassar a 4ª. série do 1º. grau, contra 39% dos brancos. Os números relativos ao ensino superior confirmam a cruel seletividade imposta pelo fator socioeconômico: até aquele ano, 12% dos brancos haviam concluído o 3º. Grau, contra só 2,5% dos negros.

É inegável que a discrepância racial vem diminuindo ao longo do século: o analfabetismo no Rio de Janeiro era muito maior entre negros com mais de 70 anos do que entre os de menos de 40 anos. Essa queda, porém, ainda não se traduziu numa proporcional equalização de oportunidades.

Considerando que o Rio de Janeiro é uma das unidades mais desenvolvidas do país e com acentuada tradição urbana, parece inevitável extrapolar para outras regiões a inquietação resultante desses dados.

(Folha de São Paulo, 9. de jun. de 1996. Adaptado).

48 - (UFS SE)

Uma análise do texto ***Disparidades raciais*** nos revela que existe coesão entre seus vários segmentos. Por exemplo:

1. a repetida referência a 'brancos' e 'negros' atesta que o tema do texto se mantém em desenvolvimento.
2. expressões como 'desde então', 'aos poucos', não cumprem uma função coesiva, pois não se localizam em pontos estratégicos dos parágrafos.
3. o conectivo 'porém' (que aparece duas vezes) cria uma relação de oposição entre segmentos do texto.
4. em: "o analfabetismo no Rio de Janeiro era muito maior entre negros com mais de 70 anos do que entre os de menos de 40 anos. Essa queda, porém, ainda não se traduziu ...", a expressão sublinhada leva o leitor a voltar ao texto precedente. Instaura-se, assim, um nexo coesivo.
5. a proximidade de sentido entre palavras como 'negro', 'branco'; 'racial', 'etnia'; 'analfabetismo, 'ensino superior' é um indicativo da unidade temática do texto.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3, 4 e 5

b) 1, 3, 4 e 5 apenas

c) 1, 2, 4 e 5 apenas

d) 2 e 3 apenas

e) 4 e 5 apenas

TEXTO: 15 - Comum à questão: 49

Os puristas e a mentira do "vale-tudo"

Atenção! Cuidado! Alerta! Não acredite nos puristas que andam declarando nos meios de comunicação que os linguistas são defensores do "vale-tudo" na língua. Esse é mais um dos muitos argumentos falaciosos que eles utilizam para desqualificar os resultados das pesquisas científicas e as propostas de renovação da pedagogia de língua inspiradas em critérios mais racionais e menos dogmáticos, e em posturas políticas menos intolerantes e mais democráticas.

É claro que, numa perspectiva exclusivamente linguística, de análise da língua em seu funcionamento interno, tudo tem o seu valor. Afinal, como nada na língua é por acaso, então toda e qualquer manifestação linguística está sujeita a regras e tem sua lógica interna: não há razão para atribuir maior ou menor valor à forma linguística A ou à forma linguística B. Seria algo tão inaceitável quanto um zoólogo achar que as borboletas têm maior valor que as joaninhas e que, por isso, as joaninhas devem ser eliminadas... Para o cientista da linguagem, toda manifestação linguística é um fenômeno que merece ser estudado, é um objeto digno de pesquisa e teorização, e se uma forma nova aparece na língua, é preciso buscar as razões dessa inovação, compreendê-la e explicá-la cientificamente, em vez de deplorá-la e condenar seu emprego.

Mas o linguista consciente também sabe que a língua está sujeita a avaliações sociais, culturais, ideológicas, e que precisa também ser estudada numa perspectiva sociológica, antropológica, política etc. Nessa perspectiva, existem formas linguísticas que gozam de maior prestígio na sociedade, enquanto outras – infelizmente – são alvo de estigma, discriminação e até de ridicularização. As mesmas desigualdades, injustiças e exclusões que ocorrem em outras esferas sociais – no que diz respeito, por exemplo, ao sexo da pessoa, à cor da pele, à orientação sexual, à religião, à classe social, à origem geográfica etc. – também exercem seu peso sobre a língua ou, mais precisamente, sobre modos particulares de falar a língua.

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim!* –

São Paulo: Parábola, 2009, p.35-36.

49 - (UFAL)

Mais relevante do que saber em que classe gramatical uma palavra se enquadra é saber que função essa palavra desempenha no texto e que efeito de sentido provoca no discurso. Nessa perspectiva, assinale a alternativa correta.

a) No trecho: "Não acredite nos puristas que andam declarando nos meios de comunicação que os linguistas são defensores do "vale-tudo" na língua. Esse é mais um dos muitos argumentos falaciosos que eles utilizam para desqualificar os resultados das pesquisas científicas (...).", os

pronomes destacados levam o leitor a realizar um movimento de retomada no texto, o que promove a coesão entre fragmentos desse trecho.

b) No trecho: “Afinal, como nada na língua é por acaso, então toda e qualquer manifestação linguística está sujeita a regras e tem sua lógica interna:”, o termo destacado é uma conjunção que, nesse contexto, tem valor comparativo.

c) No trecho: “É claro que, numa perspectiva exclusivamente linguística, de análise da língua em seu funcionamento interno, tudo tem o seu valor.”, a expressão ‘É claro’ expressa um sentido adverbial de dúvida e suposição.

d) O último parágrafo é iniciado com uma conjunção: “*Mas o linguista consciente também sabe que a língua está sujeita a avaliações sociais, culturais, ideológicas, (...).*”, que cumpre a função de intensificar a referência feita ao número de ‘linguistas conscientes’.

e) No trecho: “existem formas linguísticas que gozam de maior prestígio na sociedade, enquanto outras – infelizmente – são alvo de estigma, discriminação e até de ridicularização.”, o advérbio destacado indica o modo como as formas linguísticas são discriminadas.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 50

Conter a obesidade é um desafio tão urgente para o Brasil quanto acabar com a fome. Ninguém sabe ao certo quantos são os famintos brasileiros, mas o programa Fome Zero pretende atingir 44 milhões de pessoas. Por outro lado, o contingente com excesso de peso já ultrapassa a assustadora marca dos 70 milhões - cerca de 40% da população. Não há dúvida: o Brasil que come mal é maior do que o Brasil que tem fome. Apesar do tamanho do problema, falta ao país um esforço maciço de combate ao flagelo da gordura, que abre caminho para o surgimento de mais de 30 doenças e sobrecarrega o orçamento da saúde com internações hospitalares que poderiam ser evitadas. 'As autoridades não podem achar que há contradição entre atacar a fome e a obesidade ao mesmo tempo', comenta o endocrinologista Walmir Coutinho, 'mas os dois são problemas complementares.'

Mesmo entre os pobres, a ocorrência de excesso de peso supera a fome. 'Nas favelas, verifica-se que a obesidade é mais prevalente que a desnutrição', comenta Coutinho. Nos últimos 20 anos, a obesidade infanto-juvenil cresceu 66% nos Estados Unidos e desencadeou uma batalha jurídica contra as cadeias de fast-food semelhante à guerra contra o tabaco. No Brasil, o crescimento ocorreu com um ritmo especialmente acelerado nas camadas sociais mais baixas. A consciência do problema ainda é incipiente, embora a Organização Mundial de Saúde tenha declarado a obesidade

uma epidemia global que ameaça principalmente os países em desenvolvimento. Dos 6 bilhões de habitantes do planeta, 1,7 bilhão está acima do peso. A exportação do modelo americano de progresso - urbanização, proliferação de carros, junk food e longas jornadas de trabalho em frente ao computador - leva países emergentes, como Brasil, Índia e África do Sul, a um paradoxo. Em duas gerações, grande parte da população passou da desnutrição à obesidade porque teve acesso a grande quantidade de comida barata e ruim, industrializada, cheia de gorduras e açúcar.

O resultado é desastroso: as pessoas ganham peso sem acumular nutrientes essenciais. A classe média e os ricos encontram meios eficazes de combater a obesidade, responsável por 30% das mortes no Brasil. Podem pagar por programas de emagrecimento e atividade física não acessíveis aos menos favorecidos. Por isso, cada vez mais a obesidade estará relacionada à pobreza. 'A fome é uma tragédia que precisa ser combatida, mas a obesidade atinge ainda mais gente no Brasil e acarreta um ônus mais elevado', comenta o endocrinologista Alfredo Halpern, um dos fundadores da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade.

A gravidade da situação exige um esforço articulado de saúde pública e medidas criativas.

(http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT590194-1653,00.html)

50 - (UPE)

Todo texto é marcado por uma continuidade e uma unidade que se manifestam, desde a sua superfície, pelo uso de diferentes recursos lexicais e gramaticais. Essa continuidade e essa unidade constituem as propriedades da coerência e da coesão do texto. Nesse sentido, analise as observações que são feitas a seguir.

I. Quanto à unidade temática do texto, percebe-se que a questão tratada se bifurca numa relação paradoxal: por um lado, os que têm fome; por outro, os que sofrem de obesidade. No meio, a ideia de que a obesidade não é prerrogativa dos ricos.

II. O paralelismo expresso na comparação: "Não há dúvida: o Brasil que come mal é maior do que o Brasil que tem fome." reitera o ponto de vista que dá unidade de sentido ao texto. Essa reiteração assegura a coesão e a coerência do texto.

III. No início do penúltimo parágrafo, o autor afirma: "O resultado é desastroso: as pessoas...". A compreensão do termo sublinhado resulta do conhecimento do vocabulário, de maneira que não é necessário voltar a partes anteriores do texto para identificar o objeto referido.

IV. A concentração lexical do texto em palavras da mesma área semântica (como saúde, obesidade, gordura, comida, fome, desnutrição etc.), associada a outros recursos da coesão, concorre para a sustentação de sua coerência global.

V. Como conclusão, o texto fala em: “A gravidade da situação”. Mas que ‘situação’? O autor supõe que o leitor, encadeando diferentes pontos do texto, é capaz de identificar o objeto que está sendo referido na expressão grifada.

Assinale a alternativa que apresenta as afirmativas CORRETAS.

a) II, III, IV e V, apenas.

b) I, II, IV e V, apenas.

c) I, II e III, apenas.

d) I, II e V, apenas.

e) I, II, III, IV e V.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 51

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do “Homo sapiens”: o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao “Homo erectus”.

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009. Adaptado.

51 - (FUVEST SP)

No trecho “semelhante à de macacos”, fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

a) A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.

b) Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevê aberta à moda brasileira.

c) Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.

d) A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.

e) Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 52

Considere o excerto e a obra *O presidente negro,* de Monteiro Lobato.

[1] A idéia do expatriamento para o vale do Amazonas tinha um ponto fraco: só podia ser voluntária e o negro não se mostrava inclinado a trocar a cidadania americana por outra qualquer. O processo científico de embranquecê-los aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o encarapinhamento dos cabelos. O [5] desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar. Se isso se desse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisto, a perfeita *camouflage* do negro em branco. Tal saída, entretanto, era apenas um sonho dos imaginativos impenitentes. E, como a repartição do país em duas zonas não fosse forma aceita pelos brancos, iam os Estados Unidos entrar no seu [10] 88º período presidencial com o mesmo problema que 339 anos antes preocupara o grande George Washington.

Enquanto Miss Jane falava, naquele tom impessoal e frio de sábio a fazer conferência pública, toda ela cérebro e cultas expressões na boca, eu, humano que sou, envolvia-a nos meus ternos olhares de carneiro amoroso, e essa minha excessiva [15] atenção à parte corpórea da encantadora vidente me fez perder muita coisa interessante das suas revelações. Distraía-me, preso àquele lindo

presente de olhos azuis sempre a pairar pelas eras futuras. Quando, por exemplo, ela entrou a descrever o tipo dos negros descascados do ano 2228, confesso que perdi metade das suas observações. Achavame no momento a namorar o mimoso lóbulo da sua orelha esquerda, onde brincava um [20] raio de sol. Esse fio de luz acendia-lhe em ouro a penugem finíssima e o tornava do róseo translúcido de certos veios da ágata. Perdi-me no gracioso pedacinho de carne, como a sua dona andava perdida em plena despigmentação do século XXIII. A poesia falou em mim e uma imagem lírica entreabriu a pieguice das suas pétalas.

Monteiro Lobato, em *O presidente negro*, p. 121 e 122.

52 - (UDESC SC)

Analise as proposições.

I. Da leitura de "Perdi-me no gracioso pedacinho de carne, como a sua dona andava perdida em plena despigmentação do século XXIII" (ref. 20), compreende-se que, embora estivessem próximos pela temática da obra, estavam distantes pelos interesses diferentes.

II. Sabendo-se que a coesão é a articulação dos enunciados entre si, pode-se dizer que são exemplos de elementos coesivos "isso" (ref. 5) e "Tal saída" (ref. 5) que estabelecem a coesão dos período em que estão inseridos com a idéia anterior.

III. Da leitura, percebe-se que o redator usa o viés – escolha criteriosa das palavras – tanto para se referir à Miss Jane relatora do futuro: "tom impessoal e frio de sábio" (ref. 10), "toda ela cérebro" (ref. 10), "tipo dos negros descascados" (ref. 15); quanto para se referir à Miss Jane mulher: "lindo presente de olhos azuis" (ref. 15), "brincava um raio de sol" (ref. 15 e 20), "róseo translúcido de certos veios da ágata" (ref. 20), "gracioso pedacinho de carne" (ref. 20), entre outros.

IV. O autor usa a conotação em "A poesia falou em mim e uma imagem lírica entreabriu a pieguice das suas pétalas." (ref. 20), para mostrar a paixão que o narrador nutre por Miss Jane.

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente a afirmativa II é verdadeira.

b) Somente as afirmativas I e II são verdadeiras.

c) Somente a afirmativa IV é verdadeira.

d) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.

e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 53

Science Fiction

O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser
que no existir põe tamanha anulação de existência?

Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.
Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.

E fiquei só em mim, de mim ausente

Carlos Drummond de Andrade
Nova reunião. São Paulo: José Olympio, 1983.

53 - (UERJ)

Na primeira estrofe, é possível observar a ocorrência de um recurso discursivo indicado pelos vocábulos “me” e “consigo”.

Esse recurso pode ser definido como:

a) emprego de duas figuras de estilo

b) presença de mais de um enunciador

c) reiteração da ótica do sujeito poético

d) alusão à diversidade de personagens

TEXTO: 20 - Comum à questão: 54

EX-MARIDO MATA MULHER E LEVA CORPO PARA MÃE

[01]Dia das mães e o coração de dona F. L. [02]ficou angustiado ao ver o corpo da filha sendo [03]jogado em seus pés. J. S., 23, foi morta com um [04]golpe de faca, pelo ex-marido identificado como [05]M. O. R., 23, que não pensou em deixar seus [06]dois filhos órfãos de mãe. O crime aconteceu na [07]manhã desse domingo (9), na rua T. S., bairro J. [08]C., depois de uma discussão entre os dois.

[09]As testemunhas informaram à Polícia que [10]o casal estava em um bar próximo à residência [11]deles quando iniciaram uma briga e, logo em [12]seguida, M. matou a jovem. A família de J. [13]relatou que o assassino, depois de matá-la, foi [14]entregar, com maior frieza, o corpo da vítima na [15]residência da mãe dela e, em seguida, fugiu. [16]Segundo os parentes de J., ele chegou com a [17]jovem nos braços e a jogou no chão, na casa da [18]mãe. Dona F. presenciou a filha morrendo, pois [19]ela ainda respirava com dificuldade quando ele a [20]deixou, como se tivesse lutando para conseguir [21]sobreviver.

54 - (UNIFOR CE)

Levando-se em conta os aspectos de coesão e coerência, é verdadeiro afirmar que

a) em “o coração de dona F. L. ficou angustiado ao ver o corpo da filha” (refs. 1 e 2), há incoerência textual, pois o coração não pode ver.

b) em “o corpo da filha sendo jogado em seus pés” (refs. 2 e 3), há quebra da coesão desde que, em vez de “em seus pés”, deveria ter sido escrito “a seus pés”.

c) em “uma discussão entre os dois” (ref. 8), não há como saber se a discussão foi entre os dois filhos ou entre o marido e a mulher.

d) em “próximo à residência deles” (refs. 10 e 11), “deles” se refere a “casal” (ref. 10), pois, embora “casal” esteja no singular, dá ideia de plural.

e) em “depois de matá-la” (ref. 13), a forma pronominal “la”substitui a palavra “vítima” (ref. 14).

TEXTO: 21 - Comum à questão: 55

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. (...)

Forremo-nos à tarefa de descrever seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

(Euclides da Cunha. **Os sertões**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves;

Brasília, INL, 1979. p. 4070)

55 - (PUCCamp SP)

Expressões como *forremo-nos* e *imaginamo-la* indicam tratar se de uma narração que

a) acentua o caráter puramente imaginativo da matéria narrada.

b) sublinha a natureza histórico-documental da matéria narrada.

c) revela a busca de uma objetiva impessoalidade.

d) determina o gênero fantástico da narrativa.

e) traduz a perspectiva pessoal de quem narra.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 56

O que segue é fragmento do ***Prefácio do tradutor***, na obra **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**: Olímpia antiga e os jogos olímpicos.

[1]O leitor talvez fique surpreso de encontrar a palavra "Grécia" apenas no título deste livro (apenas por uma questão de primeira identificação), ao passo que em todas as outras páginas unicamente se mencione o seu sinônimo mais erudito: [5]"Hélade". Do mesmo modo, não encontrará, como ocorre praticamente em todas as traduções que versam sobre a "Grécia antiga", o etnônimo "grego", com referência ao povo da "Hélade", mas sim o termo "heleno", utilizado para este mister.

Não se trata, desde logo, de pedantismo ou mera [10]afetação de erudição. O termo "Grécia" jamais foi empregado pelos povos de língua helênica para designar o seu país: nos tempos históricos, os helenos chamavam sua pátria de Hellás *(que é, atualmente, o nome oficial do país) e denominavam-se a si mesmos "helenos", nome de uma tribo que, na época das [15]migrações, estabeleceu-se em uma parte da Tessália. Foram os romanos que denominaram* Graii *os colonos de Cumas, pois Graia era o nome de um distrito obscuro da Grécia ocidental, de onde, talvez, tivessem emigrado alguns colonos.* Graeci *é, portanto, uma forma derivada de* Graii*, e* Graecia *foi [20]o nome dado pelos romanos à Hélade. Desse modo, o termo "Grécia" está vinculado ao período de dominação da Hélade pelos romanos. Esse termo se impôs no Ocidente, mesmo depois que a Hélade se tornou independente.*

Ora, recentemente, quando a Hélade passou a fazer [25]parte da União Europeia, o nome que passou a ser incluído entre as nações integrantes foi Hellás *("Hélade")*, *que é o nome oficial do país, e não* Graecia *ou* Greece [...].

(M. Andronicos e outros. Trad. de Luiz Alberto Machado Cabral.

São Paulo: Odysseus Editora, 2004, p. XII)

56 - (PUCCamp SP)

A alternativa que apresenta legítima afirmação, sempre considerado o contexto, é:

a) (refs. 15 e 20) Transpondo Graecia *foi o nome dado pelos romanos à Hélade* para a voz ativa, a forma verbal corretamente obtida é "deu-se".

b) (ref. 20) Transpondo *Esse termo se impôs no Ocidente* para a voz passiva, a forma correta é "Impuseram esse termo no Ocidente".

c) (ref. 20) Na expressão *mesmo depois, mesmo* exprime ideia de inclusão.

d) (ref. 20) O termo *independente* exerce a mesma função sintática exercida pelo segmento destacado em "Concedeu- lhe o abono prometido".

e) (ref. 20) *Ora* foi empregado com o mesmo valor e função notados na frase "Ora é um cavalheiro, ora surpreende pela deselegância".

TEXTO: 23 - Comum à questão: 57

O PAVÃO

[1]Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

[5]Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me [9]cobre de glória e me faz magnífico.

Rubem Braga

57 - (UFF RJ)

No trecho da crônica de Rubem Braga, os elementos coesivos produzem a textualidade que sustenta o desenvolvimento de uma determinada temática.

Com base nos princípios linguísticos da coesão e da coerência, pode-se afirmar que:

a) na passagem, “Mas andei lendo livros” (ref. 1), o emprego do gerúndio indica uma relação de proporcionalidade.

b) o pronome demonstrativo “este” (ref. 5) exemplifica um caso de coesão anafórica, pois seu referente textual vem expresso no parágrafo seguinte.

c) o articulador temporal “por fim” (ref. 5) assinala, no desenvolvimento do texto, a ordem segundo a qual o assunto está sendo abordado.

d) a expressão “Oh! minha amada”(ref. 5) é um termo resumitivo que articula a coerência entre a beleza do pavão e a simplicidade do amor.

e) o pronome pessoal “ele”(ref. 5), na progressão textual, faz uma referência ambígua a “pavão”.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 58

MEMORIAL DE AIRES
(Machado de Assis)

Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores. “Vai vassouras! Vai espanadores!” Costumo ouvi-lo outras manhãs, mas desta vez trouxe-me à memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua. Era o mesmo que ouvi há um ano, em 1887, e talvez fosse a mesma boca.

58 - (ESCS DF)

A expressão inicial do texto – *ora bem* – tem valor de:

a) conjunção conclusiva;
b) palavra denotativa de situação;
c) advérbio de modo;
d) palavra de realce;
e) conjunção explicativa.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 59

Soneto de Despedida

Uma lua no céu apareceu

Cheia e branca; foi quando, emocionada

A mulher a meu lado estremeceu

E se entregou sem que eu dissesse nada.

Larguei-as pela jovem madrugada

Ambas cheias e brancas e sem véu

Perdida uma, a outra abandonada

Uma nua na terra, outra no céu.

Mas não partira delas; a mais louca

Apaixonou-me o pensamento; dei-o

Feliz - eu de amor pouco e vida pouca

Mas que tinha deixado em meu enleio

Um sorriso de carne em sua boca

Uma gota de leite no seu seio.

59 - (IBMEC SP)

A coesão sequencial de um texto pode se dar pela presença de elementos que estabelecem referência. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao referente de cada elemento anafórico identificado no poema.

a) *"Larguei-as pela jovem madrugada"* – o termo sublinhado refere-se a "lua" e "mulher"

b) *"Perdida uma"* - o termo sublinhado refere-se a "jovem madrugada"

c) *"Uma nua na terra"* - o termo sublinhado refere-se a "mulher"

d) *"outra no céu."* - o termo sublinhado refere-se a "lua"

e) *"dei-o"* - o termo sublinhado refere-se a "pensamento"

TEXTO: 26 - Comum à questão: 60

Sujeito, interação e sentidos

Ao longo das últimas décadas, os estudiosos da linguagem verbal passaram a considerar fundamental entendê-la como uma prática social humana, que envolve interação entre sujeitos. A palavra *prática*, aqui, indica uma ação que é feita com regularidade. Já a palavra *sujeito* remete a um indivíduo marcado por uma história, por crenças, valores, conhecimentos. A palavra *interação* indica ação que se realiza na relação com um outro. Pois bem: os sujeitos em interação produzem linguagem e, ao mesmo tempo, são constituídos por ela. O que isso significa?

Mais do que a simples expressão do pensamento ou instrumento de comunicação, a linguagem expressa e cria a identidade dos falantes. (...)

A linguagem, portanto, não pode ser separada dos sujeitos, e vice-versa. Ela está inserida no universo das relações humanas, no embate entre sujeitos, que, a todo momento, reavaliam posições, ideias, emoções e intenções.

Interação viva entre sujeitos em constante transformação, a linguagem cria sentidos e, até mesmo, sentidos pouco previsíveis. Por isso, é insuficiente aquele esquema tradicional dos *Elementos da Comunicação*, segundo o qual um "remetente" emite uma mensagem pronta, uma espécie de "pacote" a ser recebido por um "destinatário", como se esses sujeitos não se modificassem durante a interação, e os sentidos daquilo que eles dizem já estivessem prontos.

Assim, em vez de remetentes e destinatários, falemos em interlocutores, ou seja, em sujeitos constituídos na interação pela linguagem, sujeitos que produzem efeitos de sentido em um contexto social e histórico específico. Além disso, admitamos uma linguagem que se vai fazendo nesses contextos sociais de interação.

Em suma, a linguagem – que está sempre em movimento e constituindo-se – é uma prática social humana de interação entre sujeitos. Por meio dela os interlocutores constroem e expressam sua identidade, em situações de uso ocorridas em contextos sócio-históricos determinados.

(Ricardo Gonçalves Barreto. *Português – ser protagonista.*
São Paulo: Edições, 2010, p. 217. Adaptado).

60 - (UFAL)

A compreensão de um texto deriva, sobretudo, de sua inserção em um contexto social de interação. Isso não significa que seja irrelevante o material linguístico que o constitui. Assim, articulando os elementos contextuais e o material linguístico do Texto 1, podemos afirmar que:

1. o discurso indireto é, neste caso, mais adequado ao tipo e ao gênero de texto escolhido do que o discurso direto, por exemplo.
2. existem na palavra 'interlocutores' marcas morfológicas que expressam a compreensão da linguagem como uma atividade social.
3. a palavra 'interação', que é uma palavra chave para a coerência do texto, pode ser vista como resultado de uma prefixação.
4. o termo 'sujeito', conforme a concepção expressa no texto, designa um ser homogêneo, unívoco, inteiramente autônomo.

5. uma espécie de movimentos contrários pode ser vista nas palavras sublinhadas no seguinte trecho: “Por meio dela (da linguagem) os interlocutores constroem e expressam sua identidade.”

Estão corretas:

a) 1, 2, 3 e 5 apenas

b) 2, 3 e 4 apenas

c) 3 e 5, apenas

d) 1, 2 e 4, apenas

e) 1, 2, 3, 4 e 5

TEXTO: 27 - Comum à questão: 61

Estados Unidos apoiam ascensão do Brasil no cenário internacional

19/03/2011

Wellton Máximo

Os Estados Unidos não apenas reconhecem a ascensão do Brasil como apoiam a inserção cada vez maior do país no cenário internacional, disse hoje (19) o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. O líder norte-americano, no entanto, não expressou apoio explícito à pretensão do Brasil de assumir um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU).

“Continuamos a trabalhar com Brasil para que reformas permitam tornar o Conselho de Segurança um órgão mais eficiente e eficaz”, limitouse a dizer o presidente dos Estados Unidos. Ele afirmou ainda que o Brasil é um dos países líderes nas iniciativas para a governança aberta e transparente das Nações Unidas.

Apesar da cautela em relação à ampliação do Conselho de Segurança, Obama citou avanços na política externa brasileira. No discurso no salão leste do Palácio do Planalto, ele ressaltou as recentes reformas que fortaleceram a posição brasileira nos organismos multilaterais, como o G-20, grupo das 20 maiores economias do mundo. “Os Estados Unidos não apenas reconhecem a emergência do Brasil, como apoiam essa emergência. Por isso, transformamos o G20 no principal fórum econômico para que o Brasil tenha voz mais potente”, afirmou Obama.

Em relação à segurança, o presidente norte americano mencionou o trabalho conjunto dos dois países para enfrentar a crise humanitária no Haiti, as parcerias para combate ao tráfico de drogas e anunciou a criação de um centro conjunto de segurança nuclear.

Obama destacou a assinatura de acordos nas áreas de ciência e tecnologia, comércio e intercâmbio acadêmico. Segundo ele, essas parcerias resultarão em oportunidades para os dois países: “Lançamos bases para uma cooperação que durará décadas”.

Disponível em:
http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-03-19/estadosunidos-apoiam-ascensao-do-brasil-no-cenario-internacionaldiz-obama.
Acesso em: 16-04-2011. [Adaptado].

61 - (ACAFE SC)

A alternativa que combina **corretamente** as frases a seguir em um só período, sem alterar a ordem e o sentido lógico, mas fazendo as adaptações necessárias, é:

A sirene já tinha soado;

O servente de pedreiro chegou à obra;

Ele não esquentou a cabeça;

Ele tinha feito uma hora extra na véspera.

a) Assim que a sirene já tinha soado, o servente de pedreiro chegou à obra; caso isso esquentasse a cabeça dele porque tinha feito uma hora extra na véspera.

b) Quando a sirene soou, o servente de pedreiro chegou à obra; mas ele não esquentou a cabeça, apesar de já ter feito uma hora extra na véspera.

c) Caso a sirene já tivesse soado para o servente de pedreiro quando chegou à obra, ele não esquentaria a cabeça embora tivesse feito uma hora extra na véspera.

d) Embora a sirene já tivesse soado quando o servente de pedreiro chegou à obra, ele não esquentou a cabeça, visto que tinha feito uma hora extra na véspera.

TEXTO: 28 - Comum à questão: 62

Mas quando todas as luzes da península se apagaram ao mesmo tempo, apagón lhe chamaram depois em Espanha, negrum numa aldeia portuguesa ainda inventora de palavras, quando quinhentos e oitenta e um mil quilómetros quadrados de terras se tornaram invisíveis na face do mundo, então não houve mais dúvidas, o fim de tudo chegara. Valeu a extinção total das luzes não ter durado mais do que quinze minutos, até que se completaram as conexões de emergência que punham em acção os recursos energéticos próprios, nesta altura do ano escassos, pleno verão, Agosto pleno, seca, míngua das albufeiras, escassez das centrais térmicas, as nucleares malditas, mas foi verdadeiramente o pandemónio peninsular, os diabos à solta, o medo frio, o aquelarre, um terramoto não teria sido pior em efeitos morais. Era noite, o princípio dela, quando a maioria das pessoas já recolheram a casa, estão uns sentados a olhar a televisão, nas cozinhas as mulheres preparam o jantar, um pai mais paciente ensina, incerto, o problema de aritmética, parece que a felicidade não é muita, mas logo se viu quanto afinal valia, este pavor, esta escuridão de breu, este borrão de tinta caído sobre a Ibéria, Não nos retires a luz, Senhor, faz que ela volte, e eu te prometo que até ao fim da minha vida não te farei outro pedido, isto diziam os pecadores arrependidos, que sempre exageram.

(SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.35-36.)

62 - (UEL PR)

Sobre o emprego de conectivos no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho “[...] até que se completaram as conexões de emergência [...]”, a expressão em destaque expressa noção temporal e pode ser substituída por “quando”.

II. No trecho “[...] isto diziam os pecadores arrependidos, que sempre exageram”, o pronome relativo “que” inicia oração que acrescenta uma característica ao termo antecedente.

III. Em " [...] e eu te prometo que até o fim da minha vida [...]" o conectivo "e" equivale a "mas", iniciando uma oração coordenada adversativa.

IV. O uso do conectivo "mas" em "[...] parece que a felicidade não é muita, mas logo se viu quanto afinal valia" expressa oposição, portanto introduz uma oração coordenada adversativa.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e III são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas II e III são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 63

[1]Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido. Um exemplo disso é a utilização das redes sociais – o *Facebook*, *Twitter* e o *Orkut,* entre outros – pelos aspirantes a famosos, que desejam alcançar os seus quinze minutos de fama – previstos por Andy Warhol em 1960 –, por meio da utilização dessas ferramentas. Essas redes, que surgiram prioritariamente como um [5]agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o *voyerismo* (prática que consiste no prazer a partir da observação de outras pessoas), onde ser contemplado é o que importa.

Sobre essa prática, Paula Sibília, professora do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comenta que a rede tem proporcionado uma espécie de democratização na busca pelo estrelato. "A internet oferece um *outdoor* com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um [10]pode ser visto como tem direito. As opções são inumeráveis e não cessam de se multiplicar: *blogs*, *fotologs*, *Orkut*, *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, *Youtube* e um longo etcétera".

O temor da chamada “invasão de privacidade”, segundo a professora, dá espaço para o quase oposto: o aparecer, ser visto, contemplado e admirado. Para ela, o exibicionismo na rede ocorre a partir da necessidade que as pessoas têm de serem vistas, e como uma forma de confirmação de que existem e estão vivas. As pessoas mostram-[15]se como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras. “Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se ‘evadido’ do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais, é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias”.

[20]Cláudia da Silva Pereira, professora do Centro de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, também acredita que na internet se cria um espaço para que as pessoas vivam outros personagens e consigam, deste modo, uma espécie de autorrealização pessoal. “Podemos ser ali o que desejarmos, construindo perfis de acordo com o que projetamos ser o ideal. Ou não. Afinal, a internet abre ainda mais espaço para condutas sociais desviantes que raramente poderiam se concretizar na vida *off-line*. Aderir a comunidades politicamente [25]incorretas, criar perfis falsos ou transitar por comunidades que consideramos ‘exóticas’ pode ser uma ótima maneira de buscar a experimentação e, consequentemente, a realização, da mesma forma”, conclui.

Sibília aponta ainda para a ruptura de um padrão de vida em que os muros já não protegem mais a privacidade individual. “Das *webcams* até os *paparazzi*, dos *blogs* e *fotologs* até *YouTube* e *MySpace*, das câmeras de vigilância até os *reality shows* e *talk* shows, a velha intimidade transformou-se em outra coisa. E agora está à vista de todos. [30]Ou, pelo menos é isso o que conseguem aqueles afortunados: os famosos”. Já Pereira lembra que a “espetacularização” do cotidiano atinge a todos, invariavelmente, ao utilizarem essas ferramentas sociais, levando a uma maior permissividade com relação ao que é restrito ou irrestrito, ao que é público e ao que é privado. “A própria ideia de fronteira é imprecisa em se tratando de internet. É evidente que existe a opção de se compartilhar ou não da intimidade na internet, existe até mesmo a opção de não participar de redes sociais *on-line*, mas esta já parece ser [35]uma escolha que limita o trânsito em diversos espaços sociais. A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”.

Outra rede social em que a exposição está presente e nem sempre de maneira benéfica é o *Youtube*. Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta, sem se importarem em ser reconhecidos por postarem vídeos de gosto duvidoso ou grotesco, confirmando a obsessão de muitos na busca [40]pela fama a qualquer custo. “Esses sujeitos têm fortalecido o hábito de serem reconhecidos pelo que fazem de transgressão e não por respeitarem a ordem social. Em toda prática de desvio de conduta, sempre podemos acreditar que o meio ou a ferramenta apenas facilitou o ato, que na verdade já havia no sujeito que o praticou uma predisposição para fazê-lo. Infelizmente, os valores de determinados grupos sociais são

refletidos nessas práticas e as consequências podem ser a banalização desses atos, aumentando as probabilidades de legitimá-las", lembra Khater. Para ela, as [45]pessoas não devem permitir que o virtual se sobreponha ao real. "Nós, seres humanos, precisamos da realidade, pois somos seres eminentemente sociais. Quando o virtual se sobrepõe ao real, nos sentimos vazios, pois sabemos da nossa necessidade de real aprovação em nosso meio social".

Ainda, na contramão dos que buscam o reconhecimento, muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, do seu público, de seus fãs. Artistas, jornalistas, músicos [50]e público interagem de uma maneira mais natural. "É praticamente imperativo que uma celebridade mantenha um perfil no *Twitter* ou no *Facebook*, caso contrário ela simplesmente não existe no ambiente *on-line*. Desta forma, o público se aproxima daqueles que o sociólogo e filósofo Edgar Morin um dia chamou de 'olimpianos', aqueles que se veem obrigados a descer de seus altares dos meios de comunicação de massa para interagir em 140 caracteres com as pessoas 'comuns'. O fã torna-se íntimo do ídolo, o que retira dessa relação grande parte de sua magia", [55]defende Pereira.

Para Francisco Rüdiger, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as celebridades, ao migrarem para as redes sociais, têm seus carismas submetidos a testes cotidianos e banais. "As redes sociais abriram aos fãs a possibilidade de articular, mais ampla e cotidianamente, o culto de seus ídolos mas, por outro lado, atraíram estes últimos para um terreno onde sua capacidade de gerenciar a própria [60]imagem e influência é muito mais fraca ou instável. As celebridades não podem ficar fora das redes, se quiserem continuar sendo celebridades, mas a redução da distância que assim se instala, converte-se em fonte de perigo para sua condição", acredita.

Ferrari aponta para o fim do antigo esquema celebridade-mídia-público. Pois, agora, os fãs podem interagir diretamente com seus ídolos (e vice-versa), sem precisar de intermediário. "As mídias sociais tiraram os intermediários, [65]ou seja, a grande mídia. Hoje uma celebridade interage diretamente com seus fãs pelo *Twitter*, *Facebook*, *MySpace* etc. O *feedback* é instantâneo", conclui.

Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=751&tipo=0>.
Acesso em: 12 de set. 2010. (Texto modificado)

63 - (UFU MG)

Assinale a alternativa correta.

a) O termo em destaque em: "**Já** Pereira lembra que a 'espetacularização' do cotidiano atinge a todos [...]". (ref. 30), é equivalente à expressão em destaque no trecho abaixo. "**Por sua vez**,

essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias". (ref. 15)

b) Em: "Afinal, a internet abre ainda mais espaço para condutas sociais desviantes que raramente poderiam se concretizar na vida *off-line*." (ref. 20), o emprego do futuro do pretérito em **poderiam** indica ação decorrida no passado, posterior à ação de abrir.

c) Em: "Pois, **agora**, os fãs podem interagir diretamente com seus ídolos (e vice-versa), sem precisar de um intermediário". (ref. 60), o termo em destaque refere-se ao momento da fala.

d) O texto tem por temática a mudança do conceito de celebridade com o advento da internet.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 64

[01]Um Maracanã de floresta acaba de desaparecer. [02]Isso desde que você começou a ler este texto, há um [03]segundo. Amanhã, neste mesmo horário, você levará [04]a vida como sempre – esperamos. Mas os integrantes [05]de 137 espécies de plantas, animais e insetos, [06]não. Eles terão o destino que 50 mil espécies por ano [07]têm: a extinção. Argumentos como "15 Maracanãs de [08]mata tropical devastados desde o início deste parágrafo" [09]são fortes, mas nem sempre suficientes. Só [10]que existe outro, talvez ainda mais persuasivo: dinheiro [11]não dá em árvore, mas árvore dá dinheiro.

[12]Hoje, manter uma floresta em pé é negócio da [13]China. Em uma área estratégica perto do rio Yang Tsé, [14]o governo chinês paga US$ 450 aos fazendeiros por [15]hectare reflorestado. O objetivo é conter as enchentes [16]que alteram o fluxo de água do rio. Equilíbrio ecológico, [17]manutenção do ecossistema, mais espécies preservadas, [18]esses são os objetivos do Partido Comunista [19]Chinês? Não. Trata-se de um investimento.

[20]O reflorestamento mantém o curso do rio estável [21]e as árvores, sozinhas, aumentam a quantidade de [22]chuva – as plantas liberam vapor d'água durante a [23]fotossíntese. Resultado: mais água no Yang Tsé. O [24]que isso tem a ver com dinheiro? A água alimenta turbinas [25]das hidrelétricas distribuídas pelo rio – inclusive [26]a megausina de Três Gargantas, 50% maior que Itaipu, [27]que abriu as comportas em 2008.

[28]Investindo em reflorestamento, os chineses agem [29]de forma pragmática. Pagar fazendeiros = mais árvores. [30]Mais árvores = mais água no rio. Mais água = [31]mais energia elétrica barata (ainda mais no país que [32]inaugura duas usinas a carvão por semana para dar [33]conta de crescer como cresce). Mais energia barata, [34]mais produção para a economia – e dinheiro para pa[35]gar os reflorestadores. O final dessa equação é surreal [36]para os padrões brasileiros. A China, nação que

mais [37]polui e que mais consome matéria-prima, tem índice [38]de desmatamento zero. Abaixo de zero, até: eles plan[39]tam mais árvores do que derrubam.

REZENDE, Rodrigo. Revista Superinteressante, março, 2011.

64 - (PUC RS)

Analisando algumas passagens do texto, **NÃO** é correto afirmar que

a) "esperamos" (ref. 04) dá à ideia precedente uma conotação de dúvida.

b) No período das refs. 04 a 06 ("Mas... não.") ocorre uma elipse, mas a presença do "não" permite ao leitor compreender o sentido.

c) "você" (ref. 03) e "Eles" (ref. 06) opõem-se, no texto, devido à ideia de "extinção" (ref. 07).

d) No período "Mais energia (...) reflorestadores" (refs. 33-35), à ideia de proporção soma-se a de consequência.

e) "até", na referência 38, relaciona-se ao momento em que se completará o desmatamento abaixo de zero.

TEXTO: 31 - Comum à questão: 65

A última nota solta

A habilidade dos governantes da Bruzundanga é tal, e com tanto e acendrado carinho velam pelos interesses da população, que lhes foram confiados, **(I) que os produtos mais normais à Bruzundanga, mais de acordo com a sua natureza, são comprados pelos estrangeiros por menos da metade do preço (II) pelo qual os seus nacionais os adquirem.**

(Lima Barreto. *Os bruzundangas.* Porto Alegre: L&PM, 1998, p. 213.)

65 - (FGV)

Os pronomes **que** e **lhes**, da oração – que lhes foram confiados –, fazem referência, respectivamente, às palavras:

a) habilidade dos governantes; interesses da população.

b) carinho; habilidade dos governantes.

c) população; Bruzundanga.

d) interesses da população; governantes da Bruzundanga.

e) acendrado carinho; governantes.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 66

A internet no século XXI

O lado certo

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO – Tanto no Congresso como na mídia está em discussão uma legislação que possa punir os abusos (ou os crimes) praticados na ou pela internet. A nudez da atriz Scarlett Johansson está sendo considerada uma invasão da privacidade a que todos temos direito. E há casos mais escabrosos, como acessos a contas bancárias, pornografia infantil etc. Pergunta: uma lei resolverá o problema?

Tenho minhas dúvidas. Existem leis para tudo e para todos, elas dependem não apenas da fiscalização policial ou judicial, mas da interpretação que damos a elas. Já citei, há tempos, o caso de Gulliver, personagem da obra-prima de Jonathan Swift, e o cito de novo porque o assunto continua atual.

Náufrago, Gulliver caiu numa terra de anões belicosos, os liliputianos, que o tornaram prisioneiro e que mantinham uma guerra de 800 anos com anões de outra região. Devido a seu tamanho, foi

obrigado a lutar por um dos lados, e vendo tantas barbaridades, perguntou ao rei, a quem era obrigado a servir, o motivo de luta tão feroz e selvagem.

O rei explicou que o povo dele, ao tomar o café da manhã, cortava os ovos pela parte de cima, a mais pontiaguda, e os inimigos cortavam os ovos pela parte de baixo, a mais arredondada. Gulliver ouviu, pensou, pensou outra vez e perguntou ao rei se não havia uma lei, um decreto, uma legislação que determinasse a questão, estabelecendo de uma vez para sempre a maneira de todos cortarem os ovos.

O rei ficou espantado e respondeu: "Somos civilizados. Evidente que há uma lei que regulamenta o assunto". Gulliver quis saber o que a tal lei dizia e o rei, em tom solene, majestático, informou: "O primeiro artigo de nossa Constituição diz claramente que os ovos devem ser cortados pelo lado certo".

Folha de S.Paulo, 20 set. 2011

Casos recentes de violação de privacidade servem de alerta

Do "Financial Times"

A invasão de hackers ao sistema de jogos on-line da Sony pode ter comprometido dados pessoais de 100 milhões de usuários.

Os consumidores pouco hesitam para revelar grande volume de informações pessoais. No entanto, os esforços de proteção a esses dados não cresceram de maneira compatível. As pessoas muitas vezes usam a mesma senha para muitas contas.

Os consumidores não protegem suas identidades online, e as empresas têm forte incentivo comercial para recolher o máximo possível de informações.

O advento das redes sociais tornou essa tendência ainda mais preocupante. As companhias querem encorajar usuários a compartilhar informações, e por isso o esquema de proteção de dados não é muito propício em termos de privacidade. **Isso** cria vulnerabilidades.

As companhias têm interesse em tratar com seriedade a segurança. Os efeitos de uma violação de privacidade sobre a reputação de uma companhia podem ser severos, como a Sony descobriu.

Mas também existe interesse público em jogo, dada a extensão da troca de informações e das transações conduzidas nas redes sociais.

É preciso que existam regras mais claras quanto à propriedade dessas informações. O mais importante é que precisa ser mais fácil para os usuários remover essas informações da internet.

Não há nada de errado em que usuários troquem informações pessoais por serviços, mas eles precisam saber que é **isso** que estão fazendo e compreender as consequências caso algo de errado aconteça.

Folha de S.Paulo, 04 mai. 2011

66 - (PUC SP)

Os pronomes demonstrativos evidenciados na matéria do "Financial Times" referem-se, respectivamente,

a) ao fato de as companhias encorajarem usuários a compartilhar informações; e ao esquema de proteção de dados não ser muito propício em termos de privacidade.

b) às vulnerabilidades propiciadas pelas informações compartilhadas; e às consequências caso aconteça algo de errado.

c) às regras mais claras quanto à propriedade das informações; e à inexistência de problema em relação à troca de informações pessoais por serviços.

d) à proteção de dados compartilhados não ser propícia para preservar privacidade; e ao fato de não haver problema em trocar informações pessoais por serviços.

e) à proteção de dados compartilhados não servir para preservação da intimidade; e às consequências para o caso de algo de errado acontecer.

TEXTO: 33 - Comum à questão: 67

QUANDO ALGUÉM FUMA AO SEU LADO, VOCÊ TAMBÉM FUMA.

Quem não fuma, mas respira fumaça dos produtos do tabaco, se torna um fumante passivo e também corre sérios riscos de ter câncer de pulmão, infarto e doenças graves.

PESQUISAS COMPROVAM:

Todos os dias, pelo menos 7 não fumantes morrem no Brasil por problemas ligados ao fumo passivo. Mesmo que haja uma janela ou varanda, não existem níveis seguros de exposição à fumaça dos produtos do tabaco e nenhum sistema de ventilação é capaz de eliminar os elementos cancerígenos que ficam no ar. **95% dos elementos cancerígenos encontrados em ambientes coletivos vêm da fumaça dos produtos do tabaco.**

A fumaça que sai da ponta acesa do cigarro possui as mesmas substâncias daquela que o fumante inala, porém algumas encontram-se em concentrações maiores: **50 vezes mais alcatrão e até 5 vezes mais nicotina e monóxido de carbono.**

Quem convive com fumantes fuma o equivalente a 10 cigarros por dia e tem seis vezes mais chances de ter câncer de pulmão do que os que trabalham em ambientes livres da fumaça do tabaco. (fonte: INCA).

NO PARANÁ A LEI ESTADUAL Nº 16.239 DE 29/09/2009

Estabelece normas de proteção à saúde por dano ao consumidor, nos termos dos incisos V, VII, XII do art. 24 da Constituição Federal, para a criação de ambientes de uso coletivo livres de produtos fumígenos conforme especifica e adota outras providências.

Art. 2º

Fica proibido no território do Estado do Paraná, em ambiente de uso coletivo, públicos ou privados, o consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, que produza fumaça e o uso de cigarro eletrônico.

É responsabilidade do empregador preservar a saúde e a integridade dos seus funcionários. (Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho – NR 09, Portaria. nº 3.214/78 do Ministério do Trabalho e Artigo 157 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT).

PARANÁ LIVRE
DA FUMAÇA DO TABACO

TODOS TÊM DIREITO A UM AMBIENTE LIVRE DA FUMAÇA DO TABACO.

GOVERNO DO PARANÁ — SESA — PARANÁ

www.saude.pr.gov.br

67 - (UEL PR)

Leia o fragmento a seguir.

"A fumaça que sai da ponta acesa do cigarro possui as mesmas substâncias daquela que o fumante inala, porém algumas encontram-se em concentrações maiores: 50 vezes mais alcatrão e até 5 vezes mais nicotina e monóxido de carbono".

Com relação ao fragmento, considere as afirmativas a seguir.

I. Os termos "daquela" e "algumas" referem-se, respectivamente, às palavras "fumaça" e "substâncias".

II. A conjunção "porém" inicia oração que estabelece ideia de conclusão com a anterior.

III. O trecho logo após os dois pontos tem função de aposto explicativo referente à expressão "ponta acesa do cigarro".

IV. A preposição "até" estabelece um limite para o número de vezes em que certas substâncias estão concentradas.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e III são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas II e III são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

TEXTO: 34 - Comum à questão: 68

Imagine uma cidade sem cinema, biblioteca ou livraria. Não é difícil, esta é mais ou menos a regra. Bem, se tal cidade existe, também não terá um teatro e, muito menos, um museu. Talvez nem

mesmo um jornal, semanal que seja. Muitas não têm nada disso e, apesar de todo o prestígio da música popular, também não contam com uma casa de shows – loja de discos, nem pensar.

Donde essas cidades são habitadas por pessoas que nunca assistiram a um filme ou peça de teatro. Espetáculo de dança, esqueça. Nunca ouviram um concerto, nunca viram um quadro ou escultura importante e, bem provável, nunca leram um livro que não fosse o da lição. Da mesma forma, nunca recitaram ou ouviram um poema, não sabem o que é ópera e os cantores que conhecem é por ouvir falar.

Há muitas cidades assim no Brasil. E não pense que sejam burgos perdidos no sertão ou no meio da selva amazônica. Algumas são bem conhecidas pelo nome e ficam em estados prósperos e orgulhosos, mais perto de nós do que imaginamos. São dados do IBGE, colhidos no último recenseamento, não muito difíceis de consultar.

O que não falta nessas cidades é televisão – porque 95% dos lares brasileiros têm pelo menos um aparelho. Mas não é bom para ninguém, nem para a televisão, que ela seja o único contato das pessoas com o mundo. Claro que, não demora muito, todas terão internet e, quando isso acontecer, dar-se-á o fenômeno de cidades que passaram da cultura zero para o universo digital, onde supostamente cabe tudo, sem o estágio intermediário, milenar da cultura analógica.

Essas cidades podem ser zero em cultura, mas têm Prefeitura e Câmara Municipal. E, em época de eleição, candidatos a deputado, senador, governador, talvez até presidente, devem aparecer por lá, com grande cara de pau. Interessante país, este que estamos formando.

(CASTRO, Ruy. Cultura Zero. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29 jun. 2011. Caderno Opinião, p.2).

68 - (UEL PR)

Acerca do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No primeiro parágrafo, o pronome “esta” resume a expressão “cidade sem cinema, biblioteca ou livraria”.

II. No primeiro parágrafo, o pronome “muitas” substitui “música, casa de shows, loja de discos”.

III. No terceiro parágrafo, o advérbio “assim” resume a condição de pessoas desinteressadas pela cultura, apesar da disponibilidade de acesso aos bens culturais.

IV. O pronome “todas”, na expressão “todas terão internet”, presente no penúltimo parágrafo, pode remeter tanto a “cidades” como a “pessoas”.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e III são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas II e III são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

TEXTO: 35 - Comum à questão: 69

Um livro para um tempo de múltiplas vozes

[1]Livros foram, até hoje, a forma mais eficaz que a humanidade encontrou para absorver, armazenar e transmitir conhecimento. Eles se tornaram, ao longo da história, um meio de mitigar os limites de memória, inteligência e imaginação de cada um dos nossos cérebros. Lineares como o passar do tempo. Portáteis como nossas roupas. Íntimos como o pensamento. Houve quem quisesse queimá-los em nome de crenças políticas ou religiosas, quem quisesse transformá-los em tecnologia obsoleta e mesmo quem tentasse proclamar sua irrelevância no frenético mundo moderno. Mas os livros resistiram a todo tipo de ameaça e intempérie. Nunca se publicou tanto como hoje, nunca se venderam tantos livros.

[2]Eis, então, que a tão festejada revolução digital, depois de abalar os negócios da música, das imagens e – naturalmente – das notícias, se abate sobre o universo dos livros. Sim, é verdade que um *tablet* como o *iPad* não tem aquele delicioso cheiro de papel. Mas, se você tiver as mesmas limitações oculares que o autor deste texto, sentirá o indescritível prazer de aumentar o tamanho da letra para tornar a leitura mais confortável. Ou de comprar um livro digital sem sair de casa e, em questão de minutos, ler o maior poema do século XX, *The Waste Land*, de T. S. Eliot, ao mesmo tempo em que escolhe se prefere ouvi-lo recitado pelo próprio autor ou por alguma dentre as outras tantas interpretações disponíveis. E no futuro ainda haverá, no novo formato, dezenas de compensações de outra natureza para a falta do cheiro do papel. Pelo menos é essa a promessa

trazida por algo tão intangível quanto o conteúdo dos livros – mas, ao contrário dele, dinâmico e cambiante: os programas de computador.

[3]Estaríamos, então, prestes a testemunhar a lenta derrocada dos livros impressos, derrubados gradualmente pelos *softwares* interativos para as tabuletas digitais? Difícil fazer previsões. O tempo continuará linear. O pensamento, talvez não. Mas as palavras continuarão sendo escritas e lidas, provavelmente, umas após as outras – recurso de que nem Eliot conseguiu se desfazer para fazer ecoar as múltiplas vozes de seu poema. Rupturas serão a província de criadores geniais como ele ou dos programadores que tornaram sua obra-prima mais acessível às novas gerações, por meio dessa nova forma de absorver, armazenar e transmitir conhecimento. Tomara que ela perdure tanto quanto o livro.

GUROVITZ, Helio.

Carta do Diretor de Redação. Revista *Época*. Disponível em:

http://cbld.com.br/blog/2011/07/um-livropara-um-tempo-de-

multiplas-vozes/Acesso em 22 de jul. 2011. (com adaptações)

69 - (UPE)

No fragmento “Tomara que ela perdure tanto quanto o livro” (3º parágrafo), o pronome destacado retoma o segmento

a) a promessa.

b) a lenta derrocada dos livros

c) a província.

d) sua obra-prima.

e) essa nova forma de absorver, armazenar e transmitir conhecimento.

TEXTO: 36 - Comum à questão: 70

Leia o seguinte parágrafo, extraído de uma matéria jornalística:

Hoje, as famílias que vivem na cidade de São Paulo gastam uma fatia maior do orçamento com ração para o cãozinho ou o gato de estimação (0,55%) do que com o feijão (0,39%), um alimento básico. Em contrapartida, o desembolso com aluguel caiu pela metade nos últimos dez anos, porque um número crescente de famílias teve acesso à casa própria. Também o peso da prestação do carro zero nas despesas, triplicou no período.

70 - (FGV)

Embora trate de aumento de despesas, a exemplo da primeira frase do texto, e não de redução, como a segunda, a frase "Também o peso da prestação do carro zero nas despesas, triplicou no período" **NÃO** poderia vir logo depois da primeira, devido a um dos termos que nela ocorrem, ou seja,

a) "também".

b) "prestação".

c) "despesas".

d) "triplicou".

e) "período".

TEXTO: 37 - Comum à questão: 71

O mais nobre dos esportes

José Roberto Torero

O homem mais rico do mundo decidiu saber qual era o esporte mais nobre do mundo. Para isso mandou chamar três sábios de três partes diferentes do mundo. Um da China, porque a China é o berço da sabedoria, outro da França, porque a França é o berço da ciência, e outro dos Estados Unidos, que não são o berço de coisa nenhuma, mas ganham muitas medalhas nas Olimpíadas.

Logo que os três sábios chegaram à casa do homem mais rico do mundo, este lhes perguntou: "Senhores, quero que me digam qual o esporte mais nobre do mundo. Aquele que me convencer receberá um milhão de dólares".

Então o chinês disse isto: "Honorável senhor, em todos os esportes há nobreza, mas em nenhum outro há mais do que no xadrez. Ele é um jogo de estratégias e inteligências, onde mais conta o cérebro do que qualquer outra coisa. O xadrez é o esporte do intelecto". Depois, satisfeito com suas próprias palavras, sentou-se e tomou seu chá.

Então o francês falou: "Monsieur, nenhum esporte se compara à esgrima. Na esgrima treinamos pontaria e rapidez, defesa e ataque, reflexos e precisão. É um esporte onde todo o corpo é necessário, e por isso é o esporte da habilidade física". Depois, satisfeito com suas palavras, sentou e tomou seu vinho.

Então o norte-americano rosnou: "Mister, o xadrez e a esgrima são okeis, mas o mais nobre dos esportes é o pôquer. Ele exige dissimulação e farsa, psicologia e trama. É um esporte que não se joga apenas com o corpo e o cérebro, mas também com a alma. É o esporte do controle emocional". Depois, satisfeito, sentou e tomou seu uísque.

O homem mais rico do mundo pediu então algum tempo para pensar sobre aqueles profundos arrazoamentos, e, como pensar dá fome, pediu pizza pelo telefone.

Quando o entregador chegou com as pizzas, o homem mais rico do mundo, só por brincadeira, resolveu lhe perguntar qual era o esporte mais nobre: o xadrez, a esgrima ou o pôquer. O entregador não se fez de rogado e disse assim:

"Esses três esportes são importantes, mas o mais nobre de todos é o futebol de botão".

Os três sábios caíram na gargalhada, mas o entregador permaneceu imperturbável.

"Vejam, o futebol de botão é uma síntese do conhecimento humano. Ele necessita de movimentos estratégicos como o xadrez, pede pontaria, reflexos e precisão como a esgrima, e precisa de autodomínio como o pôquer. O futebol de botão, senhores, é o único esporte onde são necessários intelecto, habilidade física e controle emocional. Tudo ao mesmo tempo e em igual proporção."

Todos ficaram boquiabertos com tais idéias e aplaudiram com entusiasmo.

O entregador então fez uma partida com cada um dos presentes para celebrar a mais nobre das artes. Ele venceu de 8 x 0 o chinês, goleou o francês por 9 x 0 e deu 10 x 0 no norte-americano. Mas, estranhamente, perdeu de 1 x 0 para o anfitrião, com um gol contra.

Com isso, o homem mais rico do mundo ficou tão feliz que não deu apenas um milhão ao entregador, mas dez. E a moral dessa fábula esportiva, se é que há alguma, é que é bom ser sábio. Ainda melhor é ser esperto.

In: Folha de S. Paulo, caderno *Esporte*, 10 out.1998

71 - (PUC SP)

Aponte a que se referem os pronomes evidenciados, respeitando a ordem em que aparecem.

a) aquele: um dos três sábios; suas: do francês; lhe: entregador de pizza; todos: o homem mais rico do mundo, o francês, o chinês e o americano; isso: a vitória do homem mais rico do mundo.

b) aquele: os três sábios; suas: do homem mais rico do mundo; lhe: entregador de pizza; todos: o homem mais rico do mundo, o francês, o chinês e o entregador de pizza; isso: a vitória do entregador de pizza.

c) aquele: o sábio; suas: do francês; lhe: homem mais rico do mundo; todos: todos os sábios e o homem mais rico do mundo; isso: a vitória do entregador de pizza.

d) aquele: um dos três sábios; suas: do homem mais rico do mundo; lhe: entregador de pizza; todos: todos os personagens e todos os leitores; isso: a derrota do entregador de pizza.

e) aquele: os três sábios; suas: do homem mais rico do mundo; lhe: homem mais rico do mundo; todos: o homem mais rico do mundo, o francês, o chinês e o americano; isso: a derrota do homem mais rico do mundo.

TEXTO: 38 - Comum à questão: 72

(O texto foi extraído da obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, que conta a triste história de um grupo de crianças e adolescentes que vivem na rua, conhecidos como “capitães da areia”. À

noite, recolhem-se para dormir *num velho trapiche abandonado*. O grupo pratica pequenos furtos para sobreviver, e seus membros se unem para defender-se da perseguição da polícia. Quando presos, são encaminhados para reformatórios, onde sofrem toda sorte de abusos.

O grupo, formado somente de meninos, recebeu, um dia, uma menina chamada Dora, de treze para catorze anos, cuja mãe morrera. Com o irmão, Zé Fuinha, ela foi para a rua, onde conheceu a turma dos Capitães da Areia e nela se integrou. Dora, uma menina loura e bonita, disposta para o trabalho, acabou conquistando todos: era mãe para os pequenos, e amiga e irmã para os mais velhos, alguns dos quais se apaixonaram por ela. Mas ela amava mesmo era o chefe dos Capitães, o valente Pedro Bala. Presa e recolhida a um orfanato, até que o namorado a resgatasse e a levasse para o velho trapiche, adoeceu e morreu. Horas antes de morrer, pediu a Pedro Bala que a fizesse mulher. Ele hesitou porque a via muito doente, mas, por fim, atendeu ao seu pedido. Na manhã seguinte, ela estava morta.

O capítulo que você vai ler narra a reação desesperada de Pedro Bala logo depois que levam o corpo de sua amada para alto mar, onde finalmente repousará.)

[87] Contam no cais da Bahia que quando [88] morre um homem valente vira estrela no céu. [89] Assim foi com Zumbi, com Lucas da Feira, [90] com Besouro, todos os negros valentes. Mas [91] nunca se viu o caso de uma mulher, por mais [92] valente que fosse, virar estrela depois de [93] morta. Algumas, como Rosa Palmeirão, como [94] Maria Cabaçu, viraram santas nos candomblés [95] de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela.

[96] Pedro Bala se joga na água. Não pode ficar [97] no trapiche, entre os soluços e as [98] lamentações. Quer acompanhar Dora, quer ir [99] com ela, se reunir a ela nas Terras do Sem [100] Fim de Yemanjá. Nada para diante sempre. [101] Segue a rota do saveiro do Querido-de-Deus. [102] Nada, nada sempre. Vê [103] Dora em sua frente, Dora, sua esposa, os braços estendidos para [104] ele. Nada até já não ter forças. Boia, então, os [105] olhos voltados para as estrelas e a grande lua [106] amarela, do céu. Que importa morrer quando [107] se vai em busca da amada, quando o amor [108] nos espera?

[109] Que importa tampouco que os astrônomos [110] afirmem que foi um cometa que passou sobre a [111] Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu [112] foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora [113] mais valente que todas as mulheres, mais [114] valente que Rosa Palmeirão, que Maria [115] Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, [116] mesmo sendo uma menina, se dera ao seu [117] amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma [118] estrela de longa cabeleira loira, uma estrela [119] como nunca tivera nenhuma na noite de paz [120] da Bahia.

[121] A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. [122] Para ele veio também a paz da noite. Porque [123] agora sabe que ela brilhará para ele entre mil [124] estrelas no céu sem igual da cidade negra.

[125] O saveiro do Querido-de-Deus o recolhe.

(AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 15 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967. p. 250-251.)

72 - (UECE)

A locução “por isso” (Ref. 117) relaciona-se sintática e semanticamente

a) com ”Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor.”.

b) apenas com “O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu.”.

c) apenas a “Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor.”.

d) apenas a “Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu”.

TEXTO: 39 - Comum à questão: 73

Corte na inovação

O governo brasileiro afirma dar alta prioridade ao reforço da competitividade do setor produtivo.

Entre os esforços nessa direção, as autoridades enfatizam o estímulo às áreas irmãs da ciência e tecnologia e da pesquisa e desenvolvimento. Essas atividades são a base para a inovação: a criação de novos produtos e processos e sua difusão pela economia – que se torna mais eficiente e, portanto, mais competitiva.

No entanto, no recente anúncio de cortes no Orçamento da União, o MCTI (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação) foi um dos mais sacrificados. O corte de verbas chegou a 22%, o que reduziu em R$ 1,5 bilhão os recursos à disposição da pasta para despesas não obrigatórias.

Contradições entre o discurso e a prática do governo estão longe de constituir novidade. Basta lembrar que, em 2011, ao anunciar cortes no Orçamento, o governo prometeu poupar os

investimentos – e, ao final do ano, constatou-se que eles minguaram para 1% do PIB (contra 1,2 % em 2010).

(*Folha de S.Paulo*, 03.03.2012. Adaptado.)

73 - (UFTM MG)

A conjunção *No entanto*, que introduz o terceiro parágrafo do texto, estabelece na organização textual relação de sentido equivalente à qual se verifica no seguinte enunciado, adaptado de *Folha de S.Paulo*, 01.01.2012:

a) *O ano começou. As promessas que fazemos a nós mesmos com o intuito de nos tornar pessoas melhores e mais felizes podem assumir muitas formas. Invariavelmente, porém, elas dão com os burros na água. Por quê?*

b) *Nós, seres humanos, somos ruins em agir com vistas a metas futuras porque, ao contrário do que acreditamos, nossa experiência de "eu" se decompõe em muitos eus que funcionam de forma diversa e têm interesses, às vezes, conflitantes.*

c) *É preciso distinguir entre o eu autobiográfico e o eu que vive as experiências. O primeiro é um ator racional, que gerencia as informações e, em geral, toma as decisões. O segundo é pura sensação.*

d) *E o problema é que o eu autobiográfico age como um tirano, que nunca leva em conta os interesses do eu experiencial.*

e) *O eu experiencial não está desprovido de meios. Como está ligado às camadas mais primitivas do cérebro, mobiliza recursos como a preguiça e o desgosto, capazes de sabotar até as mais sólidas resoluções de ano novo.*

TEXTO: 40 - Comum à questão: 74

A literatura tem um poder de disseminação singular e as crianças são a porta de entrada para a reconstrução da história da família toda. Quando a criança lê para a mãe analfabeta, a tendência é que essa mulher decida se alfabetizar. Ao mesmo tempo, compartilhar as histórias com o filho faz

com que essa mãe também se lembre de sua própria história e consiga perceber seus valores de conduta. Reaviva coisas adormecidas.

Assim a leitura leve, mas não despretensiosa, pode ser um marco na vida de alguém. Além disso, a leitura é a interioridade, é o salto para outros lugares, é a casa emprestada num momento de crise."

(*O Estado de S. Paulo*, 05.09.11. Adaptado)

74 - (FAMECA SP)

Atente para as afirmações:

I. A criança lê para a mãe.

II. A mãe reaviva coisas adormecidas.

III. A leitura pode ser um marco na vida da mãe.

O período que estabelece entre as orações contidas em I, II e III, respectivamente, o sentido de adição e conclusão, é:

a) Sempre que a criança ler para a mãe, para ela reavivar coisas adormecidas, a leitura deverá ser um marco em sua vida.

b) Quando a criança lê para a mãe, a leitura pode ser um marco em sua vida e ela reaviva coisas adormecidas.

c) Se a criança ler para a mãe, talvez ela possa reavivar coisas adormecidas e a leitura pode ser um marco em sua vida.

d) A criança lê para a mãe e ela reaviva coisas adormecidas, portanto, a leitura pode ser um marco em sua vida.

e) Enquanto a criança lê para a mãe, ela reaviva coisas adormecidas, e a leitura será, pois, um marco em sua vida.

TEXTO: 41 - Comum à questão: 75

[01] As campanhas políticas invadiram a web. É a era [02] da política 2.0. Os candidatos inundam as redes sociais [03] e os blogs, mas, na maioria dos casos, apenas repetem [04] a mesma propaganda que penduram nos postes ou [05] gritam nos alto-falantes. Ignoram que, como diz o [06] sociólogo Carlos Martini, "em Atenas, a ágora era a [07] praça onde se expressavam as opiniões. A ágora [08] contemporânea inclui as redes sociais, mas essa praça [09] não termina aí, não se limita às redes virtuais. Se [10] completa com a presença pública". Desrespeitam a [11] variedade de formas de comunicação, de possibilidades [12] de manifestar o descontentamento, dentro e fora das [13] ruas. Em nenhum caso, há uma possibilidade real de [14] participação do cidadão. Usam outros meios de [15] comunicação, mas o tipo de política é o mesmo: "se faz [16] tudo pelo povo, mas sem o povo" (lema do velho [17]"despotismo esclarecido").

[18] No recente artigo *A revolução será tuitada*, Enrique [19] Dans, professor da IE Business School, fala sobre a [20] evolução da democracia na Espanha: "O chamado [21] 'espírito da transição', após a ditadura franquista, [22] conseguiu que, em pouco tempo, os espanhóis fossem [23] capazes de evoluir para um sistema de democracia [24] representativa. Com uma agilidade inédita, a Espanha [25] se reinventou. A democracia que estabelecemos é [26] um fiel reflexo da sociedade da época: a voz dos [27] cidadãos deveria estar expressa por um sistema de

[28] representantes que a transmitisse, em cada âmbito, aos [29] círculos do poder. O cidadão tinha poucos meios para [30] expressar sua vontade além de um voto a cada quatro [31] anos. A produção de informação estava reservada aos [32] que tinham o controle dos meios de comunicação".

[33] Essa realidade social mudou. Em países ditatoriais, [34] como Tunísia, Egito, Líbia, Síria ou Iêmen, os cidadãos [35] que começaram a navegar pelas redes sociais entraram [36] em contato com pessoas que integravam grupos que [37] manifestavam vontade de mudança. Na Líbia, por [38] exemplo, o alto desemprego, o elevado preço dos [39] alimentos e a importação da maior parte dos bens [40] necessários ao abastecimento foram os principais [41] problemas que levaram parte da população a iniciar uma [42] onda de protestos que se espalhou por todo o país, [43] acompanhando os movimentos revoltosos no Egito e na [44] Tunísia, que lutavam por liberdade desde o ano passado. [45] Entrando em blogs subversivos, em grupos de denúncias, [46] encontraram onde expressar a frustração contida. [47] Começaram a difundir mensagens, comunicar-se, [48] organizar-se, expressar-se direta e

publicamente como [49] cidadãos. E fizeram isso com muita visibilidade, com [50] imagens, relatos, depoimentos e gravações in loco.

[51] Hoje, o jogo do poder depende das novas mídias, [52] via internet e celular, que são redes horizontais ou [53] autocomunicação de massa. O espaço público se [54] reconstitui fora das instituições. As mudanças se [55] produzem nessa nova comunicação. [56] Na última reunião do G8, a G8-digital, o presidente [57] francês Nicolas Sarkozy reconheceu o papel [58] preponderante da web na difusão da liberdade e citava [59] como exemplo o ocorrido nesses países do norte da [60] África.

[61] Estamos passando de uma pretendida política 2.0 [62] a uma reivindicada democracia 2.0, mas ainda não [63] sabemos como ela funciona nem que efeitos secundários [64] ela tem. Seria essa a chamada democracia participativa.

ROSSI, Cláudia. Mídias sociais: rumo à democracia participativa? Política 2.0 X Democracia 2.0. **Sociologia**. ed. 4, ano IV, São Paulo: Escala, p. 32, abr./maio 2011. Disponível em: <http://portalcienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/37/artigo238948-2.asp>. Acesso em: 30 set. 2011. Adaptado.

75 - (UEFS BA)

Sobre o termo transcrito, está correto o que se afirma em

a) “essa praça” (*Ref*. 8) retoma, de forma metafórica, “as redes sociais” (*Ref*. 8).

b) “sua vontade” (*Ref*. 30) refere-se à prática política do voto de quatro em quatro anos.

c) “Essa realidade social” (*Ref*. 33) resgata o contexto político da liberdade de expressão.

d) “jogo do poder” (*Ref*. 51) faz referência, no contexto, às manifestações de insatisfação política que se proliferam na web.

e) “nessa nova comunicação” (*Ref*. 55) diz respeito às novas mídias que difundem a democracia pretendida e não a democracia participativa.

TEXTO: 42 - Comum à questão: 76

Quando a grávida usa crack ou cocaína, o bebê costuma nascer hiperexcitado, irritado, choroso. É sinal de que a droga chegou ao cérebro e pode ter provocado alterações de desenvolvimento. Mas o resultado desse contato precoce só pode ser observado anos depois, quando a criança começar sua vida escolar.

(...)

A grande preocupação em relação ao crack e à cocaína é o desenvolvimento futuro da criança. "As drogas alteram a arquitetura cerebral do feto. Elas mudam a formação de sinapses, conexões e circuitos. Ao final, podem provocar alterações cognitivas que prejudicam a vida social e escolar da criança. Sua capacidade de entender conceitos abstratos e fazer associações pode ser comprometida", diz Ruth Guinsburg, professora de pediatria neonatal da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

(*Época*, 20.06.2011. Adaptado.)

76 - (UNIFESP SP)

As alternativas contêm trechos extraídos da revista Língua Portuguesa, n.º 79, de abril de 2011. Assinale aquela em que a relação de causa e efeito expressa pelos termos destacados no trecho – *Quando a grávida* ***usa crack ou cocaína****, o bebê costuma* ***nascer hiperexcitado, irritado, choroso****.* – também ocorre.

a) Os poetas são os seres iluminados que se cansaram da formalidade das palavras e buscam (re)vesti-las de outras significações...

b) O poeta recria a seu bel-prazer o mundo já tão conhecido pelos outros homens que apenas veem o visível...

c) E quando tudo parece já estar acomodado em seus devidos lugares é que vem, lá do Pantanal Mato-Grossense, um cidadão chamado Manoel de Barros.

d) Ele foi chegando devagar, com a fala mansa, com os versos curtos e com um jeito bem diferente de escrever.

e) Antes que alguém perguntasse quem era ele, ele se apresentou, bem a seu modo.

TEXTO: 43 - Comum à questão: 77

A MENTE É COMPORTAMENTO

Ao contrário de algo imaterial ou de algum tipo de evento interno,

os processos mentais seriam, para o Behaviorismo Radical,

relações comportamentais

[1] Existem duas ideias comumente associadas ao Behaviorismo. A primeira delas é a [2] de que o Behaviorismo seria uma psicologia da caixa-preta, de acordo com a qual não seria [3] possível estudar o que ocorre no mundo mental, já que este mundo seria inacessível à [4] Ciência empírica. A única alternativa que restaria, na tentativa de explicar o comportamento, [5] seria analisar as relações entre estímulos e respostas, estas sim observáveis. Neste caso, o [6] "Behaviorismo caixa-preta" consistiria numa Psicologia dualista e incompleta, pois assumiria [7] que, além de existir um mundo mental inalcançável (daí o dualismo), este mundo não seria [8] passível de tratamento científico e, portanto, a Psicologia deveria resignar-se ao estudo de [9] estímulo-resposta (daí a incompletude).

[10] A segunda ideia usualmente agregada ao Behaviorismo é a de que este seria uma [11] Psicologia sem mente; uma abordagem cujo propósito seria, de certo modo, justamente [12] eliminar da Psicologia o seu próprio prefixo. Há aqui a tese do "Behaviorismo eliminativista": [13] a mente seria um engodo, uma anomalia linguística. O que de fato existe e que, por isso, é o [14] que deve ser estudado na Psicologia são relações estímulo-resposta.

[15] É importante notar que, aliada tanto ao Behaviorismo caixa-preta quanto ao [16] Behaviorismo eliminativista, há a crítica da simplificação: qualquer que seja o seu [17] posicionamento acerca da mente, o Behaviorismo peca por tentar reduzir a complexidade do [18] comportamento humano a meras relações estímulo-resposta.

[19] Ora, se não há mente ou se ela é algo inalcançável pela Ciência, e se estas são as [20] duas teses associadas ao Behaviorismo, como, então, seria possível propor uma análise [21] behaviorista da mente?

[22] Há, porém, uma terceira alternativa, e é sobre esta que discorreremos neste ensaio. [23] O Behaviorismo Radical assume como uma de suas tarefas fundamentais o [24] desenvolvimento de uma explicação alternativa da vida mental. Ou seja, o Behaviorismo [25] Radical não elimina os

fenômenos classificados como “mentais”, mas os analisa a partir da [26] perspectiva comportamental. Em síntese, a análise behaviorista radical pretende mostrar [27] que *a mente é comportamento*. Essa tese nos coloca a primeira questão: se a mente é [28] comportamento, então o que seria comportamento?

[29] Em linhas gerais, o comportamento é definido, na perspectiva behaviorista radical, [30] como a *relação entre as ações do sujeito e o ambiente*. Mas essa definição nos leva a mais [31] perguntas. O que é ambiente? Ambiente é qualquer evento no universo capaz de afetar o [32] sujeito. Essa afetação, por sua vez, consiste em modificar de alguma forma as suas ações. [33] Algo como um choque, pode gerar resposta de retração da mão que acidentalmente tocou [34] um fio desencapado.

[35] Afetar o sujeito significa modificar o seu comportamento de alguma forma. É [36] importante ressaltar que o ambiente não é necessariamente o que circunda o sujeito, não é [37] o que está fora de sua pele. O próprio sujeito pode ser ambiente para suas ações. A [38] existência de um dente inflamado pode aumentar a probabilidade de que o sujeito vá ao [39] dentista. Isto é, a dor de dente pode mudar o comportamento do sujeito e, por conta desse [40] fato, também é, por definição, ambiente.

[41] A outra questão referente à definição de comportamento diz respeito à ação. O que é [42] ação? A ação é o que o sujeito faz e “fazer” indica uma atividade que está sendo realizada [43] num dado intervalo de tempo. Mas não é uma atividade qualquer. É a atividade do sujeito [44] cuja principal característica é o agir sobre e interagir com o ambiente. A ação não é mero [45] movimento. Aliás, pode implicar justamente o contrário. Numa situação em que duas [46] crianças estão disputando para ver quem pisca primeiro, a ausência do piscar – ou seja, de [47] movimento das pálpebras – também é ação.

[48] O que define a ação é a sua função e não a sua forma. E mais: a função só é [49] encontrada quando se analisa a relação entre a ação do sujeito e o contexto em que ela [50] ocorre. No exemplo da brincadeira, o contexto era constituído, em parte, pela regra do jogo: [51] quem piscar primeiro, perde. A ação de não piscar das crianças só faz sentido à luz dessa [52] regra. Em outros termos, nós só entenderíamos o que as duas crianças estão fazendo – o [53] que significa conhecer a função de suas ações – se soubéssemos a regra da brincadeira [54] que está controlando o comportamento de ambas naquele momento.

[55] Um ponto central da definição behaviorista radical do comportamento é que os dois [56] eventos que o compõem só são definíveis quando postos em relação. O ambiente é [57] qualquer evento no universo que modifica a ação, e as ações são atividades do sujeito [58] definidas em função do contexto ambiental. É por isso que o comportamento é [59] essencialmente um fenômeno relacional.

[60] Outro ponto importante da definição de comportamento está em seu caráter [61] dinâmico. O comportamento é um processo contínuo, um fluxo de atividade que nunca [62] cessa: o nosso comportamento só cessará quando deixarmos de interagir com o mundo. [63] Somente a morte é

capaz de providenciar a ocorrência plena dessa condição. Sendo assim, [64] o comportamento é definido pelo Behaviorismo Radical como o processo contínuo de [65] relação entre o ambiente e as ações do sujeito.

[66] É imprescindível ressaltar que essa definição de comportamento em nada equivale à [67] simplificação pejorativa do fenômeno a uma mera relação estímulo-resposta sobre a qual [68] falamos no início deste ensaio. As relações comportamentais não se reduzem [69] necessariamente a unidades estímulo-resposta cujas características seriam ditadas pelas [70] propriedades físicas dos eventos e não pelas relações funcionais entre eles.

ZILIO, Carlos. A mente é comportamento. **Filosofia.**
Ano VI, ed. 63, set. 2012. p. 47-49. (Adaptado)

77 - (UFU MG)

A ação não é mero movimento. **Aliás**, pode implicar justamente o contrário. Numa situação em que duas crianças estão disputando para ver quem pisca primeiro, a ausência do piscar – ou seja, de movimento das pálpebras – também é ação. (Refs. 44-47)

O termo em destaque pode estabelecer diferentes relações entre enunciados, a depender do contexto em que é empregado.

No trecho acima, para manter as mesmas relações entre os enunciados “A ação não é mero movimento” e “pode indicar justamente o contrário”, o termo “Aliás” pode ser substituído por:

a) Além disso.

b) De outro modo.

c) No entanto.

d) Ou melhor.

TEXTO: 44 - Comum à questão: 78

Folha de S.Paulo - 25/10/2012 - 03h00

Brasil, adeus à ilusão

Clóvis Rossi

A repórter Mariana Carneiro quase destruiu minhas já tênues ilusões de, antes de morrer, ver o Brasil ser realmente um grande país, em vez de um mero emergente.

Mariana capturou um estudo do HSBC que diz que, em 2050, o Brasil ainda será país de renda média, embora média alta, tal como já o é hoje.

Em 2050 (ou antes, mais provavelmente), já estarei morto.

É verdade que não levo muito a sério os oráculos, menos ainda os do setor financeiro. Se essa gente foi incapaz de enxergar nos primeiros meses de 2008 a crise que, em setembro, viraria tsunami, como se animam a dar a classificação do campeonato mundial de economia dentro de 38 anos?

Feita a ressalva, o estudo do HSBC tem o mérito de coincidir com uma nítida mudança de humor em torno dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que se tornaram quase sinônimo de emergentes, aquele grupo de países que vão substituir as potências tradicionais dentro de uns quantos anos.

O estudo do banco, por si só, já traz números que convidam à cautela em relação ao real peso dos BRICS. Mesmo o maior e mais forte deles , a China, está muito longe dos Estados Unidos – e continuará estando em 2050.

Terá, então, uma renda per capita (U$ 17.759) que é menos da metade da renda de cada norteamericano em 2010 (US$ 36.354).

Ou seja, a China vai continuar crescendo mais que os Estados Unidos mas, assim mesmo, levará 40 anos para chegar à metade do que cada norteamericano ganha hoje.

O caso do Brasil é ainda pior: sua renda per capita, em 2010, era superior à de todos os parceiros BRICS. Em 2050, será inferior à da Rússia e da China. Ou seja, o Brasil é um emergente que emerge menos que seus sócios na aventura. Pulemos agora para artigo de Ruchir Sharma, chefe de Mercados Emergentes da Morgan Stanley, publicado pela "Foreign Affairs", com o significativo título "Broken BRICS" (BRICS Quebrados, um exagero).

Sharma começa lembrando que nem remotamente se cumpriram as previsões dos anos 80 de que o Japão logo passaria a ser o número um do mundo, economicamente.

Quanto aos BRICS, "com a economia mundial caminhando para seu pior ano desde 2009, o crescimento chinês está desacelerando agudamente, de dois dígitos para 7% ou menos. E o resto dos BRICS está derrapando também: desde 2008, o crescimento anual do Brasil caiu de 4,5% para 2%; o da Rússia, de 7% para 3,5%; e o da Índia, de9%para 6%".

Sharma é impiedoso: "A noção de uma abrangente convergência entre os mundos desenvolvido e em desenvolvimento é um mito".

Acrescenta: "Dos cerca de 180 países acompanhados pelo FMI, só 35 são desenvolvidos.O resto são emergentes – e muitos deles têm sido emergentes por muitas décadas e continuarão a sê-lo por muitas mais".

Reforça Antoine van Agtmael, autor do "Século dos Mercados Emergentes": "Assim como as economias em expansão [dos BRICS] surpreenderam o mundo na década passada, o grande choque para a próxima década pode ser que eles cresçam menos rapidamente do que se presumia".

Adeus, ilusões.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/
lovisrossi/1174470- brasil-adeus-a-ilusao.shtml . Acesso em: 26 nov.2012.

78 - (FMABC SP)

No texto, há elementos que estão evidenciados. Associe-os a seus referentes, segundo a disposição empregada pelo autor:

a) números que convidam à cautela; países desenvolvidos; ser emergente; países que compõem o BRICS.

b) países que compõem o BRICS; países emergentes; ser emergente; grupo político de cooperação formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

c) grupo político de cooperação formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul; cerca de 180 países acompanhados pelo FMI; o resto dos países emergentes; países que compõem o BRICS.

d) Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul; 180 países acompanhados pelo FMI; ser emergente; Mercados emergentes.

e) Estados Unidos; países emergentes; ser emergente; grupo político de cooperação formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

TEXTO: 45 - Comum à questão: 79

De pouco valeu o Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro (Cremerj) ignorar o Ministério da Saúde, que reconhece as funções de parteira e doula (acompanhante) na assistência ao parto, e proibir não só a participação dessas profissionais em ambientes hospitalares, como a presença de médicos obstetras em partos domiciliares e em equipes de sobreaviso – que ficam de plantão para o caso de alguma complicação. A proibição gerou reações imediatas de movimentos sociais e de mulheres, que viram feridos os direitos e autonomia femininos e programaram manifestação de repúdio.

O Conselho Regional de Enfermagem (Coren), responsável pelas parteiras (ou obstetrizes), entrou com ação civil pública contra a decisão do Cremerj, e a Justiça Federal suspendeu o veto, por

considerar que as diretrizes do conselho inviabilizavam o exercício da profissão de parteira, oficialmente regulamentada, pela lei n.º 7.498/86, informou o portal de notícias BOL.

O Ministério da Saúde não só reconhece o trabalho de parteiras tradicionais como incentiva a participação de doulas nos hospitais públicos. Em março, assinou convênio com a Universidade de Brasília para o programa Doulas no SUS, de formação dessas acompanhantes. O Ministério considera que a participação da doula é um instrumento humanizador e que "a assistência prestada pelas parteiras é uma realidade em diversos locais do país".

(www.ensp.fiocruz.br. Adaptado.)

79 - (Fac. Santa Marcelina SP)

No trecho – *O Ministério da Saúde* ***não só*** *reconhece o trabalho de parteiras tradicionais* ***como*** *incentiva a participação de doulas* –, os termos *não só* e *como* servem para correlacionar os elementos que introduzem, estabelecendo a coesão textual. Essas expressões podem ser substituídas sem prejuízo de sentido, respectivamente, por

a) *tanto* e *quanto*.

b) *talvez* e *assim como*.

c) *não apenas* e *apesar de*.

d) *tanto* e *exceto*.

e) *somente* e *quanto*.

TEXTO: 46 - Comum à questão: 80

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

1° As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

2° Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

3° O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

4° A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é *shúnya*”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, *shúnya* significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, *shúnya* refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo *shúnya* – que, em árabe, se tornou *shifr* e foi latinizado para *zephirum*, depois *zéfiro*, *zefro* e, por fim, zero.

5º Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da

Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

6° E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

7° “Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

8° Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

9° O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

10° Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante

sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero", diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. "Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato", afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava "aquilo que ficou para trás", como os pingos de chuva depois de uma tempestade.

Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

11° Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. "É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar", diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. "Com o zero, qualquer um poderia fazer contas", diz Ana Maria. "Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos." Seria uma revolução.

12° Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. "Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada", afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. "O cálculo integral e diferencial,desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero", diz Walter Maciel. Nesse tipode cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em "zero segundos", mas é assim que funciona.) "O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos", diz Maciel.

13° Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). "O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada", diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

[14°] Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

[15°] Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é "especial" – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo (1 – 1 = 0). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero (0 x 4 = 0). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas (0 ÷ 3 = 0), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? "Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença", diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão "zero à esquerda", que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

[16°] Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. "Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo", diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. "Eles são equivalentes e opostos, yin e yang", escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. "Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele", afirma Seife. "A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus." E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>. Acesso em 14 mar. 2012. (ADAPTADO)

Texto II

CERTAS COISAS (Lulu Santos)

(1) Não existiria som

(2) Se não houvesse o silêncio

(3) Não haveria luz

(4) Se não fosse a escuridão

(5) A vida é mesmo assim,

(6) Dia e noite, não e sim...

(7) Cada voz que canta o amor não diz

(8) Tudo o que quer dizer,

(9) Tudo o que cala fala

(10) Mais alto ao coração.

(11) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(12) Eu te amo calado,

(13) Como quem ouve uma sinfonia

(14) De silêncios e de luz.

(15) Nós somos medo e desejo,

(16) Somos feitos de silêncio e som,

(17) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

(18) A vida é mesmo assim,

(19) Dia e noite, não e sim...

(20) Cada voz que canta o amor não diz

(21) Tudo o que quer dizer,

(22) Tudo o que cala fala

(23) Mais alto ao coração.

(24) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(25) Eu te amo calado,

(26) Como quem ouve uma sinfonia

(27) De silêncios e de luz,

(28) Nós somos medo e desejo,

(29) Somos feitos de silêncio e som,

(30) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

Disponível em <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/35063/> Acesso em 15 mar. 2012.

80 - (IME RJ)

Indique a alternativa em que o nexo coesivo destacado tem sentido **diferente** dos demais.

a) "**Se** essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo" (3º parágrafo, texto I)

b) "(era como **se** escrevêssemos 4_1)" (9º parágrafo, texto I)

c) "**Se** sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais" (7º parágrafo, texto I)

d) "Não existiria som **se** não houvesse o silêncio" (Versos 1 e 2, texto II)

e) "O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: **se** não há Deus, então é o nada" (13º parágrafo, texto I)

TEXTO: 47 - Comum à questão: 81

Diário de bordo

[1]*Ontem, o tempo mudou, o navio balançou um pouco* [...]. *Acordei* [2]*às 9h, tomei café na suíte e voltei a dormir, até o meio-dia – acho* [3]*que nunca fiz isso na vida. Almoçamos no restaurante, evitando o* [4]*self-service, que devia estar uma bagunça, pois continua chovendo e* [5]*ventando, os passageiros sem muito o que fazer a não ser enfrentar* [6]*a comida que rola sem parar.*

[7]*Depois do almoço* [...] *apesar do vento e da chuva fininha,* [8]*consegui ver a passagem pelo Peloponeso, a guerra de Tucídides e,* [9]*logo após, a ilha de Ítaca, onde Penélope fiava e confiava em Ulisses,* [10]*que retornaria de sua viagem absurda.*

[11]*Penso no valor da palavra escrita. Ítaca, Peloponeso, toda a* [12]*Grécia clássica, nada seriam se não fossem os poemas e relatos* [13]*que historicizaram seus heróis, seus deuses, suas tragédias e seus* [14]*filósofos.*

[15]*O mesmo aconteceu com os judeus, que viveram numa terra* [16]*de pedras e desertos, mas deixaram livros que formaram o Velho* [17]*Testamento, base de toda a cultura ocidental.*

[18]*Nas ilhas Papuas ou na América, onde floresceram civilizações* [19]*como a asteca, a inca e a maia, na certa haveria heróis, deuses,* [20]*guerreiros e pensadores que ficaram isolados do fluxo cultural, sem* [21]*testemunhos escritos que superassem o tempo.*

[22]*Gregos e judeus nos legaram palavras escritas que permaneceram* [23]*e formaram o imaginário do Ocidente. Olhando-se, agora, a mesma* [24]*paisagem, o cenário dos deuses e heróis, nada de espetacular ou* [25]*de notável aqui teria se passado se não fossem os textos que nos* [26]*chegaram, que foram estudados, interpretados, parafraseados e* [27]*adaptados de acordo com as sucessivas camadas do tempo e da* [28]*civilização.*

Carlos Heitor Cony

81 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta.

a) Em *nas ilhas Papuas ou na América* (ref. 18), a partícula *ou* apresenta valor de exclusão como em “Ela ou ele, quem ficará com a única vaga?”.

b) O uso da crase é invariavelmente opcional na indicação de horas como em *Acordei às 9h* (refs. 01-02).

c) A conjunção *pois* (ref. 04) apresenta, no trecho em que aparece empregada, valor semântico de conclusão.

d) O uso da expressão *o mesmo* (ref. 15) é recurso de coesão, já que retoma assunto exposto no parágrafo anterior.

e) *imaginário* (ref. 23) refere-se a imagens que foram encontradas nas obras de arte que os povos do Ocidente deixaram para a posteridade.

TEXTO: 48 - Comum à questão: 82

Software corrige redações

Por JOHN MARKOFF

The New York Times International Weekly

Em colaboração com Folha de S.Paulo – 15 abr.2013

1 Imagine que, ao fazer um exame da faculdade, em vez de você receber sua nota do professor algumas semanas depois, você possa clicar no botão "Enviar" ao terminar o teste e receber de volta instantaneamente o resultado, tendo sua redação avaliada por um programa de computador. Agora imagine que esse sistema permita que você imediatamente refaça o exame para tentar melhorar a nota.

2 EdX, uma empresa sem fins lucrativos fundada pela Universidade Harvard e pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) para oferecer cursos on-line, lançou esse sistema e vai disponibilizar seu software automatizado de graça na internet para qualquer instituição que queira usá-lo.

3 O software utiliza inteligência artificial para avaliar as redações e respostas curtas por escrito, liberando os professores para outras tarefas.

4 Embora os sistemas de notas automáticas para testes de múltipla escolha estejam disseminados, o uso da tecnologia para dar notas a redações ainda não recebeu apoio generalizado de educadores e tem muitos críticos.

5 Anant Agarwal, presidente da EdX, previu que o software de notas instantâneas seria uma ferramenta pedagógica útil, permitindo que os estudantes façam testes e escrevam redações várias

vezes para melhorar a qualidade de suas respostas. "Os alunos nos dizem que estão aprendendo muito mais com o 'feedback' instantâneo", disse o doutor Agarwal.

6 Mas os céticos dizem que o sistema automático não se compara a professores reais.

7 Um antigo crítico, Les Perelman, chamou a atenção várias vezes ao criar redações absurdas que enganaram o software, fazendo-o dar notas altas.

8 "Minha primeira e maior objeção à pesquisa é que eles não fizeram um teste estatístico válido comparando o software com avaliadores humanos", disse Perelman, diretor de redação aposentado e atual pesquisador no MIT.

9 Ele faz parte de um grupo de educadores que circula uma petição contra o software de avaliação automática. O grupo já coletou quase 2.000 assinaturas.

10 "Vamos encarar a realidade das notas de testes automáticos", diz uma parte da declaração do grupo. "Os computadores não sabem ler. Eles não podem medir os fatores essenciais da comunicação escrita eficaz: precisão, raciocínio, adequação de evidências, bom senso, posicionamento ético, argumentação convincente, organização significativa, clareza e veracidade, entre outros."

11 A ferramenta de avaliação EdX exige que professores ou avaliadores humanos primeiro deem nota a cem redações. Então o sistema usa as técnicas de aprendizado mecânico para se treinar e ser capaz de dar notas a qualquer número de redações ou respostas quase instantaneamente.

12 O software vai atribuir uma nota dependendo do sistema de avaliação criado pelo professor e fornecerá um "feedback" geral, como dizer a um estudante se uma resposta tratava do assunto certo.

13 O doutor Agarwal acredita que o software se aproxima da capacidade de avaliação humana. "Há um longo caminho a percorrer no aprendizado mecânico, mas ele já é bom o suficiente e a vantagem é muito grande", disse. "Descobrimos que a qualidade das notas é semelhante à variação encontrada de instrutor para instrutor."

14 A EdX não é a primeira a usar tecnologia automatizada de avaliação, que data dos primeiros computadores "mainframe" dos anos 1960. Várias companhias oferecem programas comerciais para dar notas a respostas em testes escritos. Em alguns casos, o software é usado como um "segundo leitor" para verificar a confiabilidade dos avaliadores humanos.

15 A Universidade Stanford, na Califórnia, anunciou recentemente que vai trabalhar com a EdX para desenvolver um sistema educacional conjunto que incorporará a tecnologia de avaliação automática.

16 Duas start-ups fundadas recentemente por professores de Stanford para criar "cursos abertos de massa on-line" (Mooc, na sigla em inglês) também se dedicam a sistemas de avaliação automática.

17 No ano passado, a Fundação Hewlett patrocinou dois prêmios de US$ 100 mil destinados a aperfeiçoar um software que avalia testes de respostas curtas.

18 Mark D. Shermis, professor da Universidade de Akron, em Ohio, supervisionou o concurso da Fundação Hewlett.

19 Na opinião dele, a tecnologia – embora imperfeita – tem seu lugar no ambiente educacional.

20 Com classes cada vez maiores, é impossível para grande parte dos professores dar aos estudantes um "feedback" significativo sobre tarefas de redação, segundo Shermis.

21 Além disso, ele notou que os críticos da tecnologia tendem a vir das melhores universidades americanas.

22 "Muitas vezes, eles vêm de instituições muito prestigiosas, onde o 'feedback' recebido pelos alunos é muito melhor do que uma máquina seria capaz de dar", disse o doutor Shermis. "Falta a percepção do que acontece de fato no mundo real."

Disponível em:
http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/103891-softwarecorrige-redacoes.shtml. Acesso em: 17 abr.2013.

82 - (PUC SP)

As expressões em destaque ao longo do texto estabelecem, respectivamente, relação de sentido de

a) substituição, concessão, adição e tempo.

b) condição, concessão, tempo e contraste.

c) substituição, condição, tempo e adição.

d) concessão, tempo, substituição e adição.

e) tempo, concessão, adição e consequência.

TEXTO: 49 - Comum à questão: 83

Entre filmes e histórias

[1] A invenção do cinema, a partir dos procedimentos [2] físicos e químicos que tornaram possíveis a filmagem e [3] a projeção das "fitas", trouxe consigo um novo universo [4] simbólico, uma nova arte. E os homens passaram a ver [5] na tela sua História e suas histórias, reconstituídas e [6] inventadas. Filmes de todos os gêneros, do documentário [7] à ficção científica, da comédia ao drama, da [8] tragédia ao musical, passaram a integrar nosso cotidiano, [9] tornar-se parte da nossa cultura. Vistos com desconfiança [10] pelos críticos da indústria cultural, os filmes [11] falam de tudo: não haverá um único tema de relevância [12] histórica que já não tenha sido abordado pelo cinema.

[13] Da subida de Moisés à montanha às paixões de [14] Cleópatra, do Nilo à travessia do mar, revelando inscrições [15] em pedra ou mensagens em papiros, os clássicos [16] históricos focalizaram muitas civilizações antigas. Na [17] Grécia, o desfiladeiro das Termópilas foi o cenário sangrento [18] dos "Trezentos de Esparta" combatendo os persas [19] até à morte. "Ben Hur", "O manto sagrado" e tantos [20] mais tinham Cristo como coadjuvante ou protagonista. [21] Kirk Douglas está glorioso como Espártaco, o insurreto [22] escravo-general e mártir.

[23] Cenários grandiosos, também, e igualmente palcos [24] de batalhas, são os **canyons** *americanos, as grandes [25] planícies, as formações rochosas ou os desertos [26] com os grandes cactos, onde colonos e índios, soldados [27] e malfeitores cruzaram armas. Claro que a pólvora, [28] municiando revólveres, canhões e bananas de dinamite [29] levava enorme vantagem sobre flechas, lanças e machadinhas. [30] Nesses filmes de horizonte ampliado, a tela [31] grande ganhava especial relevância, ajudava a criar a [32] ilusão dos espaços gigantescos que se abriam diante do [33] espectador comendo pipoca. E a Idade Média, quantos [34] filmes já terá rendido? Rotulados como "de capa e [35] espada", eles vão de Carlos Magno à Inquisição, retratam [36] os castelos com pontes levadiças, os domínios [37] feudais e os pequenos burgos, as fortificações e as batalhas, [38] com as temíveis catapultas e os banhos de óleo [39] fervente. No papel de galã e espadachim, Errol Flynn [40] era imbatível: apagava uma vela no fio da espada. [41] Também não faltam os cenários sombrios: em "O nome [42] da rosa", as escadas em labirinto, as bibliotecas lúgubres, [43] os livros envenenados e as mortes misteriosas [44] falam mais do terror que da religião. Muito depois da [45] época medieval, edificações majestosas, como a Catedral [46] de Notre Dame, continuam a ser cenário, por [47] exemplo, para um impossível romance entre o virtuoso e [48] corcunda e a bela cigana Esmeralda. Num filme recente, [49] Woody Allen valeu-se dos diversos tempos e espaços [50] de Paris para falar tanto da* **Belle Époque** *como dos [51] anos de 1920, do pintor Toulouse Lautrec, com suas [52] telas de tanta cor e luz, e da impetuosa ficção de [53] Hemingway, cujo romance "O velho e o mar" teve belíssima [54] adaptação para o cinema.*

[55] Essa possibilidade de transportar o espectador [56] para onde quiser, para o tempo que quiser, dota o cinema [57] dos poderes de uma espécie de máquina do tempo. [58] Em "2001: uma odisseia no espaço", num átimo saltamos [59] dos primatas, quando descobrem a transferência [60] da força do braço e o controle do fogo, aos viajantes [61] interplanetários e à cibernética. A criatura monstruosa [62] criada pelo Dr. Frankenstein, o super-homem e o gigantesco [63] King são aberrações fascinantes, entre assustadoras [64] e românticas, que ganham vulto nas telas. Afinal, [65] a ficção permite brincar com as leis da física, assustar [66] os biólogos, promover reações fantásticas nos laboratórios. [67] O tempo tanto é marcado pela ampulheta como [68] pelo relógio digital; um parque moderníssimo, controlado [69] por computadores, abriga dinossauros chocando [70] ovos. Não há matéria de sonho que não ganhe um roteiro [71] e um investimento milionário. Hollywood tornou-se, [72] não há dúvida, o centro das mais fantásticas viagens [73] humanas.

[74] Mas nem tudo é história monumental: há as intrigas [75] em famílias, os desajustes amorosos, os dramas [76] íntimos. O grande Hitchcock, em "Janela indiscreta", [77] valeu-se da câmera fotográfica como metáfora do [78] curiosíssimo olhar humano, espreitando a vida dos [79] vizinhos, e também como arma, que dispara flashes e [80] enceguece momentaneamente o vilão míope. E há também [81] quem se valha da nossa ingenuidade ou distração [82] para simular uma situação falsa: a do repórter perdido [83] numa geleira, ou num pântano, ou num deserto, falando [84] do perigo de morrer ali, sozinho, enquanto a equipe de [85] produção filma seu desespero de abandonado.

[86] Creio que o Brasil já ganhou registros de seus [87] ciclos econômicos, de sua diversidade geográfica, de [88] seus estratos sociais. Pode-se ir dos coronéis do cacau, [89] de "Gabriela", aos engenhos de açúcar da Paraíba, da [90] caatinga de "Vidas secas" à Salvador de "Dona Flor e [91] seus dois maridos", das coxilhas gaúchas de "O tempo e [92] o vento" às praias cariocas de "Todos os homens do [93] mundo", do palácio do Catete de Getúlio Vargas à [94] Brasília de Juscelino. Em "Central do Brasil", a trama [95] desenrola um fio que vai da enorme estação de trem à [96] vilazinha nordestina, documentando festas religiosas, [97] procissões, hábitos interioranos. A violência urbana tem [98] alimentado produções recentes, fatalmente polêmicas, [99] como em "Tropa de elite".

[100] O cinema amplia o nosso olhar, instalando-o nas [101] mais diversas perspectivas, e serve-nos também de [102] espelho, onde podemos nos reconhecer melhor. É uma [103] extraordinária combinação de fotografia, dramaturgia, [104] literatura, música, artes plásticas, tudo submetido à [105] animação e a critérios de edição, com os quais o filme [106] ganha identidade e assinatura. É a possibilidade de o [107] homem se ver e se contar em imagens e de maneiras [108] quase infinitas.

(Simão Tolentino, inédito)

83 - (PUCCamp SP)

O parágrafo 4, em seu contexto, dá sustentação ao seguinte entendimento:

a) O cinema deve seu atributo de "máquina do tempo" aos efeitos especiais de "*2001: uma odisseia no espaço*", filme em que, pela primeira vez, a nova arte realizou magicamente a fusão de diferentes espaços e tempos da história humana.

b) Ainda que existam engenhosas alianças de palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão, o autor não entendeu assim a forma *aberrações fascinantes,* pois julgou necessário definir limites, com a formulação retificadora *entre assustadoras e românticas.*

c) Os propósitos superiores da criação cinematográfica são explorar ludicamente as leis científicas, provocar especialistas, promover acirrados debates sobre a matéria do sonho, objetivos que explicam os investimentos milionários das grandes produções.

d) O autor usa o argumento de que o tempo tanto é marcado pela ampulheta como pelo relógio digital para dar mais consistência à ideia, implícita no texto, de que os filmes eternizam os temas de que tratam, sejam históricos ou não.

e) A expressão *não há dúvida,* a modo de conclusão, estabelece a coesão entre a frase final do parágrafo e a anterior, nesta em que segmentos como *matéria de sonho, ganhe um roteiro e um investimento milionário* preparam semanticamente a referência a *Hollywood*, tal como este é concebido no imaginário das pessoas que acompanham essa forma de arte.

TEXTO: 50 - Comum à questão: 84

TEXTO 1

Escher, o gênio da arte matemática

Com a ajuda da geometria, nada é o que aparenta ser no trabalho surpreendente do artista holandês.

[1] Você já deve ter visto pelo menos uma das gravuras do artista gráfico holandês M. C. [2] Escher. Elas já foram reproduzidas não só em dezenas de livros de arte, mas também na [3] forma de pôsteres, postais, jogos, CD-ROMs, camisetas e até gravatas. Caso não se [4] lembre, então você não

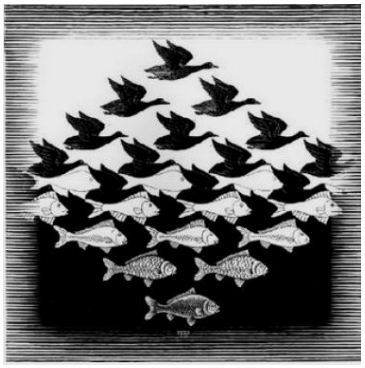
viu nenhuma. Olhar para as intrigantes imagens criadas por [5] Escher é uma experiência inesquecível. Tudo o que nelas está representado nunca é [6] exatamente o que parece ser. Há, em todas elas, sempre uma surpresa visual espera [7] do espectador. Isso porque, para ele, o desenho era pura ilusão. A realidade pouco [8] interessava. Antes, preferia o contrário: criar mundos impossíveis que apenas parecessem [9] reais. Eis porque acabou se tornando uma espécie de mágico das artes gráficas.

[10] Seus desenhos, porém, não nasciam de passes de mágica, nem somente de sua [11] apurada técnica de gravador. Sua obra está apoiada em conceitos matemáticos, extraídos [12] especialmente do campo da geometria. Essa era a fonte de seus efeitos surpreendentes. [13] Foi com base nesses princípios que Escher subverteu a noção da perspectiva clássica [14] para obter suas figuras impossíveis de existir no espaço "real". Aliás, desde o começo, [15] fascinou-o essa condição essencial do desenho, que é a representação tridimensional dos [16] objetos na inevitável bidimensionalidade do papel. Brincou com isso o mais que pôde. [17] Também ___ matemática na divisão regular da superfície usada por Escher para criar, de [18] maneira perfeita, suas famosas séries de metamorfoses, onde formas geométricas [19] abstratas ganham vida e vão, aos poucos, se transformando em aves, peixes, répteis e até [20] seres humanos.

[21] Foi essa proximidade com a ciência que deixou os críticos de arte da época de cabelo [22] em pé. Afinal, como classificar o trabalho de Escher? Era "artístico" o que ele fazia ou [23] puramente "racional"? Na dúvida, preferiram silenciar sobre sua obra durante vários anos [24] Enquanto isso, o artista foi ganhando a admiração de matemáticos, físicos, cristalógrafos e [25] eruditos em geral. Mas essa é outra faceta surpreendente de Escher

[26] Embora seus trabalhos tivessem forte conteúdo matemático, ele era leigo no assunto. [27] ____ bem da verdade, Escher sequer foi um bom aluno. Ele mesmo admitiu mais tarde [28] que jamais ganhou, ao menos, um "regular" em matemática. Conta-se até que H.M.S. [29] Coxeter, um dos papas da geometria moderna, entusiasmado com os desenhos do [30] artista, convidou-o a participar de uma de suas aulas. Vexame total. Para decepção do [31] catedrático, Escher não sabia do que ele estava falando, mesmo quando discorria [32] sobre teorias que o artista aplicava intuitivamente em suas gravuras.

GALILEU. **Escher, o gênio da matemática**. Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/88/conhecimento2.htm> Acesso em 05/05/2013.



Xilogravura: 'Céu e Água I', de 1938.

Foto: The M.C. Escher Company B.V. Baarn,The Netherlands.

VEJASP. **Xilogravura 'Céu e Água'**. Disponível em: http://vejasp.abril.com.br/atracao/maurits-cornelis-escher. Acesso em 09/05/2013.

TEXTO 2

Arte estimula o aprendizado de matemática

[1] Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e [2] continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em [3] vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

[4] O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São [5] Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos [6] poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de [7] matemática". Para ele, a matemática captura __ lógica do raciocínio, assim como [8] acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na [9] pintura, nas artes em geral.

[10] Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da [11] USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de [12] absorção dos

estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a [13] demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

[14] O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores [15] representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente [16] estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar __ formas espaciais do [17] ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se [18] expressar plasticamente.

[19] "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas [20] observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que [21] morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. **Arte estimula o aprendizado de matemática**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

TEXTO 3

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

1 Às folhas tantas

2 do livro matemático

3 um Quociente apaixonou-se

4 um dia

5 doidamente

6 por uma Incógnita.

7 Olhou-a com seu olhar inumerável

8 e viu-a do ápice __ base

9 uma figura ímpar;

10 olhos romboides, boca trapezoide,

11 corpo retangular, seios esferoides.

12 Fez de sua uma vida

13 paralela à dela

14 até que se encontraram

15 no infinito.

16 "Quem és tu?", indagou ele

17 em ânsia radical.

18 "Sou a soma do quadrado dos catetos.

19 Mas pode me chamar de Hipotenusa."

20 E de falarem descobriram que eram

21 (o que em aritmética corresponde

22 a almas irmãs)

23 primos entre si.

24 E assim se amaram

25 ao quadrado da velocidade da luz

26 numa sexta potenciação

27 traçando

28 ao sabor do momento

29 e da paixão

30 retas, curvas, círculos e linhas senoidais

31 nos jardins da quarta dimensão.

32 Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidiana

33 e os exegetas do Universo Finito.

34 Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.

35 E enfim resolveram se casar

36 constituir um lar,

37 mais que um lar,

38 um perpendicular.

39 Convidaram para padrinhos

40 o Poliedro e a Bissetriz.

41 E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro

42 sonhando com uma felicidade

43 integral e diferencial.

44 E se casaram e tiveram uma secante e três cones

45 muito engraçadinhos.

46 E foram felizes

47 até aquele dia

48 em que tudo vira afinal

49 monotonia.

50 Foi então que surgiu

51 O Máximo Divisor Comum

52 frequentador de círculos concêntricos,

53 viciosos.

54 Ofereceu-lhe, a ela,

55 uma grandeza absoluta

56 e reduziu-a a um denominador comum.

57 Ele, Quociente, percebeu

58 que com ela não formava mais um todo,

59 uma unidade.

60 Era o triângulo,

61 tanto chamado amoroso.

62 Desse problema ela era uma fração,

63 a mais ordinária.

64 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade

65 e tudo que era espúrio passou a ser

66 moralidade

67 como aliás em qualquer

68 sociedade

RELEITURAS. **Poesia matemática**. Disponível em: < http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.

84 - (IME RJ)

Dentre os trechos do texto 2 nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

a) O professor Luiz Barco, (...) é um **deles**. (Refs. 4 e 5)

b) Para **ele**, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)

c) **Ele** provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)

d) (...) ou sob o **seu** aspecto estético, (...) (Ref. 17)

e) (...) utilizando-**as** para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

TEXTO: 51 - Comum à questão: 85

Considere o trecho publicado no *Diário da Saúde*, em 22.07.2011.

A celebrada chegada da rede social Google+ *abriu um debate sobre a diferença entre amigos e conhecidos. Qual é exatamente essa diferença?*

"Se um homem não faz novos contatos à medida que avança pela vida, rapidamente se verá sozinho", disse Samuel Johnson, escritor inglês do século 18. "Um homem deve cultivar constantemente suas amizades".

O comentário ganha novo significado na era das redes sociais, quando é comum que pessoas tenham centenas de "amigos". Mas estes não são amigos no sentido usual.

A principal novidade do Google+ *é que o* site *exige que os usuários arrumem seus contatos em categorias diferentes, ou "círculos". O novo usuário tem a opção de ter amigos, família ou conhecidos.*

"Entendo a lógica da divisão do Google. Amigos e família constituem grupos distintos, com os quais você se relaciona de formas também diferentes", diz o professor Robin Dunbar, autor de "De quantos amigos uma pessoa precisa?". Ele argumenta que acima de 150 amigos o que as pessoas realmente têm são "conhecidos que cumprimentamos com um aceno de cabeça".

"Na era do Facebook*, é fácil se confundir sobre amizades", diz Gladeana McMahon, ex-comentarista de um programa televisivo. "Um amigo é alguém com quem se tem uma relação frequente. Você mantém contato e se envolve na vida dele. Um conhecido, por sua vez, é alguém que você conheceu mas com quem não teve a chance de desenvolver uma amizade. Pode se tornar uma amizade, mas quase sempre não irá além de um rápido olá. Mas redes sociais jamais serão capazes de entender a multiplicidade das relações humanas".*

(Tom de Castella. www.diariodasaude.com.br. Adaptado.)

85 - (Fac. de Ciências da Saúde de Barretos SP)

"Na era do Facebook*, é fácil se confundir sobre amizades*_____ *".*

Assinale a alternativa cujo texto completa o trecho, sem prejudicar a sua coerência.

a) embora as noções de amigos e conhecidos sejam nulas

b) exceto se não houver técnicos de computação em sua cidade

c) porque as redes sociais não permitem jamais cultivá-las

d) apesar de não haver amigos verdadeiros nesse ambiente

e) uma vez que os contatos são múltiplos e diferenciados

TEXTO: 52 - Comum à questão: 86

Brazuca é um nome triste, mas não por ser com 'z'

[1] A escolha do nome da bola que a Adidas lançará para a Copa do Mundo de 2014 foi feita por votação na internet a partir de uma [2] lista tríplice. Com 77.8% das preferências, Brazuca derrotou Bossa Nova e Carnavalesca. Como quase todos os analistas da língua que [3] estão de plantão esta semana, lamentei a notícia (considerava Bossa Nova o menos ruim de três nomes fracos), mas por motivos [4] diversos. Não é a grafia com z que me incomoda, mas a palavra em si. Convém explicar. Sim, é verdade que todos os dicionários e o [5] Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), da Academia Brasileira de Letras, registram apenas brasuca, com s. Afinal, a [6] palavra não é derivada de Brasil, brasileiro? Eis toda a base para a argumentação dos que implicaram com a grafia. Uma argumentação [7] que deixa de levar em conta dois fatos singelos.

[8] 1. A forma brazuca é muito mais usada na vida real. Uma pesquisa no Google traz mais de 4 milhões de páginas, contra pouco [9] mais de um décimo disso para brasuca. Pode-se defender a tese de que a preferência popular não é suficiente para alterar a grafia de [10] um termo vernáculo, mas atenção: estamos falando de palavra informal, brincalhona, recente. Brazuca é uma gíria, e as gírias, como [11] todas as criações populares, têm a mania de escolher como serão conhecidas.

[12] 2. Ainda que não fosse assim, o batismo da bola da Copa do Mundo é um ato de *branding*, ramo do *marketing* que tem regras [13] próprias, entre elas a de privilegiar formas gráficas fortes – e nesse mundo a letra z goza de grande prestígio. Naturalmente, a [14] correspondência com a grafia "Brazil"

numa marca destinada a ter circulação internacional também deve ter sido considerada um trunfo [15] por seus criadores.

[16] Se não é a grafia, o que sobra para criticar em Brazuca, a bola? Sua carga cultural idiota, só isso. O fato de que, brazuca ou brasuca, [17] a palavra é um sinônimo tolo de brasileiro. O termo nasceu em Portugal com tom depreciativo (o sufixo "-uca", o mesmo de mixuruca, [18] deixa isso claro), numa espécie de contraponto ao nosso "portuga". Até aí, tudo bem: a própria palavra brasileiro tinha uso pejora [19] antes de ser assumida em espírito de desafio pelos nativos desta terra.

[20] O problema é que, ao ser adotado por aqui, brazuca/brasuca virou um clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de [21] autocomplacência, primo da malemolência, da ginga e da incrível musicalidade de muitos inzoneiros* que habita este gigante [22] adormecido. É por isso que Brazuca é bola fora – e Brasuca não seria melhor.

(Sérgio Rodrigues, 04/09/2012, <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas>.)

***Inzoneiro:** *Adj. Bras. Pop*. **1.** Mexeriqueiro, intrigante, mentiroso. **2.** Sonso, manhoso. (Dicionário Aurélio)

86 - (UFPR)

Numere os parênteses, estabelecendo a ordem em que os argumentos aparecem no texto.

( ) Apresentação de conotações possíveis para o nome *brazuca*.

( ) Razões relacionadas à grafia que devem ser levadas em conta na avaliação.

( ) Crítica às representações culturais que emanam do nome escolhido.

( ) Ponderações sobre a escolha do nome da bola: críticas dos analistas, a posição normativa.

( ) Razões relacionadas a estratégias de mercado que foram consideradas.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

a) 3 – 1 – 5 – 2 – 4.

b) 4 – 3 – 1 – 2 – 5.

c) 3 – 2 – 4 – 1 – 5.

d) 2 – 5 – 4 – 1 – 3.

e) 4 – 2 – 5 – 1 – 3.

TEXTO: 53 - Comum à questão: 87

Considere os textos adaptados sobre o aniversário de 25 anos de nossa Constituição, publicados na Folha de S.Paulo [5 out.2013].

Texto 1

Custo alto do novo pacto social tira competitividade do país

MANSUETO ALMEIDA

Especial para a Folha

A Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, a chamada Constituição cidadã, está completando vinte e cinco anos. Essa nova Constituição trouxe vários avanços, em especial na área social.

O regime de universalização de atendimento aos idosos e inválidos do meio rural, o estabelecimento do piso de um salário mínimo para as aposentadorias, a universalização do sistema público de saúde, a garantia de acesso à educação pública e gratuita e a montagem de uma

ampla rede de assistência social são exemplos do novo pacto social estabelecido na Constituição de 1988.

[...]

Um agravante do nosso pacto social é que, apesar da queda da desigualdade de renda e da pobreza desde a estabilização da economia, em 1994, o nosso gasto social ainda é pouco distributivo, **ou seja** , gastamos muito para ter uma redução pequena na desigualdade de renda.

E a mudança demográfica em curso é um novo fator de pressão sobre gastos da previdência e de saúde.

Assim, é provável que a manutenção da estabilidade econômica com crescimento e inclusão social exija um ajuste do nosso pacto social, como, **por exemplo** , uma reforma da previdência, redefinição da regra atual de reajuste do salário mínimo e de alguns programas sociais (seguro desemprego e abono salarial).

Sem esses ajustes, será difícil aumentar o investimento público, reduzir a carga tributária e manter as conquistas sociais da Constituição cidadã no século 21.

Texto 2

Constituição mudou muito, mas não no essencial, diz pesquisa

DE SÃO PAULO

Apesar de ter sido muito reformada – foram 80 emendas em 25 anos –, os "princípios fundamentais" da Constituição de 1988 sofreram poucas alterações. O que muda bastante, cerca de 70% dos acréscimos ou remodelações, são os dispositivos que tratam de políticas públicas sociais.

São normas importantes, mas que, pela própria natureza, nem precisavam estar na Carta Magna. Poderiam existir como lei convencional.

[...]

"Em 1988, a Constituição virou um estuário de demandas sociais. É por isso que nasceu grande", diz Couto. "Muitas vezes isso é criticado. Mas na comparação internacional, as constituições que mais duram são as grandes. Ados EUA, enxuta e duradoura, é exceção".

Para ele, as emendas são frequentes justamente pelo fato de algumas políticas sociais terem sido constitucionalizadas. As alterações ocorrem, diz, por uma necessidade lógica: **para** implementar ou atualizar seus programas, os governantes sempre terão que mexer na Constituição.

O aspecto danoso, diz, está na consequência dessa necessidade: "Para mexer na Constituição, o presidente terá que ter uma maioria muito grande no Congresso.Opreço disso é que acaba sendo alto, com a divisão da administração entre os partidos".

Texto 3

87 - (PUC SP)

Os elementos coesivos presentes e evidenciados nos textos 1 e 2 estabelecem, respectivamente, relações de

a) exemplificação e explicação no texto 1; contraste e finalidade no texto 2.

b) adição e justificação no texto 1; contradição e oposição no texto 2.

c) paráfrase e exemplificação no texto 1; concessão e finalidade no texto 2.

d) adição e justificação no texto 1; concessão e paráfrase no texto 2.

e) explicação e exemplificação no texto 1; concessão e adversidade no texto 2.

TEXTO: 54 - Comum à questão: 88

[1] Para avaliarmos o significado contemporâneo da [2] indústria cultural e dos meios de comunicação de massa [3] que a produzem, convém lembrarmos, brevemente, [4] o que se convencionou chamar de a condição [5] pós- moderna, isto é, a existência social e cultural sob [6] a economia neoliberal.

[7] A dimensão econômica e social da nova forma do [8] capital é inseparável de uma transformação sem [9] precedentes na experiência do espaço e do tempo, [10] designada por David Harvey como a "compressão [11] espaço-temporal". A fragmentação e a globalização da [12] produção econômica engendram dois fenômenos [13] contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação [14] e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os [15] efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, a [16] compressão do espaço — tudo se passa aqui, sem [17] distâncias, diferenças nem fronteiras — e a compressão [18] do tempo — tudo se passa agora, sem passado e sem [19] futuro. Em outras palavras, fragmentação e dispersão [20] do espaço e do tempo condicionam sua reunificação [21] sob um espaço indiferenciado (um espaço plano de [22] imagens fugazes) e um tempo efêmero desprovido de [23] profundidade. A profundidade do tempo e seu poder [24] diferenciador desaparecem sob o poder do instantâneo. [25] Por seu turno, a profundidade de campo, que define o [26] espaço da percepção, desaparece sob o poder de uma [27] localidade sem lugar e das tecnologias de sobrevoo. [28] Vivemos sob o signo da telepresença e da [29] teleobservação, que impossibilitam diferenciar entre a [30] aparência e o sentido, o virtual e o real, pois tudo nos é [31] imediatamente dado sob a forma da transparência [32] temporal e espacial das aparências, apresentadas como [33] evidências.

[34] Volátil e efêmera, hoje nossa experiência [35] desconhece qualquer sentido de continuidade e se [36] esgota num presente sentido como instante fugaz. Ao [37] perdermos a diferenciação temporal, não só rumamos [38] para o que Virilio chama de "memória imediata", ou [39] ausência da profundidade do

passado, mas também [40] perdemos a profundidade do futuro como possibilidade [41] inscrita na ação humana enquanto poder para determinar [42] o indeterminado e para ultrapassar situações dadas, [43] compreendendo e transformando o sentido delas. Em [44] outras palavras, perdemos o sentido da cultura como [45] ação histórica.

Chauí, Marilena. **Cultura e democracia.** Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Disponível em:<http:// bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 19 out. 2013. Adaptado.

88 - (UEFS BA)

Quanto aos elementos linguísticos que garantem a progressão das ideias do texto, está correta na alternativa

a) O pronome “a”, em “que a produzem” (*Ref*. 3) retoma, por meio de uma referência anafórica, a expressão “comunicação de massa” (*Ref*. 2), revelando a sua dependência em relação à indústria cultural.

b) A preposição “por” (*Ref*. 10) pode se substituída por *perante*, sem prejuízo semântico para a sequencialização textual.

c) As expressões “de um lado” (*Ref*. 13) e “de outro” (*Ref*. 14) estabelecem um paralelismo entre situações que se excluem.

d) “Por seu turno” (*Ref*. 25) garante a progressão temática das ideias, introduzindo uma comparação por contraste.

e) O conector “mas também” (*Ref*. 39) permite a sequência das ideias através do acréscimo de um elemento que se soma a aspectos considerados negativos.

TEXTO: 55 - Comum à questão: 89

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado

besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase… havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda.

(Chico Buarque. *Budapeste*, 2004.)

89 - (Centro Universitário São Camilo SP)

Respeitando a norma-padrão da língua portuguesa e mantendo o sentido original do texto, o trecho – *Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo* – está corretamente reescrito em:

a) Porque, sem apontar o erro, ela me fez repeti-lo.

b) Todavia, a fim de apontar o erro, ela me fez repeti-lo.

c) No entanto, em lugar de apontar o erro, ela me fez repeti-lo.

d) Apenas, ao invés de apontar o erro, ela me fez repeti-lo.

e) Somente, no lugar de apontar o erro, ela me fez repeti-lo.

TEXTO: 56 - Comum à questão: 90

Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo!

(Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*, 2001.)

90 - (Fac. Cultura Inglesa SP)

Assinale a alternativa em que se reescreve corretamente a informação textual, sem que haja alteração do sentido original.

a) *Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora*

[...].

= Olhe, Maria Leôncia, tem uma preta que não mora perto daqui.

b) [...] *as rezas dela afamam muita virtude de poder*.

= [...] as rezas da preta, ainda que não tenham poder, são muito conhecidas.

c) [...] *encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário*.

= [...] a preta reza um terço para mim, nos dias santos; e um rosário, no domingo.

d) [...] *já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências* [...].

= [...] mandei recado para Izina, uma preta do Vau-Vau, que reza melhor que a outra, para vir aqui rezar para mim.

e) *Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta*...

= Quero muitas benzedeiras, todas ao meu redor, intercedendo por mim junto a Deus...

TEXTO: 57 - Comum à questão: 91

_____ muito desgaste nas últimas décadas, os fados voltam a sorrir para a família real britânica.

_____ se comemoravam os 60 anos da coroação de Elizabeth 2.ª quando o nascimento de seu bisneto George Alexander Louis, filho do duque e da duquesa de Cambridge, permitiu que às pompas do jubileu se sucedesse nova fase, agora de derretimentos e fofuras.

Com uma função afetiva que oscila entre a de símbolo patriótico e a de mascote doméstico, a família real atende às pressões contraditórias de um mundo _____ fronteiras econômicas se dissolvem e barreiras de classe, raça ou nacionalidade permanecem.

As origens familiares de Kate Middleton decerto se encaixam nesse contexto.

(Folha de S.Paulo, 28.07.2013. Adaptado.)

91 - (Fac. Cultura Inglesa SP)

Garantem-se a coesão e a coerência textual preenchendo-se as lacunas do texto, respectivamente, com:

a) Com – Inclusive – o qual.

b) Devido a – Também – onde.

c) Ante – Logo – cujas.

d) Embora – Até – que.

e) Depois de – Ainda – em que.

TEXTO: 58 - Comum à questão: 92

Leia o final do conto A causa secreta, de Machado de Assis.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da

amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

(Contos escolhidos, 1994.)

92 - (Fac. Cultura Inglesa SP)

Assinale a alternativa em que a reescrita do trecho do texto altera o sentido original.

a) *Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo.* = Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta próxima, e adormeceu rápido.

b) *Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto.* = Caminhava silenciosamente a fim de não acordar a parenta, que dormia perto.

c) *Garcia […] contemplara por alguns instantes as feições defuntas.* = Garcia […] se deslumbrara por alguns instantes com as feições das defuntas.

d) *Não tinha ciúmes […]; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes […].* = Não sentia ciúmes […], pois a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes […]

e) *[…] mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento.* = […] mas dera a ele vaidade, que não é menos dominada pelo ressentimento.

TEXTO: 59 - Comum à questão: 93

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada –, que

cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

93 - (FGV)

Dos efeitos expressivos presentes nos trechos do texto reproduzidos abaixo, o único que NÃO está corretamente identificado é:

a) "prévio pudor" (aliteração).

b) "o meu coágulo" (metáfora).

c) "de geleia trêmula" (antítese).

d) "é verdadeira embora inventada" (paradoxo).

e) "coisa mais preciosa que ouro" (símile).

TEXTO: 60 - Comum à questão: 94

Os selfies enriquecem a vida

Os autorretratos por smartphone ensinam que a mesmice não existe - e oferecem uma jornada de autoconhecimento

Não há gesto intelectualmente mais correto que criticar os selfies, como são conhecidos os autorretratos via [2]smartphones que se popularizaram com a disseminação dos celulares com recursos avançados de captação de imagem. Hipsters e acadêmicos se ocupam em associar as fotos em que modelo e fotógrafo se confundem com o [4]fenômeno do narcisismo da era das celebridades. Os selfies são a abreviatura em inglês que surgiu do diminutivo de self-portrait. São os autorretratinhos e, por extensão, poderiam ser vertidos para o neologismo em português

[6]"autinhos" – ou melhor ainda, "mesminhos". Os selfies seriam uma chaga contemporânea, o sintoma da decadência dos valores da humildade e da decência.

[8]Seriam mesmo? O estigma aos selfies tornou-se uma caça às bruxas da egolatria. Mas essa nova cruzada parece mais ingênua e pervertida que a própria prática que as pessoas adotaram de tirar fotos de si próprias. Atire a primeira [10]farpa quem nunca fez um selfie. Ou selfie do selfie, posando diante de um espelho para criar um abismo infinito.

(Luís Antônio Giron, http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/luis-antonio-giron/noticia/2014/04/os-bselfiesb-enriquecem-vida.html)

94 - (IBMEC SP)

Considerando o papel dos elementos coesivos do texto, constata-se que a sequência "essa nova cruzada" (ref. 8) tem valor anafórico, isto é, faz referência a uma palavra ou expressão já enunciada. Identifique-a.

a) egolatria

b) caça às bruxas

c) selfies

d) decadência

e) chaga contemporânea

TEXTO: 61 - Comum à questão: 95

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivário. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas

nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o paraquedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

Jorge de Lima

Disponível em: <http://www.jorgedelima.xpg.com.br/grande_desastre_aereo_de_ontem.htm>.
Acesso em: 05abril2014.

95 - (IFPE)

Em relação aos sentidos das expressões destacadas no texto, assinale a única alternativa correta.

a) Na expressão “a morte acentuou a palidez”, a forma verbal “acentuou” poderia ser substituída, sem nenhum prejuízo semântico, por “atenuou”.

b) Em “despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivários”, “despenhar-se” é sinônimo de “apresentar-se”.

c) No trecho “batizadas pelo sangue dos poetas mártires”, o vocábulo “mártires” teria o mesmo sentido de “profetas”.

d) A expressão “vir dobrando finados” faz clara referência à expressão coloquial “empacotar os defuntos”, ou seja, preparar os corpos para o sepultamento.

e) Em “Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo”, a forma verbal “presumo” poderia ser substituída por “suponho”.

TEXTO: 62 - Comum à questão: 96

Graças aos aspectos polimórficos de sua poesia, Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo. Mais ainda: ao aderir à nova corrente poética, não só cuidou de materializá-la em suas composições, como também buscou traduzir-lhe e divulgar-lhe a doutrina de modo tão direto quanto possível.

(MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos.**
20. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 230.)

96 - (IFRS)

Assinale a alternativa que apresenta a ideia original do primeiro período do texto.

a) Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo, pois tinha em mente, através de uma poesia de aspectos polimórficos, modificar o cenário literário nacional.

b) Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo, pois analisava os aspectos polimórficos de sua poesia.

c) Olavo Bilac encarnou brilhantemente o lado bom e as críticas mordazes de nosso Parnasianismo por causa da forma única com que desenvolvia sua poesia.

d) Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo, pois tinha um jeito único de fazer poesia.

e) Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo, porque não se prendia a uma só forma de fazer poesia.

TEXTO: 63 - Comum à questão: 97

Como fazíamos sem óculos

Três graus de miopia. Hoje, um diagnóstico como esse é bobagem. Afinal, você pode viver normalmente usando um par de óculos. Mas há alguns séculos, um problema de visão assim era sinônimo de aposentadoria.

O senador romano Marco Túlio Cícero, que viveu no século I a.C., quase teve de abandonar seu cargo quando a idade o impediu de ler sozinho. Como tinha dinheiro, resolveu o problema do jeito que se fazia na época: comprou escravos que pudessem ler para ele. No século IV, o grego Sêneca, autor de tragédias e famoso pensador, resolveu o mesmo problema usando um pote com água sobre os textos para deixar as letras maiores.

Foi aproximadamente pelo ano 1 000 que as lentes apareceram na Europa. As primeiras foram criadas pelos monges católicos, os poucos alfabetizados na época, que usaram cristais de quartzo, topázio ou berilo lapidados em forma de semicírculos e polidos. O resultado era uma lupa primitiva que se colocava em cima do material que se pretendia ler.

Muito tempo se passou até que os homens tivessem a ideia de aproximar a lente dos olhos, ou melhor, do olho, pois os primeiros modelos de óculos eram feitos só para uma vista.

Quando surgiu a versão para dois olhos, tinha o formato de um V invertido e era preciso segurar a armação com as mãos para que permanecesse apoiada sobre o nariz. Nessa época, óculos eram caríssimos, a ponto de aparecerem listados em testamentos e inventários.

Foi só em 1752 que o inglês James Ayscough criou óculos com duas hastes laterais. Mas apesar de terem aberto os olhos de muita gente, muitas tinham vergonha de aparecer em público usando o acessório. Menos na Espanha, onde as pessoas achavam que aquele objeto de vidro as deixava com um ar mais importante e respeitoso.

(SOALHEIRO, Barbara. *Como fazíamos sem*.
São Paulo: Panda Books, 2006. Adaptado)

97 - (IFSP)

Considere o trecho do texto.

Mas há alguns séculos, um problema de visão assim era sinônimo de aposentadoria. (1º parágrafo)

O trecho está reescrito, corretamente e sem alteração do sentido do texto, em:

a) Entretanto, faz alguns séculos, um problema de visão análogo a esse contradizia a concepção de senilidade.

b) Caso se passassem alguns séculos, um problema de visão distinto desse equivalia à discriminação profissional.

c) Todavia, séculos atrás, um problema de visão como esse significava a impossibilidade de executar uma atividade.

d) Se bem que com alguns séculos já decorridos, um problema de visão similar a esse levava à inserção social.

e) Uma vez decorridos alguns séculos, um problema de visão oposto a esse conduzia ao afastamento do trabalho.

TEXTO: 64 - Comum à questão: 98

A crueldade dos jovens

Conheci uma mulher cujo filho de 14 anos queria um par de tênis de marca. Separada, ganhava pouquíssimo como vendedora. Dia e noite o garoto a atormentava com a exigência. Acrescentou mais horas à sua carga horária para comprar os tênis. Exausta, ela presenteou o filho. Ganhou um beijo e outro pedido: agora ele queria uma camiseta "da hora". E dali a alguns dias a mãe estava abrindo um crediário!

Já conheci um número incrível de adolescentes que estabelecem um verdadeiro cerco em torno dos pais para conquistar algum objeto de consumo. Pais e mães com frequência não conseguem resistir. Em parte, por desejarem contemplar o sorriso no rosto dos filhos. Uma senhora sempre diz:

— Quero que minha menina tenha o que eu não tive.

Mas isso não significa satisfazer todas as vontades! Muita gente é praticamente chantageada pelos filhos. A crueldade de um adolescente pode ser tremenda quando se trata de conseguir alguma coisa.

Já conheci uma garota cujo pai se endividou porque ela insistiu em ir à Disney. Os juros rolaram e, dois anos depois, ele vendeu a casa para comprar outra menor e quitar o empréstimo. Outro economizou centavos porque a menina quis fazer plástica. Conselhos não adiantaram:

— Você é muito nova para colocar implante de silicone.

Ficava uma fúria. Queria ser atriz e, segundo afirmava, não teria chance alguma caso não fizesse a intervenção. (Não conseguiu. Hoje trabalha como vendedora em uma loja.)

É óbvio que o jovem tem o direito de pedir, porém o que me assusta é a absoluta falta de freio, a insistência e a total incompreensão diante das dificuldades financeiras da família.

Recentemente, assisti a uma situação muito difícil. Mãe solteira, uma diarista conseguiu juntar, ao longo de anos, o suficiente para comprar uma quitinete no centro de São Paulo.

— Vou sair do aluguel! — comemorou.

A filha, 16 anos, recusou-se:

— Quero um quarto só para mim!

Não houve quem a convencesse. A mãe não conseguiu enfrentar a situação. Continuam no aluguel. O valor dos apartamentos subiu e agora o que ela tem não é suficiente para comprar mais nada.

A única solução é a sinceridade e a firmeza. Os pais devem deixar claro que ninguém é melhor por ter mais grana ou o último lançamento no mundo da informática. Pode ser doloroso no início, mas é necessário.

Também é importante não criar uma pessoa invejosa, que sofre por não ter o que os outros têm. Mas uma família pode se desestabilizar quando os pais se tornam reféns do pequeno tirano. A única saída para certas situações é o afeto. Quando o adolescente está se transformando em uma fera, talvez seja a hora de mostrar que nenhum objeto de consumo substitui uma conversa olho no olho e um abraço amoroso.

(Walcyr Carrasco, *Veja São Paulo*, 08.09.2010. Adaptado)

98 - (IFSP)

Considere o trecho do texto.

É **óbvio** que o jovem tem o direito de pedir, **porém** o que me **assusta** é **a absoluta falta de freio**, a insistência e a total incompreensão diante das dificuldades financeiras da família. (8º parágrafo)

As expressões em destaque podem ser substituídas, correta, respectivamente e sem alteração do sentido do texto, por:

a) aceitável – porque – enfurece – o absoluto egoísmo.

b) válido – entretanto – surpreende – a inexistência de limites.

c) discutível – todavia – comove – a total cumplicidade.

d) pertinente – pois – decepciona – o receio de conflitos.

e) questionável – uma vez que – entristece – a carência de autoridade.

TEXTO: 65 - Comum à questão: 99

[1]Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha [2] maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas [3] criações que, salvo idiossincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis [4] das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

[5] Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de [6] Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

[7] Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

[8] Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa [9] vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o [10] andar habitual de Carlito.

[11] O vestuário da personagem –fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas [12] escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

[13] Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o [14] público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o [15] público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

[16] Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nadade [17] especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. [18] Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

[19] Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a [20] realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de [21] *humour*que são *O Garoto*, *Ombro Arma*, *Em Busca do Ouro* e *O Circo*.

[22] Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não [23] obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse [24] processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do [25] público.

[26] Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, [27] mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele [28] soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os [29] elementos de irredutível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator [30] comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme *O Circo*, para a brioche do menino [31] faz rir a criançada como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais [32] dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que seaprofundou [33] e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o [34] contrário de tudo isso.

[35] Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels [36] pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita [37] de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos [38] Estados Unidos Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver [39] como os outros, não se acomoda em meio algum, –em suma um inadaptável. O espectador americano [40] ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos [41] Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para [42] educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem [43] quaisquer!

[44] Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para [45] julgamento das ações humanas, do seu gosto pela estandardização, não deixa de surpreender aquela [46] interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para [47] surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente [48] americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra [49] a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

[50] Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na [51] humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar [52] Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? [53] Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito [54] de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

[55] Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de [56] sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

[57] Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que [58] valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando [59] ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando [60] um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar [61] de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do ,[62] prazer ingênuo de olhar.

[63] Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes [64] cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos [65] prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

[66] Nada mais heróico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de *O Circo*. Partida a [67] companhia, em cuja *troupe* seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns [68] momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de [69] barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e [70] inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na [71] casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para [72] trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai [73] como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o [74] Universo é dele.

[75] Com efeito, Carlito é poeta.

(Em: *Crônicas da Província do Brasil.* 1937.)

idiossincrasia (Ref. 3): maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

mamulengo (Ref. 4): fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

tabético (Ref. 9): que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo (Ref. 18): relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice (Ref. 54): safadeza, canalhice.

estoicismo (Ref. 55): resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete (Ref. 71): movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

99 - (ITA SP)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do enunciado.

a) Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. (Refs. 5 e 6) – **já que**

b) O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito. (Refs. 9 e 10) – **visto que**

c) [...] o público não achou graça: estava desapontado. (Refs. 13 e 14) – **de forma que**

d) Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. (Refs. 33 e 34) – **posto que**

e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, [...] (Refs. 47 a 48) – **tanto que**

TEXTO: 66 - Comum à questão: 100

[1]*A cultura não existe em seres humanos genéricos, em situações* [2]*abstratas, mas em homens e mulheres concretos, pertencentes a este* [3]*ou àquele povo, a esta ou àquela classe, em determinado território,* [4]*num regime político A ou B, dentro desta ou daquela realidade* [5]*econômica.*

[6]*Somente se poderá conceituar cultura como autorrealização da* [7]*pessoa humana no seu mundo, numa interação dialética entre os* [8]*dois, sempre em dimensão social. Algo que não se cristaliza apenas* [9]*no plano do conhecimento teórico, mas também no da sensibilidade,* [10]*da ação e da comunicação.*

[11]*Na verdade, o ser humano não se caracteriza, exclusivamente,* [12]*como conhecedor de dados e informações culturais. Ele é também* [13]*e principalmente um agente de cultura, ainda que, muitas vezes, não* [14]*tenha consciência disso. E agente cultural de atividade incessante,* [15]*seja caçando, para matar a fome, seja recorrendo a divindades, em* [16]*oração, seja ordenhando vacas, seja operando computadores.*

Aldo Vannucchi, *Cultura Brasileira*, Ed. Loyola, p. 21

100 - (Mackenzie SP)

Considere as afirmações abaixo.

I. A palavra ***incessante*** (ref. 14) pode ser substituída por "contínua", sem alteração do sentido original do trecho.

II. O acento indicador de crase ***àquele*** (ref. 03) é opcional, considerando que se trata de palavra masculina.

III. Ao introduzir um novo período, ***para*** (ref. 15) denota sentido de finalidade.

Assinale a alternativa correta.

a) Estão corretas apenas as afirmações I e II.

b) Estão corretas apenas as afirmações II e III.

c) Estão corretas apenas as afirmações I e III.

d) Todas as afirmações estão corretas.

e) Nenhuma das afirmações está correta.

TEXTO: 67 - Comum à questão: 101

O FASCÍNIO DO ÃO

Roberto Pompeu de Toledo

1º § O novo estádio do Corinthians, em São Paulo, em tese destinado à abertura da Copa do Mundo de 2014, é por enquanto um rasgo de imaginação sobre um terreno baldio, mas já tem nome de guerra. O leitor adivinha qual é? Aí vai uma pista: o local escolhido é o bairro de Itaquera. Agora ficou fácil. O nome é Itaquerão, claro. Antes, os estádios precisavam ao menos ser construídos, para

receber o enobrecimento do “ão” na última sílaba do apelido. Não mais. Não se sabe sequer quem vai pagar a conta do estádio, ou suposto estádio, do Corinthians, nem existe projeto definido. Mas o nome já lhe foi pespegado.

2º § O uso do aumentativo para designar estádios de futebol começou com a inauguração, em 1965, do Mineirão, em Belo Horizonte – oficialmente Estádio Magalhães Pinto, mas desde o primeiro momento, e para sempre, Mineirão. Fazia sentido. O majestoso Mineirão, com capacidade para 130000 pessoas, nascia como o segundo estádio brasileiro, só atrás do Maracanã, “o maior do mundo”. Dali em diante, a moda pegou, e a febre de construção de estádios que assolou o país, a partir do “milagre brasileiro” [...], espalhou ãos pelo país afora.

3º § Era uma questão de honra, para os governadores, construir estádios na capital do estado. A exemplo do caso mineiro, o governador que iniciasse as obras ganhava, por direito divino, o mimo de ter o nome emprestado ao do colosso. Mas as homenagens devidas ao governador, à cidade, ao estado e ao estádio não estariam completas se ao nome não se juntasse um apelido em que se engatasse um ão. Seguiu-se uma floração da qual constaram, entre outros, o Batistão de Aracaju (Estádio Lourival Batista, 1969), o Castelão de Fortaleza (Estádio Plácido Castelo, 1973), o Albertão de Teresina (Estádio Alberto Silva, 1976) e o Castelão de São Luís (Estádio João Castelo, 1982). Os estádios, assim como o próprio campeonato brasileiro de futebol, que chegou a abrigar quarenta clubes, em 1973, para agradar ao maior número de praças possível, integravam a estratégia *panem et circenses* do regime. Sendo que, no caso dos estádios, o *circenses* incluía um ão que convenientemente espelhava a grandeza da Pátria Grande concebida para embalar a fantasia dos brasileiros.

4º § Tal era sua força que o ão se disseminou por cidades do interior. Em Presidente Prudente, interior de São Paulo, surgiu o Prudentão (1982), um entre muitos exemplos. Com o fim do regime militar, ou, antes, com o fim domilagre econômico e de sua contrapartida de Pátria Grande, transcorreram mais de duas décadas de seca na construção de estádios. Mesmo porque, nos centros mais óbvios, ou mais vistosos, sob o ponto de vista político, já tinham sido todos construídos. Mas não desapareceu a memória do ão. Quando, para os Jogos Pan-Americanos, em 2007, foi inaugurado no Rio de Janeiro o Estádio João Havelange, que apelido ganhou? O leitor não adivinha? Pista: fica no bairro de Engenho de Dentro. Claro: é Engenhão. No caso do eventual e futuro estádio do Corinthians, o apelido de Itaquerão prova que o ão sobrevive mesmo à moda recente de chamar estádio de “arena” (Arena da Baixada, Arena Barueri). E no entanto...

5º § No entanto, o inho é que melhor caracterizaria o brasileiro. Sérgio Buarque de Holanda escreveu, no clássico *Raízes do Brasil* (um pouco de erudição faz bem, especialmente ao autor, que se convence de estar falando coisa séria): “A terminação inho, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração”. A passagem está no famoso capítulo do “homem cordial”, isto é, o homem regido pelo coração, que seria o brasileiro.

6º § [...] Somos a terra do jeitinho, do favorzinho e do probleminha, invocados sobretudo quando o jeito é complicado, o favor é grande e o problema insolúvel. Por esse caminho, para melhor se aninhar no coração dos brasileiros, o Mineirão deveria ser Mineirinho, o Castelão, Castelinho e o Batistão, Batistinha. Ocorre que estádios pertencem a outra esfera. Não foram feitos para cativar, mas para impressionar. Não pedem carinho, mas reverência, a si mesmos e a seus criadores. Cumprem no Brasil o que há de mais próximo ao papel das catedrais e das pirâmides, em outras épocas e lugares. Mesmo no caso de uma entidade que é puro espírito, como o propalado estádio do Corinthians, o brasileiro é levado a considerar uma indelicadeza não chamá-lo de ão.

(*Veja*, 9 mar. 2011, p. 102.)

101 - (PUC MG)

Assinale a alternativa em que a reformulação do trecho transcrito entre parênteses implique erro linguístico ou mudança de sentido.

a) O estádio novo do Corinthians, em São Paulo, a princípio destinado à abertura da Copa do Mundo de 2014, é, ainda, um rasgo de imaginação sobre um terreno baldio, contudo já tem apelido.

(O novo estádio do Corinthians, em São Paulo, em tese destinado à abertura da Copa do Mundo de 2014, é por enquanto um rasgo de imaginação sobre um terreno baldio, mas já tem nome de guerra. – 1º §)

b) A exemplo do caso de Minas Gerais, o governador que desse início às obras ganhava, por direito divino, o mimo de ter seu nome emprestado ao do estádio.

(A exemplo do caso mineiro, o governador que iniciasse as obras ganhava, por direito divino, o mimo de ter o nome emprestado ao do colosso. – 3º §)

c) Tamanha era a força do ão que ele se espalhou por cidades do interior. Em Presidente Prudente, no interior de São Paulo, surgiu o Prudentão (1982), um entre diversos exemplos.

(Tal era sua força que o ão se disseminou por cidades do interior. Em Presidente Prudente, interior de São Paulo, surgiu o Prudentão (1982), um entre muitos exemplos. – 4º §)

d) Por esse caminho, a fim de melhor se aninhar no coração dos brasileiros, o Mineirão deveria ser Mineirinho, o Castelão deveria ser Castelinho e o Batistão, Batistinha.

(Por esse caminho, para melhor se aninhar no coração dos brasileiros, o Mineirão deveria ser Mineirinho, o Castelão, Castelinho e o Batistão, Batistinha. – 6º §)

TEXTO: 68 - Comum à questão: 102

Presépio

Carlos Drummond de Andrade

1º Dasdores (assim se chamavam as moças daquele tempo) sentia-se dividida entre a missa do galo e o presépio. Se fosse à igreja, o presépio não ficaria armado antes de meia-noite, e, se se dedicasse ao segundo, não veria o namorado.

2º É difícil ver namorado na rua, pois moça não deve sair de casa, salvo para rezar ou visitar parentes. Festas são raras. O cinema ainda não foi inventado, ou, se o foi, não chegou a esta nossa cidade, que é antes uma fazenda crescida. Cabras passeiam nas ruas, um cincerro tilinta: é a tropa. E viúvas espiam de janelas, que se diriam jaulas.

3º Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever as cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. “Dasdores, as dálias já foram regadas hoje?” “Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo desse gato furtar a carne?” “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para sua mãezinha”. Dasdores multiplica-se, corre, delibera e providencia mil coisas. Mas é um engano supor que se deixou aprisionar por obrigações enfadonhas. Em seu coração ela voa para o sobrado da outra rua, em que, fumando ou alisando o cabelo com brilhantina, está Abelardo.

4º Das mil maneiras de amar, ó pais, a secreta é a mais ardilosa, e eis a que ocorre na espécie. Dasdores sente-se livre em meio às tarefas, e até mesmo extrai delas algum prazer. (Dir-se-ia que as mulheres foram feitas para o trabalho... Alguma coisa mais do que resignação sustenta as donas de casa.) Dasdores sabe combinar o movimento dos braços com a atividade interior – é uma conspiradora – e sempre acha folga para pensar em Abelardo. Esta véspera de Natal, porém, veio encontrá-la completamente desprevenida. O presépio está por armar, a noite caminha, lenta como costuma fazê-lo no interior, mas Dasdores é íntima do relógio grande da sala de jantar, que não perdoa, e mesmo no mais calmo povoado o tempo dá um salto repentino, desafia o incauto:

“Agarra-me!” Sucede que ninguém mais, salvo esta moça, pode dispor o presépio, arte comunicada por uma tia já morta. E só Dasdores conhece o lugar de cada peça, determinado há quase dois mil anos, porque cada bicho, cada musgo tem seu papel no nascimento do Menino, e ai do presépio que cede a novidades.

5º As caixas estão depositadas no chão ou sobre a mesa, e desembrulhá-las é a primeira satisfação entre as que estão infusas na prática ritual da armação do presépio. Todos os irmãos querem colaborar, mas antes atrapalham, e Dasdores prefere ver-se morta a ceder-lhes a responsabilidade plena da direção. Jamais lhes será dado tocar, por exemplo, no Menino Jesus, na Virgem e em São José. Nos pastores, sim, e nas grutas subsidiárias. O melhor seria que não amolassem, e Dasdores passaria o dia inteiro compondo sozinha a paisagem de água e pedras, relva, cães e pinheiros, que há de circundar a manjedoura. Nem todos os animais estão perfeitos; este carneirinho tem uma perna quebrada, que se poderia consertar, mas parece a Dasdores que, assim mutilado e dolorido, o Menino deve querer-lhe mais. Os camelos, bastante miúdos, não guardam proporção com os cameleiros que os tangem; mas são presente da tia morta, e participam da natureza dos animais domésticos, a qual por sua vez participa obscuramente da natureza da família. Através de um sentimento nebuloso, afigura-selhe que tudo é uma coisa só, e não há limites para o humano. Dasdores passa os dedos, com ternura, pelos camelinhos; sente neles a macieza da mão de Abelardo.

6º Alguém bate palmas na escada; ô de casa! amigas que vêm combinar a hora de ir para a igreja. Entram e acham o presépio desarranjado, na sala em desordem. Esta visita come mais tempo, matéria preciosa (“Agarrame! Agarra-me!”). Quando alguém dispõe apenas de uns poucos minutos para fazer algo de muito importante e que exige não somente largo espaço de tempo mas também uma calma dominadora – algo de muito importante e que não pode absolutamente ser adiado – se esse alguém é nervoso, sua vontade se concentra, numa excitação aguda, e o trabalho começa a surgir, perfeito, de circunstâncias adversas. Dasdores não pertence a essa raça torturada e criadora; figura no ramo também delicado, mas impotente, dos fantasistas. Vão-se as amigas, para voltar duas horas depois, e Dasdores, interrogando o relógio, nele vê apenas o rosto de Abelardo, como também percebe esse rosto de bigode, e a cabeleira lustrosa, e os olhos acesos, dissimulados nas ramagens do papel da parede, e um pouco por toda parte.

7º A mão continua tocando maquinalmente nas figuras do presépio dispondo-as onde convém. Nada fará com que erre; do passado a tia repete sua lição profunda. Entretanto, o prazer de distribuir as figuras, de fixar a estrela, de espalhar no lago de vidro os patinhos de celuloide, está alterado, ou subtrai-se. Dasdores não o saboreia por inteiro. Ou nele se insinuou o prazer da missa? Ou o medo de que o primeiro, prolongando-se, viesse a impedir o segundo? Ou um sentimento de culpa, ao misturar o sagrado ao profano, dando, talvez! preferência a este último, pois no fundo da caminha de palha suas mãos acariciavam o Menino, mas o que a pele queria sentir – sentia, Deus me perdoe – era um calor humano, já sabeis de quem.

8º Aqui desejaria, porque o mundo é cruel e as histórias também costumam sê-lo, acelerar o ritmo da narrativa, prover Dasdores com os muitos braços de que ela carece para cumprir com sua obrigação, vestir-se violentamente, sair com as amigas – depressa, depressa! –, ir correndo ladeira acima, encontrar a igreja vazia, o adro já quase deserto, e nenhum Abelardo. Mas seria preciso atribuir-lhe, não braços e pernas suplementares, e sim outra natureza, diferente da que lhe coube, e é pura placidez. Correi, sôfregos, correi ladeira acima, e chegai sempre ou muito tarde ou muito cedo, mas continuai a correr, a matar-vos, sem perspectiva de paz ou conciliação. Não assim os serenos, aqueles que, mesmo sensuais, se policiam. O dono desta noite, depois do Menino, é o relógio, e este vai mastigando seus minutos, seus cinco minutos, seus quinze minutos. Se nos esquecermos dele, talvez pule meia hora, como um prestidigitador furta um ovo, mas, se nos pusermos a contemplá-lo, os números gelam, o ponteiro imobiliza-se, a vida parou rigorosamente. Saber que a vida parou seria reconfortante para Dasdores, que assim lograria folga para localizar condignamente os três reis na estrada, levantar os muros de Belém. Começa a fazê-lo, e o tempo dispara de novo. "Agarra-me! Agarra-me!" Nas cabeças que espiam pela porta entreaberta, no estouvamento dos irmãos, que querem se debruçar sobre o caminho de areia antes que essa esteja espalhada, na muda interrogação da mãe, no sentimento de que a vida é variada demais para caber em instantes tão curtos, no calor que começa a fazer apesar das janelas escancaradas – há uma previsão de malogro iminente. Pronto, este ano não haverá Natal. Nem namorado. E a noite se fundirá num largo pranto sobre o travesseiro.

9º Mas Dasdores continua, calma e preocupada, cismarenta e repartida, juntando na imaginação os dois deuses, colocando os pastores na posição devida e peculiar à adoração, decifrando os olhos de Abelardo, as mãos de Abelardo, o mistério prestigioso do ser de Abelardo, a auréola que os caminhantes descobriram em torno dos cabelos macios de Abelardo, a pele morena de Jesus, e aquele cigarro – quem botou! – ardendo na areia do presépio, e que Abelardo fumava na outra rua.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos de aprendiz**.
14. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976, p. 41-46.

102 - (PUC MG)

Nos trechos a seguir, todos os segmentos sublinhados exercem o mesmo papel sintático-semântico, **EXCETO** em:

a) Se fosse à igreja, o presépio não ficaria armado antes de meia-noite [...]

b) [...] se se dedicasse ao segundo, não veria o namorado.

c) [...] se o foi, não chegou a esta nossa cidade [...]

d) Não assim os serenos, aqueles que, mesmo sensuais, se policiam [...]

TEXTO: 69 - Comum às questões: 103, 104

O PEIXE NEMO E O MAIS MÉDICOS

Rogério Cezar de Cerqueira Leite

1º § A indústria farmacêutica apresenta uma característica peculiar. Ela vende para um, o doente, que é quem paga, mas quem escolhe o medicamento é outro, o médico.

2º § Essa condição fez com que a indústria farmacêutica internacional desenvolvesse uma estratégia "sui generis" que, não obstante, imita um comportamento comum entre animais inferiores, a simbiose.

3º § Observo em meu aquário o peixe-palhaço percola Nemo colher um vôngole e levá-lo à boca de "sua" anêmona, antes mesmo que ele próprio se alimente. Em troca, recebe da anêmona – um animal com tentáculos venenosos – proteção contra eventuais predadores. Essa troca de favores chamamos simbiose.

4º § A promoção de medicamentos se faz de porta em porta, nos consultórios médicos. Todo mundo sabe que os inúmeros congressos médicos nos mais pitorescos locais do mundo, de Paris a Cancun, são patrocinados pelas empresas produtoras de medicamentos, inclusive com passagens e estadia pagas.

5º § O que não era percebido até recentemente é a importância e o volume de recursos repassados diretamente a médicos como remuneração pela promoção de medicamentos. Pois bem, embora sejam esses recursos diminutos em comparação com os gastos globais dessas empresas com propaganda, em que se incluem as conferências técnico-turísticas, elas ultrapassam só nos Estados Unidos uma centena de milhões de dólares por ano.

6º § E onde fica a ética? E o ensinamento de Hipócrates? A prática quotidiana e a necessidade de sobrevivência geram padrões de comportamento que, por sua vez, estabelecem dogmas, tabus, que enfim são incorporados como princípios éticos à cultura de cada sociedade.

7º § Aos poucos, os médicos acabam por sepultar sua própria percepção dos conflitos de interesse que regem essa maléfica simbiose. Três empresas multinacionais do setor farmacêutico foram há pouco multadas e 18 de seus funcionários presos na China por adotarem essa prática.

8º § Recentemente, o médico britânico e Nobel de medicina Richard J. Roberts acusou as farmacêuticas de evitar a cura em prol da dependência, um fato já conhecido. Se você cura o doente, você deixa de faturar. Se você simplesmente o mantém vivo, você fatura indefinidamente. Uma estratégia também adotada por animais parasitas. Quantas corporações médicas denunciaram essa condição maléfica?

9º § Médicos e suas associações já se opuseram, se não publicamente, pelo menos nos bastidores, a iniciativas positivas do Estado. Isso ocorreu com a instalação do SUS e com as poucas iniciativas de produção de medicamentos em laboratórios estatais. Agora acontece com o programa Mais Médicos, que, para as condições atuais da saúde no Brasil, é imprescindível. Tudo que pareça interferir com a tradicional simbiose médicoprodutoras de medicamentos, mesmo que tangencialmente, passa a ser hostilizado.

10º § Quantos dos médicos que se declaram contra o programa repudiaram ofertas de passagens e estadias em gostosas conferências? Quantos colocam o interesse da sociedade brasileira acima dos seus próprios e de sua corporação?

(Extraído de: *Folha de S.Paulo*, 19 nov. 2013.)

103 - (PUC MG)

Assinale a alternativa em que a reformulação do trecho transcrito entre parênteses implique erro ou mudança de sentido.

a) O que não se percebia até há pouco é a importância e o volume de recursos diretamente repassados a médicos a título de remuneração pela promoção de medicamentos. (O que não era percebido até recentemente é a importância e o volume de recursos repassados diretamente a médicos como remuneração pela promoção de medicamentos. – 5º §)

b) As empresas produtoras de medicamentos têm um traço *sui generis.* (A indústria farmacêutica apresenta uma característica peculiar. – 1º §)

c) Se se cura o doente, deixa-se de lucrar. (Se você cura o doente, você deixa de faturar. – 8º §)

d) Tudo quanto interfira, ainda que aparentemente, na tradicional simbiose entre médicos e indústria farmacêutica, apesar de superficialmente, passa a ser alvo de hostilidades (Tudo que pareça interferir com a tradicional simbiose médico-produtoras de medicamentos, mesmo que tangencialmente, passa a ser hostilizado. – 9º §)

104 - (PUC MG)

Assinale a alternativa em que a reformulação do trecho transcrito entre parênteses implique erro ou mudança de sentido.

a) O que não se percebia até há pouco é a importância e o volume de recursos diretamente repassados a médicos a título de remuneração pela promoção de medicamentos. (O que não era percebido até recentemente é a importância e o volume de recursos repassados diretamente a médicos como remuneração pela promoção de medicamentos. – 5º §)

b) As empresas produtoras de medicamentos têm um traço *sui generis.* (A indústria farmacêutica apresenta uma característica peculiar. – 1º §)

c) Se se cura o doente, deixa-se de lucrar. (Se você cura o doente, você deixa de faturar. – 8º §)

d) Tudo quanto interfira, ainda que aparentemente, na tradicional simbiose entre médicos e indústria farmacêutica, apesar de superficialmente, passa a ser alvo de hostilidades. (Tudo que pareça interferir com a tradicional simbiose médico-produtoras de medicamentos, mesmo que tangencialmente, passa a ser hostilizado. – 9º §)

TEXTO: 70 - Comum à questão: 105

[01] As câmeras de vigilância estão em todos os lugares. [02] No começo, a novidade incomodava, evocava [03] um mundo controlado, totalitário. Mas logo nos demos [04] conta de que elas inibem e esclarecem crimes, ajudam [05] em coisas prosaicas, como controlar o trânsito. [06] É uma vigilância barata, segura, muitas mais virão.

[07] Porém, a presença de câmeras na escola coloca [08] outras questões. O objetivo seria o mesmo, proteger [09] e prevenir. As intenções são louváveis, mas não se [10] pode ignorar um fator fundamental: a escola é a [11] primeira socialização não controlada pelos pais e é [12] necessário que assim seja. Com o olhar vigilante e [13] onipresente da família não se cresce. Crescemos [14] quando resolvemos sozinhos nossos problemas, [15] quando administramos entre os colegas as querelas [16] nem sempre fáceis. Entre as crianças, inúmeras [17] rusgas se resolvem sozinhas, os pais nem ficam [18] sabendo, e é ótimo que assim seja.

[19] O *bullying* deve ser combatido, mas não dessa [20] forma. O preço a pagar pela suposta segurança compromete [21] a essência de uma das funções da escola, [22] que é aprender a viver em sociedade sem os pais e [23] a sua proteção, evocada pela presença da câmera.

[24] Na sala de aula e no pátio da escola cada um [25] vale por si. É preciso aprender a respeitar e ser respeitado. [26] Nós todos já passamos por isso e sabemos [27] como era difícil. Não existe outra forma, é isso ou a [28] infantilização perpétua. A transição da casa para [29] a escola nunca vai ser amena.

[30] Essa proposta de vigilância não se ancora em [31] razões pedagógicas, e sim na angústia dos pais em [32] controlar seus filhos. Não creio que seja a escola que [33] reivindica câmeras, mas quem a paga. São os pais [34] inseguros que querem estender seu olhar para onde [35] não devem. Existe uma correlação forte entre pais [36] controladores e filhos imaturos, adolescentes eternos [37] que demoram para assumir responsabilidades. É [38] possível cuidar dos nossos fi lhos mesmo permitindo [39] a eles experiências longe dos nossos olhos. A escola [40] é deles, esse é o seu espaço e seu desafio.

CORSO, Mário. *Câmeras na escola*.
Zero Hora, 05/06/2013. (fragmento adaptado)

105 - (PUC RS)

Pela leitura do texto, é possível completar as frases a seguir, com **EXCEÇÃO** de

a) Às vezes, as câmeras de segurança são necessárias porque _____.

b) As atividades desenvolvidas pelas escolas para incentivar a socialização das crianças são, entre outras, _____.

c) As escolas, ao optarem pela colocação de câmeras de vigilância nas suas dependências, agem de acordo com _____.

d) As difi culdades de as crianças adquirirem autonomia se agrava quando _____.

e) Entre as razões que levam os pais a exigirem a presença de câmeras na escola, pode-se citar _____.

TEXTO: 71 - Comum às questões: 106, 107

[01] Ninguém se surpreendeu com a notícia de que Washington [02] possui um poderoso sistema de espionagem, [03] mas a revelação de sua amplitude por Edward Snowden [04] criou um escândalo planetário. Nos Estados Unidos, a [05] novidade foi recebida com apatia. Estão distantes os [06] dias em que as escutas telefônicas provocavam a ira [07] da população.

[08] As revelações de Edward Snowden sobre a amplitude [09] do programa de vigilância eletrônica da Agência de [10] Segurança Nacional (NSA, na sigla em inglês) levantam [11] a questão da intromissão das agências de inteligência [12] dos Estados Unidos na vida dos cidadãos. Contudo, [13] para além do registro de metadados a partir de linhas [14] telefônicas e da navegação na internet, esse caso revela [15] outra realidade, também preocupante: a maior parte dos [16] norte-americanos aprova o controle das comunicações [17] eletrônicas privadas. _____ [18] _____.

[19] Esse consentimento perante a espionagem nem [20] sempre existiu nos Estados Unidos. Algumas semanas [21] antes do atentado de 11 de setembro de 2001, o jornal [22] USA Today publicava a manchete: "Quatro em cada dez [23] norte-americanos não confiam no FBI" (20 jun. 2001). [24] Durante décadas, estudos sucessivos da Secretaria de [25] Justiça mostraram a forte oposição da população às [26] escutas telefônicas pelos poderes públicos. Entre 1971 e [27] 2001, a taxa de desconfiança chegou a flutuar entre 70% [28] e 80%. Mas os atentados contra o World Trade Center e [29] o Pentágono e, em seguida, a guerra contra o terrorismo [30] empreendida por George W. Bush mudaram o cenário [31] e conduziram os norte-americanos a reconsiderar bruscamente [32] a oposição secular à vigilância de cidadãos.

[33] Após um século de grande oposição, a sociedade [34] norte-americana aprendeu a renunciar a seu direito à [35] confidencialidade. Para grande parte da população – [36] sem lembranças desse passado não muito distante –, o [37] medo do terrorismo amplamente difundido e a promessa [38] de respeito aos direitos dos "inocentes" tornaram-se [39] mais importantes que as aspirações à proteção da vida [40] privada e das liberdades civis. O "deserto do esquecimento [41] organizado", segundo a expressão do sociólogo [42] Sigmund Diamond, deixa o caminho livre para aqueles [43] que desejam manter a ordem estabelecida.

PRICE, David. *Caso Snowden*: a história social das escutas telefônicas. (fragmento) In: www.noticiasdabahia.com.br, publicado em 21/08/2013.

106 - (PUC RS)

Analise as possibilidades de inserção dos períodos a seguir na lacuna no fi nal do segundo parágrafo.

1. Segundo pesquisa realizada pelo jornal Washington

Post alguns dias depois das declarações de

Snowden, 56% da população julgam que o programa vigilância eletrônica é “aceitável” e 45% acreditam que o Estado deve “ser capaz de vigiar os e-mails de qualquer pessoa na luta contra o terrorismo”.

2. Dados veiculados pelo jornal Washington Post, logo depois das revelações de Snowden, informam que 56% da população consideram “aceitável” o programa de vigilância eletrônica, pois, segundo 45% dos entrevistados, não é dever do Estado “vigiar os e-mails de qualquer pessoa na luta contra o terrorismo”.

3. Logo após as denúncias de Snowden, uma pesquisa realizada pelo jornal Washington Post confirmou que 56% da população rejeitam o programa vigilância eletrônica e que, para 45%, cabe ao Estado “vigiar os e-mails de qualquer pessoa para fazer frente ao terrorismo”.

O(s) período(s) que pode(m) completar a lacuna do segundo parágrafo, mantendo a coerência do texto, é/são, apenas,

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 1 e 2.

e) 2 e 3.

107 - (PUC RS)

Considere as sugestões de substituição de passagens do texto.

1. “mas” (Ref. 03) por “embora”.

2. “sobre a” (Ref. 08) por “relativas a”.

3. “Esse” (Ref. 19) por “Tal”.

4. “publicava” (Ref. 22) por “publicou”.

5. “conduziram” (Ref. 31) por “fi zeram”.

As alterações que mantêm o sentido e a correção do texto são, apenas,

a) 1 e 3.

b) 2 e 5.

c) 3 e 4.

d) 2, 3 e 4.

e) 2, 4 e 5.

TEXTO: 72 - Comum à questão: 108

Analfabetismo funcional

[01] A condição de analfabeto funcional aplica-se a [02] indivíduos que,mesmo capazes de identificar letras e [03] números, não conseguem interpretar textos e realizar [04] operações matemáticas mais elaboradas. Tal condição [05] limita severamente o desenvolvimento pessoal [06] e profissional. [...]

[07] Uma variação do analfabetismo funcional parece [08] estar presente no topo da pirâmide corporativa e na [09] academia. Em uma longa série de entrevistas realizadas [10] por este escriba, nos últimos cinco anos, com [11] diretores de grandes empresas locais, uma queixa [12] revelou-se rotineira : _____ a muitos profissionais [13] da média gerência a capacidade de interpretar de [14] forma sistemática situações de trabalho, relacionar [15] devidamente causas e efeitos, encontrar soluções [16] e comunicá-las de forma estruturada. Não se trata [17] apenas de usar corretamente o vernáculo, mas de [18] saber tratar informações e dados de maneira lógica [19] e expressar ideias e proposições de forma inteligível, [20] com começo, meio e fim.

[21] Na academia, o cenário não é menos preocupante. [22] Colegas professores, com atuação em administração [23] de empresas, frequentemente reclamam [24] de pupilos incapazes de criar parágrafos coerentes [25] e expressar suas ideias com clareza. A dificuldade [26] afeta alunos de MBAs, mestrandos e mesmo doutorandos. [27] Editores de periódicos científicos da mesma [28] área

frequentemente deploram a enorme quantidade [29] de manuscritos vazios, herméticos e incoerentes [30] recebidos para publicação. E frequentemente seus [31] autores são pós-doutores!

[32] O problema não é exclusivamente tropical. Michael [33] Skapinker registrou recentemente em sua coluna no [34] jornal inglês Financial Times a história de um professor [35] de uma renomada universidade norte-americana. [36] O tal mestre acreditava que escrever com clareza [37] constitui habilidade relevante para seus alunos, futuros [38] administradores e advogados. Passava-lhes, [39] semanalmente, a tarefa de escrever um texto curto, [40] o qual corrigia, avaliando a capacidade analítica dos [41] autores. Pois a atividade causou tal revolta que o [42] diretor da instituição solicitou ao professor torná-la [43] facultativa. Os alunos parecem acreditar que, em um [44] mundo no qual a comunicação se dá por mensagens [45] eletrônicas e tuítes, escrever com clareza não é mais [46] importante.

[47] [...] Por aqui, vivemos uma situação curiosa: de [48] um lado, cresce a demanda por análises e [49] raciocínios sofisticados e complexos . E, de outro, _____ [50] competências básicas relacionadas ao pensamento [51] analítico e à articulação de ideias. O resultado é ora [52] constrangedor, ora cômico. Nas empresas, muitos [53] profissionais parecem tentar tapar o sol com uma [54] peneira de powerpoints, abarrotados de informação [55] e vazios de sentido.

[56] Na academia, _____ textos caudalosos, [57] impenetráveis e ocos. Se aprender a escrever é [58] aprender a pensar, e escrever for mesmo uma atividade [59] em declínio, então talvez estejamos rumando [60] céleres à condição de invertebrados intelectuais.

WOOD JR, Thomaz. Analfabetismo funcional. (fragmento adaptado)
In: http://www.cartacapital.com.br/ revista/758/analfabetismo-funcional-6202.html, publicado em 24/7/2013.

108 - (PUC RS)

Considere as sugestões de substituição para as formas verbais destacadas nos trechos.

I. “Em uma longa série de entrevistas realizadas” (Refs. 09 10) que se realizaram”.

II. “uma queixa revelou-se rotineira” (Refs. 11 e 12) por “revelada”.

III. “o diretor da instituição solicitou ao professor torná-la facultativa” (Refs 41 e 3) que a tornasse”.

IV. “Por aqui, vivemos uma situação curiosa” (Ref. 47) vive-se”.

As alterações que mantêm o sentido e a correção do texto são, apenas,

a) I e II.

b) III e IV.

c) I e IV.

d) I, II e III.

e) II, III e IV.

TEXTO: 73 - Comum à questão: 109

Elegância 1, racismo 0

Editorial

Folha de S.Paulo, 1 de maio de 2014

O paradoxo costuma rondar sistemas democráticos. Até que ponto se pode tolerar a intolerância, ser liberal com quem pretende demolir as liberdades, assegurar os direitos dos que não os reconhecem?

Em alguns casos, a dúvida se resolve facilmente. Criminaliza-se a tentativa de derrubar pela força um governo legítimo. Atentados terroristas recebem sanções severas, não importando a fundamentação política que possam ter.

Nos chamados crimes de opinião, **todavia**, o debate se torna mais complexo. Poucas coisas são mais repugnantes e estúpidas do que o preconceito racial, e têm sido frequentes manifestações desse tipo nos estádios de futebol.

Do Reino Unido ao Peru, do Japão ao Brasil, registram-se atos de insulto a jogadores afrodescendentes por parte de alguns (ou muitos) torcedores que estão prontos a aplaudir o jogador negro ou mulato quando estes fazem gols para seus times de dileção.

Várias iniciativas se tomam para punir os responsáveis. Uma equipe peruana foi condenada a pagar multa (meros US$ 12 mil) depois de seus torcedores terem emitido gritos de "macaco" para agredir o jogador Tinga, do Cruzeiro. No Brasil, um time gaúcho perdeu nove pontos e foi rebaixado pelo fato de seus fãs terem atirado bananas contra um árbitro.

A questão é saber se punições como essas cumprem um papel determinante, pedagógico e civilizatório, no sentido de modificar a mentalidade do torcedor racista.

A repressão a um sentimento, por mais odioso que seja, não o desarma. Pode-se desencorajar, pela lei, certos comportamentos que o manifestem de forma explícita. Seu fundo de ressentimento e destrutividade permanece e pode até fermentar, depois de recalcado.

Não poderia ser mais educativa – no que teve de superioridade, humor e indiferença – a reação do brasileiro Daniel Alves, que soberanamente comeu a banana que lhe fora atirada.

Uma agência publicitária tomou **daí** a inspiração, a pedido do atacante Neymar, também hostilizado nos campos espanhóis, para campanha contra o racismo.

"Somos todos macacos", diz o slogan, obtendo a adesão de inúmeras celebridades. Torna-se moda, nas redes sociais, divulgar fotos com a fruta em mãos; o insulto se neutraliza, o agressor se desconcerta, o símbolo inverte o sentido.

É no campo das formas de expressão que o embate se leva a efeito. Gesto contra gesto, solidariedade contra particularismo, ironia contra estupidez: **ainda que** essa luta jamais tenha fim, é bom que seu lado mais inteligente tenha, **também**, as armas mais inteligentes a seu dispor.

109 - (PUC SP)

No texto, estão evidenciados elementos de coesão que estabelecem, respectivamente, relações de

a) oposição, assunto, contradição, explicação.

b) contradição, justificação, inclusão, adversidade.

c) contraste, assunto, concessão, inclusão.

d) assunto, justificação, contraste, concessão.

e) concessão, explicação, exemplificação, inclusão.

TEXTO: 74 - Comum à questão: 110

[1] Como os filmes de Hollywood lembram, a maioria de nós procura um amor duradouro, não importa a idade. Psicólogos [2] agora sabem que cada um de nós expressa afeto de maneira diferente. Alguns são fortemente emotivos e convivem quase que [3] diariamente com altos e baixos no humor. Já outros são plácidos e serenos. Enquanto uns apresentam maior dificuldade para [4] revelar seus sentimentos, outros abrem-se para estranhos no ônibus ou avião.

[5] Parece óbvio que a maneira pela qual expressamos nosso afeto varia muito de pessoa para pessoa. Entretanto, [6] essa questão costuma ser negligenciada quando autores populares aconselham o que fazer para fortalecer um romance. [7] Quando presumem que todos se assemelham em termos de personalidade, tais autores adotam a abordagem "tamanho [8] único" para os assuntos afetivos. Como resultado, isso gera frustração entre os parceiros. Desconfie. Qualquer que seja o [9] caso, aqui estão quatro dimensões de personalidade a serem levadas em consideração.

(HOFFMAN, Edward. Como você demonstra afeto? Seção Conexões da alma. In: **Bons fluidos**: atitude, bem-estar, autoconhecimento, São Paulo: ed.175, ano 17, n. 10, out. 2013)

110 - (PUCCamp SP)

Para que o fragmento acima manifeste coerência interna, a sua sequência imediata deve citar, por exemplo,

a) diagrama das posições relativas dos planetas e dos signos zodiacais no momento específico do nascimento de um possível parceiro, instrumento para inferir o caráter e os traços de personalidade típicos da conjunção astral.

b) classificações de personalidade que determinam o comportamento de um possível parceiro no que se refere especificamente à expressão de afeto.

c) relações de perfis que contenham a determinação do padrão a ser adotado por um possível parceiro em demonstrações de afeto, modo esse de fortalecer uma relação afetiva.

d) categorias que, abrangendo distintos aspectos psíquicos, possam ser úteis no processo de percepção da individualidade de um possível parceiro.

e) elenco de questões que interferem no relacionamento afetivo, cujo estudo, baseado na desconfiança quanto a soluções singulares, possibilita relacionamentos duradouros.

TEXTO: 75 - Comum às questões: 111, 112

Álbum de colégio

[1] Um antigo colega criou e organizou um site *sobre [2] nossos anos de colégio, que já vão longe. Visitei ontem [3] as páginas virtuais de uma experiência real, vivida [4] longamente numa velha escola, sólida tanto na construção [5] como no ensino. A pesquisa do meu colega é [6] bastante rica: documenta com detalhes pessoas e espaços [7] que nos foram muito familiares. Detive-me logo [8] na sequência dos professores, como se de novo estivesse [9] a ouvir suas vozes e a ver seus gestos, projetados [10] do tablado em que ficava a mesa, junto ao [11] quadro-negro.*

[12] Dona Alzira, de matemática. Óculos grossos, de [13] aro escuro, contrastando com a pele clara. Paciente, [14] repetia o que fosse necessário de uma lição de álgebra [15] ou geometria. Eu me divertia com as palavras novas, [16] que logo transformava em apelidos dos colegas: [17] Maria Clara ficou sendo a Hipotenusa, por ser comprida [18] e magra, e o Zé Roberto passou a ser Cateto, por [19] conta do nariz comprido. As palavras prestam-se a associações [20] estranhas, talvez arbitrárias. O frequente [21] vestido de folhas vermelhas de Dona Alzira me parecia [22] bandeira vistosa das minhas dificuldades com as [23] equações e os teoremas.

[24] Dava-me melhor em Português. Não tanto com a [25] Gramática das regras severas e nomenclatura difícil, [26] mas com os textos bonitos que nos levavam para fora [27] da escola, na viagem da imaginação. Descobri com [28] seu Alex, professor grandalhão de voz grave e dicção [29] perfeita, o encantamento de versos ou frases em [30] prosa ditos com muita expressão, valorizados em cada [31] sílaba. E me iniciei em alguns autores que acabaram [32] ficando, como Fernando Pessoa.

[33] A História, ao que me lembro, dividia-se em Geral, [34] da América e do Brasil. Tive mais de um professor, o [35] mais entusiasmado e entusiasmante era o seu Euclides, [36] quase nunca imparcial, admirador dos gregos, não tanto [37] dos romanos, capaz de descrever as viagens marítimas [38] dos

portugueses e espanhóis como se fosse um tripulante. [39] *Não deixava de admirar Napoleão, acentuando* [40] *a incomensurável diferença entre o tio e o sobrinho. Na* [41] *História do Brasil, enfatizava as insurreições populares* [42] *e censurava o Estado Novo.*

[43] *Clicando aqui e ali (quem diria que havíamos de* [44] *conhecer e usar esse tal de computador?) chego a outros* [45] *mestres, a outras aulas inesquecíveis. As meninas* [46] *torciam o nariz nas de Química: o professor fazianos* [47] *usar o laboratório e praticar reações (com sulfato?* [48] *com sulfeto?) que não cheiravam nada bem. As mais* [49] *frágeis simulavam desmaios... Havia as salas-ambiente,* [50] *destinadas e aparelhadas para disciplinas específicas.* [51] *Na de Geografia, grandes mapas, projetor* [52] *de* slides*, maquetes e figuras em alto relevo; na de* [53] *Biologia, acreditem: um esqueleto completo, de verdade,* [54] *apelidado de Toninho (dizia-se que de um indigente,* [55] *morto há várias décadas); na de Física, armários* [56] *com instrumentos que lembravam ilustrações de* [57] *Da Vinci. O professor Geraldo não era exatamente* [58] *uma grande vocação de pedagogo: com ele a Física ficava* [59] *mais difícil do que já é. Dividia o curso em três* [60] *partes: Cinemática, Estática e Dinâmica, mas não sobrava* [61] *quase nada de nenhuma. Como ficava ao lado* [62] *da sala de Música, distraía-nos o piano de Dona* [63] *Mariinha, que punha seus alunos para cantar peças do* [64] *folclore nacional, das cirandas e emboladas do nordeste* [65] *às danças gauchescas.*

[66] *E havia, é claro, os pátios de recreio, movimentados* [67] *nos intervalos. A moralidade da época recomendava* [68] *dois pátios: um para os meninos, outro para as* [69] *meninas. As turmas eram mistas, mas o convívio evitado* [70] *tanto quanto possível. Regulava-se o comprimento* [71] *das saias, que algumas colegas enrolavam sorrateiramente* [72] *na cintura. Afinal, a moda era a míni...* [73] *Discos recém-lançados de Roberto Carlos e dos* [74] *Beatles animavam o intervalo maior, colocados na vitrola* [75] *reivindicada e conseguida pelo centro estudantil.76* [77] *Volta e meia aparecia um jornalzinho dos estudantes,* [78] *de corpo editorial instável e de vida curta.*

[79] *Como esquecer, ainda, as figuras dos nossos inspetores* [80] *de alunos? Seu Alípio, baixinho e bravo, vociferando* [81] *por nada; dona Gladyr, apelidada de Arco-íris* [82] *por conta das roupas multicoloridas; dona Gervásia, a* [83] *mais velha funcionária da escola, contadora de* [84] *"causos"; Albertina, moça vigilante e de poucas palavras,* [85] *encarregada do portão de entrada das meninas.* [86] *Na cantina, os três irmãos proprietários ("os três mosqueteiros* [87] *ou os três patetas?", brincávamos) atendiam* [88] *a todos com desenvoltura e bom humor. E, por todo* [89] *lado, as criaturas mais antigas e veneráveis: os* [90] flamboyants *copados, os plátanos, as duas figueiras.* [91] *Provavelmente ainda todas vivas, florescendo.*

[92] De clique em clique armou-se na tela do monitor, [93] em grande angular, a imagem da preciosa e velha [94] biblioteca da escola. Sim, tinha bibliotecária: uma [95] senhora idosa e prestativa, sempre perfumada, rigorosa [96] na disciplina: dona Augusta, de hábitos e gosto [97] conservadores. Na "sua" biblioteca não entrava "esse [98] tal de Sartre, francês ateu e comunista que desencaminha [99] a juventude". Recomendava-nos Coelho [100] Netto e Olavo Bilac, Machado de Assis e Euclides da [101] Cunha, e parava por aí: nenhum entusiasmo pelos [102] modernos. Mas lá estavam Bandeira, Drummond, [103] Clarice, Graciliano, Guimarães Rosa, que íamos descobrindo [104] aos poucos. A biblioteca tinha algumas preciosidades [105] do século XIX, encadernadas e dispostas [106] nas prateleiras mais altas.

[107] Ah, a educação física... Luxos dos luxos: um ginásio [108] de esportes, com boa quadra e pequena arquibancada, [109] e um campo gramado de futebol, com traves [110] oficiais e rede, instalada apenas nos jogos importantes. [111] Lembro-me quando a seleção da escola recebeu [112] o time do Seminário Presbiteriano, uns jovens educadíssimos, [113] diante dos quais parecíamos uns trogloditas. [114] Pois nos deram uma goleada, com todo o respeito. [115] Nosso comentário ressentido: – Mas também esses [116] caras vivem concentrados...

[117] Velha escola. Por ironia, a tecnologia moderna [118] me leva ao passado e materializa reminiscências que [119] pareciam condenadas à pura e desmaiada memória. [120] Ao som das músicas daquela época, as jovens colegas [121] continuam moças e bonitas, e os rapazes ensaiam [122] seus flertes... Palavras antigas. Mas está tudo [123] lá: no site *do colégio, aberto à participação de moços [124] e velhos, história organizada de uma década perdida [125] no século XX. Lembrei-me agora de uma cena do filme* **[126] *Sociedade dos poetas mortos***. *O professor leva [127] seus corados alunos a um saguão da escola, onde [128] estão fotos amareladas de alunos de outrora, que já [129] nem estão neste mundo. Aos moços atentos àquelas [130] imagens pergunta o professor: – Sabe o que dizem [131] esses jovens das fotos? Dizem:* ***carpe diem****, em latim. [132] Ou: aproveita bem o dia que passa.*

(Rinaldo Antero da Cruz, *inédito*)

111 - (PUCCamp SP)

No primeiro parágrafo,

a) (Refs. 2 e 3) dada a ausência de qualquer informação sobre data, não há como entender a que se refere a palavra *ontem*.

b) (Refs. 6 e 7) o segmento *documenta com detalhes pessoas e espaços que nos foram muito familiares* constitui uma conclusão.

c) (Refs. 8 a 11) a conjunção comparativa relaciona por semelhança a ação de observar a sequência de professores e a ação efetiva de ouvir suas vozes e ver seus gestos novamente.

d) (Refs. 8 e 9) o segmento destacado em *como se de novo estivesse a ouvir suas vozes* expressa uma ação contínua, com o matiz, dado pelo contexto, de que a continuidade é prazerosa.

e) (Refs. 9 e 10) a substituição do segmento destacado em *projetados do tablado em que ficava a mesa* por "sob o qual ficava a mesa" mantém a correção e o sentido originais.

112 - (PUCCamp SP)

Observado o 6º parágrafo, em seu contexto, assinale o comentário adequado:

a) (Refs. 69 e 70) Se o terceiro período tivesse outra redação, iniciada por "O convívio era evitado tanto quanto possível", a manutenção do sentido original exigiria, na sequência, e com as devidas alterações, a presença da locução "ainda que".

b) (Refs. 71 e 72) Em *que algumas colegas enrolavam sorrateiramente na cintura*, o pronome relativo recupera *o comprimento*.

c) (Ref. 72) Em *Afinal, a moda era a míni...,* o advérbio introduz o final do processo iniciado com a ação de "enrolar".

d) (Refs. 76 e 77) Se, em vez da original, a frase fosse "Volta e meio apareciam uns jornalzinhos dos estudantes, de corpo editorial instável e de vida curta", a correção gramatical estaria preservada.

e) (Refs. 66 e 67) Na frase *E havia, é claro, os pátios de recreio, movimentados nos intervalos,* o verbo "haver" está empregado com o sentido de "existir", portanto a substituição de *havia* por "existia" preserva a correção da frase.

TEXTO: 76 - Comum à questão: 113

Comunicação e alteridade

[1] Na nossa vida de todo dia, estamos [2] sempre em contato com outras pessoas. [3] Esse contato frequente acontece a partir das [4] afinidades e das semelhanças, mas inclui [5] também as relações de diferença entre o que [6] pertence ao "eu" e o que diz respeito ao [7] "outro". Para se referir a essas relações, [8] costuma-se utilizar uma noção importante: [9] alteridade.

[10] A palavra alteridade, ao pé da letra, [11] significa "natureza do que é outro". Para [12] entender melhor seu significado, podemos [13] opô-la a expressões como "identidade" e [14] "subjetividade". As relações de alteridade [15] dizem respeito às diferenças que perpassam [16] o nosso cotidiano, e que podem se [17] manifestar nas divergências de opinião em [18] um debate, na diversidade de preferências [19] que define as comunidades nas redes sociais, [20] ou podem estar presentes em questões bem [21] mais complicadas, como as diferenças de [22] nacionalidade, de raça, de religião, de [23] gênero ou de classe social, que motivam [24] conflitos dos mais diversos.

[25] Perceber as relações de alteridade entre [26] várias pessoas nos leva não apenas a [27] identificar os traços dessas diferenças – de [28] nacionalidade, de cor da pele, de sotaque –, [29] mas a considerar como se produzem, [30] socialmente, tanto a diferença quanto a [31] identidade. É preciso compreender que o [32] "eu" e o "outro" não são entidades fixas e [33] isoladas, mas se constituem na relação: nós [34] só nos tornamos quem somos a partir da [35] visão do outro, assim como o outro só se [36] torna diferente de nós porque projetamos [37] sobre ele um olhar que o diferencia. Ainda [38] que, muitas vezes, seja difícil perceber, [39] nessa jornada ocorre um processo contínuo [40] de diferenciação: eu sou desse jeito, e não [41] daquele outro; eu gosto dessas coisas, e não [42] dessas outras.

[43] Um processo semelhante acontece com as [44] identidades coletivas (sejam elas nacionais, [45] étnicas, sexuais, religiosas ou outras). Elas [46] não são "essências", mas sim construídas [47] histórica e socialmente: o "ser brasileiro" não [48] significa somente "ter nascido no Brasil", [49] mas sim fazer parte de uma identidade que [50] se transforma com o passar do tempo. Dizer [51] "sou brasileiro" significa dizer, [52] implicitamente, "não sou argentino", "não [53] sou chinês", "não sou moçambicano". [54] Identificar-se com um grupo é diferenciar-se [55] de outro, estabelecer fronteiras entre "nós" e [56] "eles", em um processo que é permeado não [57] apenas por escolhas, mas também por [58] tentativas de fixar as identidades, dizendo –[59] muitas vezes implicitamente – que ser de um [60] jeito é normal, mais correto ou melhor. Fixar [61] uma determinada identidade como a norma [62] é uma das formas privilegiadas de [63] hierarquização das identidades e das [64] diferenças. Normalizar significa eleger – [65] arbitrariamente - uma identidade específica [66] como o parâmetro em relação ao qual as [67] outras identidades são avaliadas e [68] hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a [69] essa identidade todas as características positivas [70] possíveis, em relação às quais as [71] outras identidades só podem ser avaliadas [72] de forma negativa.

[73] O processo de produção das identidades e [74] das diferenças envolve muitos conflitos. Esse [75] processo não é ingênuo, mas sim permeado [76] por relações de poder.

Ficha técnica do texto “Comunicação e alteridade”:

Associação Imagem Comunitária Concepção: Beatriz Bretas, Samuel Andrade e Victor Guimarães Redação: Victor Guimarães

113 - (UECE)

Observe o trecho transcrito: “Elas [as identidades coletivas] não são ‘essências’, mas sim construídas histórica e socialmente:” (Refs. 45-47). Verifica-se, nesse trecho, quebra de paralelismo sintático. Assinale a opção em que o paralelismo foi recuperado e o enunciado permanece com o mesmo sentido do texto.

a) Elas não são tidas como “essências”, por isso são construídas histórica e socialmente.

b) Elas não são “essências”, mas sim construtos históricos e sociais.

c) Elas não são como “essências”, mas foram construídas histórica e socialmente.

d) Embora construídas histórica e socialmente, elas não são “essências”.

TEXTO: 77 - Comum à questão: 114

Barcos de Papel

77 Quando a chuva cessava e um vento fino

78 Franzia a tarde úmida e lavada

79 Eu saía a brincar pelas calçadas

80 Nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel, toda uma armada
E, estendendo meu braço pequenino
Eu soltava os barquinhos sem destino
Ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
Que não são barcos de ouro os meus ideais
São barcos de papel, são como aqueles:

Perfeitamente, exatamente iguais!
Que os meus barquinhos, lá se foram eles!
Foram-se embora e não voltaram mais.

(Guilherme de Almeida. In *Acaso*.)

114 - (UECE)

Os termos que compõem a primeira estrofe do texto (quatro versos que formam um único período) foram deslocados. Assinale a única alteração que muda o sentido original dos versos.

a) Quando eu saía a brincar pelas calçadas / Nos meus tempos felizes de menino / A chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada.

b) Quando, nos meus tempos felizes de menino, / a chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada / Eu saía a brincar pelas calçadas /.

c) Nos meus tempos felizes de menino / Quando a chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada / Eu saía a brincar pelas calçadas /.

d) Eu saía a brincar pelas calçadas / Quando a chuva cessava e um vento fino / Franzia a tarde úmida e lavada, / Nos meus tempos felizes de menino.

TEXTO: 78 - Comum à questão: 115

[1] Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre [2] viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão [3] batido e sem mobília nenhuma... Nem cama tinha. Livros, [4] só folhinhas – para ver as luas e se ia chover ou não, e [5] aquele livrinho do Fontoura com a história do Jeca Tatu. [6] Coitado desse Jeca! dizia Zé Brasil, olhando para aquelas [7] figuras. Tal qual eu. Tudo que ele tinha, eu também tenho.

[8] A vida de Zé Brasil era a mais simples. Levantar de [9] madrugada, tomar um cafezinho ralo ("escolha" com [10] rapadura), com farinha de milho (quando tinha) e ir para [11] a roça pegar no cabo da enxada. O almoço ele o comia [12] lá mesmo, levado pela mulher; arroz com feijão e farinha [13] de mandioca, às vezes um torresmo ou um pedacinho [14] de carne seca para enfeitar. Depois cabo da enxada [15] outra vez, até a hora do café do meio-dia. E novamente [16] a enxada, quando não a foice ou o machado. A luta com [17] a terra sempre foi brava.

[18] A gente da cidade – como são cegas as gentes [19] das cidades!... Esses doutores, esses escrevedores nos [20] jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: [21] vadio, indolente, sem ambição, imprestável... não havia [22] o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha [23] atenção nas doenças que derreavam aquele pobre [24] homem – opilação, sezões, quanta verminose há, [25] malária. E cadê doutor? Cadê remédio? Cadê jeito? O [26] jeito era sempre o mesmo: sofrer sem um gemido e [27] ir trabalhando doente mesmo, até não aguentar mais e [28] cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha [29] esteira – e feliz se houver por ali alguma rede em que o [30] corpo vá para o cemitério, senão vai amarrado com cipó.

[31] Mas você morre, Zé, e sua alma vai para o céu, [32] disse um dia o padre – e Zé duvidou. Está aí uma coisa [33] que só vendo! Minha ideia é que nem deixam minha alma [34] entrar no céu. Tocam ela de lá, como aqui, na vida, o coronel [35] Tatuíra já me tocou das terras dele.

LOBATO. Monteiro. In: LAJOLO, Marisa (org.).
Literatura Comentada. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural,
1988. p. 123. Adaptado.

115 - (UEFS BA)

O comentário a respeito do fragmento transcrito está correto em

a) “Tudo que ele tinha, eu também tenho.” (*Ref*. 7) – Constatação irônica diante de realidades comparadas.

b) “O almoço ele o comia lá mesmo, levado pela mulher” (*Refs*. 11-12) – Exemplificação da preguiça e indolência do personagem descrito.

c) “quando não a foice ou o machado.” (*Ref*. 16) – Referência a utensílios que substituem a enxada para o abrandamento do serviço.

d) “como são cegas as gentes das cidades!” (*Refs*. 18-19) – Expressão de crítica e indignação do Zé Brasil em relação à forma como ele é visto pelas pessoas da cidade.

e) “Minha ideia é que nem deixam minha alma entrar no céu.” (*Refs*. 33-34) – Consciência do lugar social que lhe é reservado e incerteza quanto à possibilidade de libertação, mesmo em situação extremada.

TEXTO: 79 - Comum à questão: 116

Em sua conhecidíssima réplica a Feuerbach, Karl Marx lembrava que o fundamental não era mais explicar o mundo, mas transformá-lo. Agora, é preciso dizer que conhecer é o primeiro passo para mudar, para intervir, alterando o sentido dos acontecimentos; só assim é possível a construção de uma nova ordem política e uma nova ordem econômica voltadas para os interesses da maioria. O que queremos dizer, resgatando o conceito de práxis, é que os jovens que ocupam Wall Street estão realizando uma profunda reflexão sobre o sistema econômico de seu país e, ao mesmo tempo, oferecendo um caminho ao resto da humanidade. Esses jovens não são portadores de mudanças, mas podem criar as condições subjetivas para esse segundo tempo. (Roberto Amaral – Carta Capital – 28/11/2011/com adaptações)

116 - (UERN)

Analise as afirmativas reescritas referentes ao último período do texto. A correção gramatical e a semântica foram mantidas em

a) Embora esses jovens não sejam portadores de mudanças, podem criar as condições subjetivas para esse segundo tempo.

b) Podendo criar as condições subjetivas para esse segundo tempo, esses jovens não serão portadores de mudanças.

c) Ainda que não sejam portadores de mudança, as condições subjetivas para esse segundo tempo pode ser criado pelos jovens.

d) Esses jovens não são portadores de mudanças, podendo criar condições subjetivas para esse segundo tempo.

TEXTO: 80 - Comum à questão: 117

Após a nossa recente calamidade financeira, uma terceira era progressista aparentemente está em curso. Esta deve ter três objetivos. O primeiro é o renascimento de serviços públicos essenciais, especialmente educação, treinamento, investimento público e proteção ambiental. O segundo é o fim do clima de impunidade que encorajou praticamente todas firmas de Wall Street a cometer fraudes financeiras. O terceiro é restabelecer a supremacia do voto popular sobre os votos do dólar em Washington. Nada disso será fácil. Os interesses estão profundamente arraigados.

(Jeffrey D. Sachs, economista, professor da
Universidade Columbia e conselheiro do secretário-geral da ONU –
http://colunas.revistaepoca.globo.com. 14/11/2011)

117 - (UERN)

"A coesão não nos revela a significação do texto; revela-nos a construção do texto enquanto edifício semântico." (M. Halliday e R. Hasan, no livro Cohesion in English.)

A partir das relações de alguns dos principais mecanismos de coesão textual, analise as afirmativas a seguir e assinale a correta.

a) O termo "calamidade" em "... recente calamidade financeira,..." retoma a ideia de "investimento público."

b) O pronome “esta” em “Esta deve ter três objetivos.” remete à “terceira era progressista”.

c) No segmento“... que encorajou...” a coesão se faz por meio do pronome “que” retomando “firmas de Wall Street”.

d) O termo “disso” em “Nada disso será fácil.” retoma a ideia de “clima de impunidade”.

TEXTO: 81 - Comum à questão: 118

O Conselho Federal de Medicina (CFM) declarou nesta segunda-feira que apoia iniciativas como a do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp), de submeter os formandos de medicina _____ provas antes da concessão do registro profissional. O teste, aplicado_____ oito edições, passou_____ ser obrigatório este ano. Ontem, parte dos estudantes de medicina, que discordam da exigência e do modelo da prova, boicotaram o exame marcando a letra “b” em todas as questões.

Na quarta-feira passada, o tema foi debatido em audiência pública no Senado Federal, informou a assessoria de imprensa do CFM.

Com a lei, os conselhos poderão negar o registro aos formandos que não atinjam o perfil exigido. Atualmente, as entidades, apesar de poderem exigir a participação no exame, não podem negar o registro caso o estudante não acerte uma quantidade mínima de questões.

(CFM aprova avaliação da formação de médicos.
www.correiodopovo.com.br, 07.12.2012. Adaptado.)

118 - (Universidade Municipal de São Caetano do Sul SP)

Em conformidade com a norma-padrão e sem prejuízo de sentido ao texto original, o trecho – *Atualmente, as entidades, apesar de poderem exigir a participação no exame, não podem negar o registro caso o estudante não acerte uma quantidade mínima de questões.* – pode ser reescrito corretamente da seguinte forma:

a) Eventualmente, as entidades, mesmo que podem exigir a participação no exame, não podem negar o registro ainda que o estudante não acerta uma quantidade mínima de questões.

b) Hoje em dia, as entidades, ainda que pudessem exigir a participação no exame, não podem negar o registro salvo se o estudante não acertar uma quantidade mínima de questões.

c) Agora, as entidades, como podem exigir a participação no exame, não podem negar o registro mesmo que o estudante não acertasse uma quantidade mínima de questões.

d) Hodiernamente, as entidades, embora possam exigir a participação no exame, não podem negar o registro se o estudante não acertar uma quantidade mínima de questões.

e) Contemporaneamente, as entidades, se poderem exigir a participação no exame, não poderão negar o registro e o estudante não acertar uma quantidade mínima de questões.

TEXTO: 82 - Comum à questão: 119

O significado de Mandela para o futuro ameaçado da humanidade

Leonardo Boff

[1] Nelson Mandela, com sua morte, mergulhou no inconsciente coletivo da humanidade para nunca [2] mais sair de lá porque se transformou num arquétipo universal do injustiçado que não guardou rancor, que [3] soube perdoar, reconciliar polos antagônicos e nos transmitir uma inarredável esperança de que o ser [4] humano ainda pode ter jeito. Depois de passar 27 anos de reclusão e eleito presidente da África do Sul em [5] 1994, se propôs e realizou o grande desafio de transformar uma sociedade estruturada na suprema injustiça [6] do apartheid, que desumanizava as grandes maiorias negras do país, condenando-as a não pessoas, numa [7] sociedade única, unida, sem discriminações, democrática e livre.

[8] E o conseguiu ao escolher o caminho da virtude, do perdão e da reconciliação. Perdoar não é [9] esquecer. As chagas estão aí, muitas delas ainda abertas. Perdoar é não permitir que a amargura e o espírito [10] de vingança tenham a última palavra e determinem o rumo da vida. Perdoar é libertar as pessoas das [11] amarras do passado, é virar a página e começar a escrever outra a quatro mãos, de negros e de brancos. A [12] reconciliação só é possível e real quando há a admissão completa dos crimes por parte de seus autores e o [13] pleno conhecimento dos atos por parte das vítimas. A pena dos criminosos é a condenação moral diante de [14] toda a sociedade. Uma solução dessas, seguramente originalíssima, pressupõe um conceito alheio à nossa [15] cultura individualista: o ubuntu, que quer dizer: “eu só posso ser eu através de você e com você”. Portanto, [16] sem um laço

permanente que liga todos com todos, a sociedade estará, como na nossa, sob risco de [17] dilaceração e de conflitos sem fim.

[18] Deverá figurar nos manuais escolares de todo o mundo esta afirmação humaníssima de Mandela: [19] “Eu lutei contra a dominação dos brancos e lutei contra a dominação dos negros. Eu cultivei a esperança do [20] ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivem juntas e em harmonia e têm [21] oportunidades iguais. É um ideal pelo qual eu espero viver e alcançar. Mas, se preciso for, é um ideal pelo [22] qual estou disposto a morrer”.

[23] Por que a vida e a saga de Mandela fundam uma esperança no futuro da humanidade e de nossa [24] civilização? Porque chegamos ao núcleo central de uma conjunção de crises que pode ameaçar o nosso [25] futuro como espécie humana. [...] Isso quer dizer que a crença persistente no mundo inteiro, também no [26] Brasil, de que o crescimento econômico material nos deveria trazer desenvolvimento social, cultural e [27] espiritual é uma ilusão. Estamos vivendo tempos de barbárie e sem esperança. [...]

[28] Acrescento a opinião do conhecido filósofo e cientista político, Norberto Bobbio, que, como [29] Mandela, acreditava nos direitos humanos e na democracia como valores para equacionar o problema da [30] violência entre os estados e para uma convivência pacífica. Em sua última entrevista declarou: “Não saberia [31] dizer como será o Terceiro Milênio. Minhas certezas caem, e somente um enorme ponto de interrogação [32] agita a minha cabeça: será o milênio da guerra de extermínio ou o da concórdia entre os seres humanos? [33] Não tenho condições de responder a esta indagação”.

[34] Em face destes cenários sombrios, Mandela responderia seguramente, fundado em sua experiência [35] política: Sim, é possível que o ser humano se reconcilie consigo mesmo, que sobreponha sua dimensão de [36] sapiens àquela de demens e inaugure uma nova forma de estar juntos, na mesma casa.

[37] Talvez valham as palavras de seu grande amigo, o arcebispo Desmond Tutu, que coordenou o [38] processo de Verdade e Reconciliação: “Tendo encarado a besta do passado olho no olho, tendo pedido e [39] recebido perdão e tendo feito correções, viremos agora a página — não para esquecer esse passado, mas [40] para não deixar que nos aprisione para sempre. Avancemos em direção a um futuro glorioso de uma nova [41] sociedade em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos [42] atributos, mas porque são pessoas de valor infinito [...]”.

[43] Essa lição de esperança nos deixa Mandela: nós ainda viveremos se, sem discriminações, pusermos [44] em prática de fato o ubuntu.

(Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/12/07/o-significado-de-mandela-para-o-futuro-ameacado-dahumanidade/>, acesso em: 10 mar. 2014. Adaptado.)

119 - (UNIMONTES MG)

"[...] não para esquecer esse passado, mas para não deixar que nos aprisione para sempre." (Linhas 39-40)

Acerca desse enunciado, é INCORRETO afirmar que

a) o verbo em destaque concorda com "esse passado".

b) há a elipse do pronome "ele", que poderia localizar-se depois do "que", em "que nos aprisione".

c é uma estrutura legítima na língua portuguesa, sem prejuízo ao entendimento e passível de explicação gramatical.

d) o verbo em destaque poderia ser substituído por seu plural: aprisionem.

TEXTO: 83 - Comum à questão: 120

Não éramos cordiais?

Clóvis Rossi

O nível impressionante de violência no cotidiano está cada vez mais próximo de uma barbárie intolerável

[1] A morte do cinegrafista Santiago Andrade não configura um atentado à liberdade de imprensa, ao [2] contrário do que tantos apregoam. É muito pior que isso: é um atentado ao convívio civilizado entre [3] brasileiros, um degrau a mais na escalada impressionante de violência que está empurrando o país para um [4] teor ainda mais exacerbado de barbárie. O incidente com o cinegrafista é parte de uma coreografia de [5] violência crescente que se dá por onde quer que se olhe.

[6] Nunca se matou com tanta facilidade em assaltos. Nunca se apertou o gatilho com tanta facilidade. É [7] até curioso que as estatísticas policiais no Estado de São Paulo apontem uma redução

no número de [8] homicídios dolosos, como se fosse um avanço, quando aumenta o número de vítimas de latrocínio, que não [9] passa de homicídio precedido de roubo.

[10] De fato, em 2013, o número de latrocínios (379) foi o mais alto em nove anos, com aumento de 10% [11] em relação aos 344 casos do ano anterior. Mas a violência não é um fenômeno restrito à criminalidade. A [12] polícia age muitas vezes com uma violência desproporcional. A vida nas cidades e, cada vez mais, no [13] interior é de uma violência inacreditável. O trânsito é uma violência contra a mente humana. O transporte [14] público violenta dia após dia. Não é um atentado aos direitos humanos perder às vezes três horas entre ir e [15] voltar do trabalho?

[16] A saúde é uma violência contra o usuário. A educação violenta, pela sua baixa qualidade, o natural [17] anseio de ascensão social. A existência de moradias em zonas de risco é outra violência. A contaminação do [18] ar mata ou fere de maneira invisível os habitantes das cidades em que o nível de poluição supera o mínimo [19] tolerável.

[20] Não adianta, agora, culpar o governo do PT ou a suposta herança maldita legada pelo PSDB, ou os [21] crimes praticados pela ditadura militar ou a turbulência que precedeu o golpe de 1964. O país foi sendo [22] construído de maneira torta, irresponsável, sem o mais leve sinal de planejamento, de preparação para o [23] futuro.

[24] Acumularam-se violências em todas as áreas de vida. A explosão no consumo de drogas exacerbou, [25] por sua vez, a violência da criminalidade comum. Não há "coitadinhos" nessa história. Há delinquentes e [26] vítimas e há a incompetência do poder público.

[27] É como escreveu, para Carta Capital, esse impecável humanista chamado Luiz Gonzaga Belluzzo: [28] "O descumprimento do dever de punir pelo ente público termina por solapar a solidariedade que cimenta a [29] vida civilizada, lançando a sociedade no desamparo e na violência sem quartel."

[30] Antes que o desamparo e a violência sem quartel se tornem completamente descontrolados, seria [31] desejável o surgimento de lideranças capazes de pensar na coisa pública em vez de se dedicarem a seus [32] interesses pessoais, mesmo os legítimos. Alguém precisa aparecer com um projeto de país, em vez de [33] projetos de poder. Não é por acaso que 60% dos brasileiros querem mudanças, ainda que não as definam [34] claramente. A encruzilhada agora é entre ideias e rojões.

(Folha de S. Paulo, A18 mundo,
quinta-feira, 13 de fevereiro de 2014.)

120 - (UNIMONTES MG)

Na referência 27, acerca da substituição de "esse" (em "esse impecável humanista") por "este", é CORRETO afirmar que

a) não causaria prejuízo à coerência textual.

b) causaria prejuízo à coerência textual.

c) propiciaria a não relação de “este” com “Luiz Gonzaga Belluzzo”.

d) impediria que se estabelecesse uma relação entre “impecável humanista” e “Luiz Gonzaga Belluzzo”.

TEXTO: 84 - Comum à questão: 121

[1] A tão repetida ideia de aldeia global é uma fabulação. [2] O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do [3] planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em [4] qualquer lugar, permitiu que fosse cunhada essa expressão, [5] quando, na verdade, ao contrário do que se dá nas verdadeiras [6] aldeias, é frequentemente mais fácil comunicar com quem está [7] longe do que com o vizinho. A informação sobre o que [8] acontece não vem da interação entre pessoas, mas do que é [9] veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão [10] interesseira, dos fatos.

[11] Um outro mito é o do espaço e do tempo contraídos, [12] graças, outra vez, aos prodígios da velocidade. Só que a [13] velocidade está ao alcance apenas de um número limitado de [14] pessoas, de tal forma que, segundo as possibilidades de cada [15] um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do [16] mesmo relógio não permite igual economia do tempo.

[17] A ideia de aldeia global, tanto quanto a de espaçotempo [18] contraído, permitiria imaginar a realização do sonho de [19] um mundo só, já que, pelas mãos do mercado global, coisas, [20] relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre [21] continentes, raças, línguas, religiões, como se as [22] particularidades tecidas ao longo de séculos houvessem sido [23] todas esgarçadas. Tudo seria conduzido e, ao mesmo tempo, [24] homogeneizado pelo mercado global regulador. Será, todavia, [25] esse mercado regulador? Será ele global?

[26] Fala-se, também, de uma humanidade [27] desterritorializada, entre cujas características estaria o[28] desfalecimento das fronteiras como imperativo da globalização, [29] e a essa ideia dever-se-ia uma outra: a da existência, já agora, [30] de uma cidadania universal. De fato, as fronteiras mudaram de [31] significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que [32] o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde [33] de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro [34] do território. A humanidade desterritorializada é apenas um [35] mito. O exercício da cidadania, mesmo se avança a noção de [36] moralidade internacional, é, ainda, um fato que depende da [37] presença e da ação dos Estados nacionais. Sem essas fábulas e [38] mitos, este período histórico não existiria

como é: também não [39] seria possível a violência do dinheiro. Este só se torna violento [40] e tirânico porque é servido pela violência da informação.

Milton Santos. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006 (com adaptações).

121 - (ESCS DF)

A coerência e a coesão do texto seriam mantidas caso o período **Quando essa comunicação se faz, na realidade, ela se dá com a intermediação de objetos**, seguido de ponto final, fosse inserido logo após

a) o primeiro período do segundo parágrafo.

b) o segundo período do segundo parágrafo.

c) o primeiro período do primeiro parágrafo.

d) o segundo período do primeiro parágrafo.

TEXTO: 85 - Comum à questão: 122

[1] Fala-se muito em globalização. As finanças, a [2] informação simultânea, as migrações de povos, o crime [3] organizado, os conhecimentos científicos, a tecnologia, os [4] sistemas de poder, a produção e o trabalho humano, tudo isso [5] se globaliza. Pode-se exaltar a globalização como oportunidade [6] de crescimento econômico e cultural dos povos. Pode-se ainda [7] criticá-la em razão dos que a conduzem, ou de como a [8] conduzem, ou dos rumos que toma. Mas ela é irrefreável, [9] sobretudo por corresponder a muitas exigências dos seres humanos.

[10] Essa afirmação pode sofrer duas objeções: uma vem [11] sustentar que a globalização resulta em acumulação de capital [12] e de poder em poucas mãos e no predomínio das finanças [13] internacionais sobre qualquer outro interesse; outra, que o [14] conceito e a natureza da globalização foram criados e [15] difundidos por forças neoliberais, com a intenção de levar [16] os povos a crer que não há alternativa e, assim, de negar a [17] função da política e da democracia.

[8] Ambas as objeções baseiam-se em fatos reais. Pode-se [19] acrescentar que o ganho de capital passou a não respeitar nada [20] (a vida, a saúde e até mesmo as partes do corpo humano vão se [21] transformando em mercadoria) e que o credo neoliberal é [22] imposto aos povos com as regras do fundamentalismo [23] monetário, que não admite dissidências. É o que se evidencia [24] quando instituições financeiras internacionais subordinam sua [25] ajuda ao compromisso dos governos de reestruturar os sistemas [26] de saúde pública e previdência social. As consequências dessa [27] opção (e ainda mais, dos crescentes desníveis de renda, de [28] educação e de poder entre as classes e entre os povos) [29] traduziram-se por quase toda a parte em aumento das [30] desigualdades de níveis de saúde, documentadas por [31] estatísticas eloquentes, que se podem traduzir em milhões de [32] existências humanas truncadas ou prejudicadas.

Giovanni Berlinguer. Globalização e saúde global.
In: Estudos avançados. Vol. 13, n.º 35, São Paulo, jan./abr. 1999.
Internet: <www.scielo.br> (com adaptações).

122 - (ESCS DF)

Considerando os aspectos coesivos do texto, assinale a opção correta.

a) A coesão do texto seria mantida caso o trecho “o conceito e a natureza da globalização” (R. 13 e 14) fosse substituído por **seu conceito e sua natureza**.

b) Na referência 16, as formas verbais “crer” e “negar” poderiam ser corretamente flexionadas no plural, dado que o referente de seus sujeitos é “os povos”.

c) Em “dessa opção” (Refs. 26 e 27), o pronome demonstrativo e o substantivo que o segue referem-se ao fato de organismos internacionais apresentarem exigências para prestar ajuda aos governos.

d) “Essa afirmação” (Ref.10) retoma a ideia expressa em todo o primeiro parágrafo do texto.

TEXTO: 86 - Comum à questão: 123

O milagre das folhas

[1] Não, nunca me acontecem milagres. Ouço [2] falar, e às vezes isso me basta como [3] esperança. Mas também me revolta: por que [4] não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já [5] cheguei a ouvir conversas assim, sobre [6] milagres: "Avisou-me que, ao ser dita [7] determinada palavra, um objeto de estimação [8] se quebraria". Meus objetos se quebram [9] banalmente e pelas mãos das empregadas.

[10] Até que fui obrigada a chegar à conclusão [11] de que sou daqueles que rolam pedras durante [12] séculos, e não daqueles para os quais os seixos [13] já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que [14] tenho visões fugitivas antes de adormecer – [15] seria milagre? Mas já me foi tranquilamente [16] explicado que isso até nome tem: cidetismo [17] (sic), capacidade de projetar no alucinatório as [18] imagens inconscientes. LISPECTOR, Clarice. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Organização e introdução. As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 186-187.

[19] Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de [20] coincidências, vivo de linhas que incidem uma [21] na outra e se cruzam e no cruzamento formam [22] um leve e instantâneo ponto, tão leve e [23] instantâneo que mais é feito de pudor e [24] segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando [25] em nada.

[26] Mas tenho um milagre, sim. O milagre das [27] folhas. Estou andando pela rua e do vento me [28] cai uma folha exatamente nos cabelos. A [29] incidência da linha de milhões de folhas [30] transformadas em uma única, e de milhões de [31] pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso [32] me acontece tantas vezes que passei a me [33] considerar modestamente a escolhida das [34] folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos [35] cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais [36] diminuto diamante.

[37] Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro [38] entre os objetos a folha seca, engelhada, [39] morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche [40] morto como lembrança. E também porque sei [41] que novas folhas coincidirão comigo.

[42] Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei [43] Deus de uma grande delicadeza.

LISPECTOR, Clarice. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Organização e introdução. As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 186-187.

123 - (UECE)

Acerca do "pois" da referência 4, deve-se dizer que

a) semanticamente ele introduz uma noção de exclusão.

b) não tem valor semântico nem função sintática mas reforça a coesão textual.

c) estabelece um elo com o enunciado anterior e tem o valor semântico de conclusão.

d) ressalta o valor de um elemento do enunciado para o entendimento das informações que estão no nível dos elementos linguísticos do texto.

TEXTO: 87 - Comum à questão: 124

A Internet e a neutralidade da rede

[44] A Internet vista, unanimemente, como o [45] território livre, a tecnologia libertadora que, em [46] muitos países, permitiu o florescimento da [47] cidadania, a ampliação das oportunidades de [48] educação, o ambiente para novas empresas e [49] novos empreendedores, para o trabalho [50] colaborativo em rede.

[51] Graças a seu ambiente libertário, [52] internacionalmente ajudou a derrubar [53] ditaduras e monopólios de mídia, o controle da [54] informação, tanto por governos como por [55] cartéis.

[56] No entanto, não se considere um modelo [57] consolidado. Em outros momentos da história [58] surgiram novas tecnologias, promovendo [59] rupturas, abrindo espaço para a [60] democratização e, no momento seguinte, [61] quedaram dominadas por novos cartéis e [62] monopólios que se formaram.

[63] Foi assim com o início da telefonia. [64] Enquanto a Bell Co se consolidava, como [65] grande companhia nacional, surgiram [66] inúmeras experiências locais, como a Mesa [67] Telephone, para localidades rurais norte-[68] americanas, de tecnologia rudimentar porém [69] útil para ligar comunidades agrícolas.

[70] Nasceram centenas de outras companhias [71] por todo o país. Esse mesmo modelo [72] disseminou-se pelo Brasil dos anos 40 em [73] diante, com companhias municipais levando o [74] telefone a cidades menores, em um surto de [75] pioneirismo extraordinário.

[76] Nos Estados Unidos, o movimento dos [77] "independentes" permitiu às comunidades [78] rurais estreitar laços, criar amizades, sistemas [79] de informação, da mesma maneira que as [80] redes sociais de agora. Através do telefone [81] desenvolveram noticiários sobre o clima, sobre [82] a região, relatórios de mercado etc.

[83] Os "independentes" chegaram a ter 3 [84] milhões de aparelhos, contra 2,5 milhões da [85] Bell.

[86] Com a ajuda do J.P.Morgan, o mais [87] influente banco da época, a Bell reestruturou-[88] se em torno da AT&T.

[89] Em vez de declarar guerra aos [90] "independentes", a nova direção propôs um [91] trabalho conjunto, facilitando para eles as [92] ligações de longa distância, desde que [93] trocassem seus sistemas rústicos pelos padrões [94] Bell. Quem não aderisse, não teria ligações de [95] longa distância.

[96] Como resultado, a AT&T matou a [97] concorrência dos "independentes" e construiu [98] o mais longevo e poderoso monopólio da [99] história, só desmembrado na década de 1980.

[100] O mesmo processo de concentração se [101] repetiu no rádio.

[102] No início, o rádio tornou-se uma ferramenta [103] tão democrática e disseminada quanto a [104] Internet. Não havia controle e qualquer [105] pessoa, adquirindo um kit de rádio, montava [106] sua estação sem fio.

[107] Em 1921 havia 525 estatais transmissoras [108] nos Estados Unidos. Até o final de 1924, mais [109] de 2 milhões de aparelhos de rádio. Segundo [110] Tim Wu, autor do importante "Impérios da [111] Comunicação", antes da Internet os rádios [112] foram a maior mídia aberta do século.

[113] Repetiu-se o mesmo processo do telefone. [114] À medida que aumentava o público e criava [115] escala, o mercado libertário era enquadrado [116] pelo poder público e a ocupação do espaço [117] entregue a grupos particulares.

[118] Hoje em dia, as concessões de rádio se [119] tornaram ativos de empresas privadas, as [120] rádios comunitárias são criminalizadas e o [121] exercício pessoal se restringe aos rádios [122] amadores.

[123] Esse é o desafio atual da Internet. Se não [124] for garantida a neutralidade da rede - isto é, o [125] direito de qualquer site ou pessoa de ter [126] acesso à rede, sem privilégios - em breve o [127] grande sonho libertário da Internet terá o [128] mesmo destino do telefone e do rádio.

Luís Nassif. Coluna Econômica.07/09/2013.

124 - (UECE)

Os parágrafos do texto têm um alto grau de coesão. Assinale a afirmação **FALSA** em relação ao mecanismo coesivo.

a) Entre os parágrafos 1 e 2, a coesão é feita só com a progressão das ideias do parágrafo 1, sem nenhum elo linguístico.

b) Entre os parágrafos 2 e 3, a coesão é feita pela conjunção adversativa “no entanto” (que opõe o que vai ser dito no parágrafo 3 ao que foi dito nos parágrafos 1 e 2) e pela retomada do que foi dito nos parágrafos 1 e 2, que o articulista resumiu em “um modelo consolidado”.

c) Entre os parágrafos 3 e 4, a coesão é feita pelo advérbio “assim” que aponta retroativamente para o que foi dito entre as referências 44 e 62.

d) Entre os parágrafos 10 e 11, faz-se a coesão por meio da expressão "o mesmo processo de concentração” e liga-se não só ao parágrafo imediatamente anterior (parágrafo 10), mas a tudo que foi dito antes, entre as referências 56 e 101.

TEXTO: 88 - Comum à questão: 125

Futebol é uma caixinha de surpresas e a origem de expressões futebolísticas

Quantas vezes você ouviu dizer que “o futebol é uma caixinha de surpresas”? A expressão que virou clichê foi inventada pelo comentarista Benjamim Wright, pai do ex-árbitro José Roberto Wright. Essa é apenas uma das famosas expressões do jargão futebolístico que o jornalista esportivo Marcelo Duarte colocou no livro “O Guia dos Curiosos – Língua Portuguesa”. Conheça algumas outras:

Cartola - Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático. Os uniformes dos jogadores tinham até gravata, e alguns dirigentes usavam cartola. Com o tempo, o termo ganhou conotação pejorativa, passando a classificar dirigentes de entidades esportivas que se aproveitam de sua posição em benefício próprio. O cartola mais folclórico talvez seja Vicente Matheus, presidente do Corinthians durante 8 mandatos e autor de frases célebres como “Quem está na chuva é para se queimar” e “O Sócrates é invendável e imprestável”.

Craque - No turfe, os ingleses chamavam o melhor cavalo no páreo de crack horse. O futebol copiou o termo e passou a designar de crack os melhores jogadores de um time. A palavra foi aportuguesada para “craque”. Sem dúvida alguma, era o termo que melhor definia os jogadores da Seleção Brasileira tricampeã do mundo em 1970.

Frango - A origem da palavra “frango” para se referir a uma falha do goleiro não está registrada, mas desconfia-se que a explicação mais coerente seja a de que, ao escapar das mãos do goleiro, a bola parece estar “viva”, como se imitasse o baile que um frango no galinheiro costuma dar em quem tenta capturá-lo.

Gol de placa - A famosa expressão, utilizada para se referir ao gol que encanta o público por sua plasticidade e beleza, é criação do jornalista Joelmir Beting, falecido em 2012. A invenção ocorreu depois de uma partida entre Santos e Fluminense, válida pelo torneio Roberto Gomes Pedrosa, no dia 5 de março de 1961. Naquele jogo, Pelé recebeu a bola no campo de defesa e arrancou em direção ao gol, driblando seis adversários no caminho. Maravilhado com a cena, o repórter mandou fazer uma placa de bronze para colocar no saguão do estádio, com os dizeres "Neste estádio, Pelé marcou no dia 5 de março de 1961 o gol mais bonito da História do Maracanã". A partir daquele momento, a expressão passaria a ser cada vez mais utilizada por narradores e comentaristas, ficando eternizada no dicionário futebolístico.

Olé - Expressão com que a torcida comemora uma sequência de toques do seu time na bola sem que o adversário consiga recuperá-la. Típica das touradas, foi adaptada para o futebol no México, [1]**onde** os torcedores [3]**a empregavam** para ovacionar os dribles de Garrincha durante a temporada que o Botafogo fez no país em 1958. [2]**Já** o ex-craque Zito garante que o termo foi lançado pela primeira vez portorcedores peruanos saudando os toques de bola do Santos numa excursão que o time de Pelé fez no Peru na década de 1960. Qualquer que seja a versão verdadeira, [4]**é inegável** que as [5]**homenagens** foram merecidas.

Sururu - Essa é pouco conhecida atualmente, mas já foi bastante utilizada para fazer menção às brigas ocorridas nos estádios de futebol, tanto dentro quanto fora de campo. A palavra vem do tupi-guarani "suru'ru", que significa "caranguejo". Como vivem sempre juntos, os caranguejos dão a impressão de estar sempre brigando, o que não é totalmente verdade. Mesmo assim, foi daí que nasceu a metáfora para designar qualquer tumulto ou confusão. Na decisão do Campeonato Paulista de 1999, os jogadores do Palmeiras não reagiram bem quando o corintiano Edilson começou a bater embaixadinhas na lateral do campo. O tumulto foi tão grande que a partida teve de ser encerrada aos 30 minutos do segundo tempo, o que deu o título ao alvinegro.

Virar a mesa - Provavelmente, essa é uma das expressões mais ouvidas no futebol. Ela teve origem há cerca de 400 anos, com o jogo de gamão, que, [6]**no entanto**, já era praticado bem antes disso; ele surgiu no século X e [10]**consta** que tenha sido inventado a partir do Ludus duodecim scriptorium, ou "jogo de doze linhas", jogado na Roma Antiga. Até o século XVII, [11]**o gamão** era conhecido como "mesas" na Inglaterra, e mesmo hoje o tabuleiro é normalmente dividido em duas ou quatro "mesas" ou seções. Durante o jogo, há vários momentos dramáticos [7]**em que** a sorte muda de lado não porque o tabuleiro muda de posição, mas [9]**devido a uma regra** que permite [8]**ao** jogador dobrar suas apostas sob certas circunstâncias e, literalmente, virar a mesa.

(Adaptado do Blog do Curioso, disponível em www.guiadoscuriosos.com.br)

125 - (UFGD MS)

Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático. Os uniformes dos jogadores tinham até gravata, e alguns dirigentes usavam cartola.

Essas duas frases podem ser escritas num único período, mantendo o sentido original, da seguinte forma:

a) Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático, embora os uniformes dos jogadores tivessem até gravata, e alguns dirigentes usassem cartola.

b) Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático, enquanto os uniformes dos jogadores tinham até gravata, e alguns dirigentes usavam cartola.

c) Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático, mas os uniformes dos jogadores tinham até gravata, e alguns dirigentes usavam cartola.

d) Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático, desde que os uniformes dos jogadores tivessem até gravata, e alguns dirigentes usassem cartola.

e) Antigamente, o futebol era um esporte aristocrático, pois os uniformes dos jogadores tinham até gravata, e alguns dirigentes usavam cartola.

TEXTO: 89 - Comum à questão: 126

ESTOJO ESCOLAR

[1] Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas. [2] Bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma usina nuclear, [3] uma estação espacial.

[4] Minhas necessidades são mais modestas: tenho um PC mastodôntico, contemporâneo das cavernas [5] da informática. E um notebook da mesma época que começa a me deixar na mão. Como pretendo viajar [6] esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de [7] computador portátil.

[8] No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser [9] aberto. Depois de mil operações sofisticadas para minhas limitações, retirei das entranhas de

isopor o novo [10] notebook e coloquei-o em cima da mesa. De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um [11] corte na memória. Tinha cinco anos e ia para o Jardim de Infância. E vi diante de mim o meu primeiro [12] estojo escolar.

[13] Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. [14] Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de [15] 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[16] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. Fechei [17] o estojo para proteger aquele cheiro, que ele ficasse ali para sempre, prometi-me economizá-lo. Com [18] avareza, só o cheirava em momentos especiais.

[19] Na tampa que protegia estojo e cheiro, havia estampado um ramo de rosas vermelhas que se [20] destacavam do fundo creme. Amei aquele ramalhete – olhava aquelas rosas e achava que nada no mundo [21] podia ser mais bonito.

[22] O notebook que agora abro é negro, não tem nenhuma rosa na tampa. E, em matéria de cheiro, é [23] abominável. Cheira a telefone celular, a cabine de avião, ao aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma [24] moça veio ver como sou por dentro.

[25] Piorei de estojo e de vida.

(Carlos Heitor Cony. O harém das bananeiras, p. 244-245. Adaptado.)

126 - (UNIMONTES MG)

Considere o contexto em que se inserem as palavras ou a expressão a seguir e, então, assinale a alternativa CORRETA.

a) A expressão “o top do top” (Ref. 6) faz referência ao “notebook” que é mencionado na referência 2, mas não ao “notebook” que se menciona na referência 5.

b) A conjunção “como” (Ref. 5) estabelece relação de comparação entre os segmentos que ela une, naquele parágrafo.

c) O pronome “ele” (Ref. 17) relaciona-se ao nome “estojo”, em “Fechei o estojo” (linhas 16-17).

d) A conjunção “E” (Ref. 22) estabelece uma relação de oposição com o segmento precedente.

TEXTO: 90 - Comum às questões: 127, 128

[1] O desenvolvimento industrial não se limitou à produção em massa de bens de [2] consumo como casas, roupas, móveis e cosméticos. Direcionada à produção de bens [3] simbólicos, a indústria cultural também conheceu o desenvolvimento de suas [4] atividades e o aumento de sua importância. Assim como a produção material, a [5] indústria cultural é caracterizada pela produção em série com forte investimento [6] tecnológico, cujo principal objetivo é o lucro. Contudo, ela está voltada ao [7] entretenimento, à informação e ao consumo de um amplo público, independentemente [8] de sexo, idade, religião, formação ou classe social.

[9] Desse modo, a indústria cultural, alimentando o imaginário das plateias mais [10] diversas, desenvolveu-se rapidamente pelos meios de comunicação de massa, como a [11] imprensa, o rádio, a televisão e o cinema. Trata-se de uma mercadoria, o "objetosigno", [12] como definiu o sociólogo francês Jean Baudrillard.

[13] Os signos não são arbitrários. Eles reproduzem as relações sociais e têm o poder [14] de trazer aquilo que significam aos seus consumidores. Assim, por exemplo, uma casa [15] se transforma em objeto de consumo, catalisando aquilo que o consumidor tem direito. [16] A casa-signo atribui status, importância, situação social. Ao desejá-la e adquiri-la, o [17] consumidor reafirma sua condição social e um estilo de vida que lhe é próprio.

[18] Mas, se não chegar a adquiri-la, ele pode apenas compartilhar o que a casa [19] representa como signo e passar a desejá-la. Isso pode ocorrer por meio da publicidade [20] ou por diversas situações nas quais ele experimenta a casa no imaginário – filmes, [21] programas televisivos, concursos, campanhas, etc.

[22] Os sonhos, desejos e anseios, estimulados pela publicidade e por outros meios, [23] mobilizam o consumidor ao mesmo tempo que reafirmam a lógica social e os padrões [24] nos quais se sustentam. Quando chega a adquirir a mercadoria, o consumidor já não [25] está preocupado com o valor do uso, mas com o valor simbólico que o objeto [26] representa na afirmação de sua identidade social. Processa-se um deslocamento entre [27] valor de uso e valor simbólico. Isso significa que, muitas vezes, adquirindo o objetosigno, [28] o consumidor nada quer de sua utilidade, mas tão somente o que ele representa [29] como status e prestígio. Outras vezes, tendo acesso ao bem simbólico, o indivíduo já [30] não precisa obter a mercadoria útil, concreta e material. Há um deslocamento entre [31] signo, referente, produto e utilidade, quer para o consumidor do produto, quer para o [32] consumidor da imagem.

[33] Outro tipo de mercadoria criado pela indústria cultural, além da mera [34] simbolização do produto consumível, é o bem simbólico propriamente dito, ou a [35] informação. É outro bem imaterial e abstrato, produzido socialmente e que tem, cada [36] vez mais, um valor monetário, ou seja, um valor de troca. A chamada sociedade da [37] informação caracteriza-se por transformar suas

relações, instituições e trabalho [38] material em informação, convertendo-se no mais valioso produto da sociedade. A [39] informação distingue-se da publicidade por ter um valor concreto que coincide com [40] sua utilidade, enquanto a propaganda, o discurso que mobiliza o consumo, tem como [41] utilidade apenas o estímulo que representa para o mercado.

COSTA, Cristina. *Sociologia:* introdução à ciência da sociedade.
São Paulo: Moderna, 2010, p. 447

127 - (UNISC RS)

Assinale a alternativa que apresenta a melhor forma de reescrever a passagem a seguir, mantendo o sentido originalmente produzido no texto; observe também a análise da relação de sentido explicitada pelo articulador empregado.

Os signos não são arbitrários. Eles reproduzem as relações sociais e têm o poder de trazer aquilo que significam aos seus consumidores. (linhas 13 e 14)

I – Os signos não são arbitrários, porque eles reproduzem as relações sociais e têm o poder de trazer aquilo que significam aos seus consumidores.	- O articulador empregado estabelece relação de explicação.
II – Os signos não são arbitrários, portanto reproduzem as relações sociais e têm o poder de trazer aquilo que significam aos seus consumidores.	- O nexo portanto instaura um contraste, uma oposição de ideias.
III – Embora os signos não sejam arbitrários, eles reproduzem as relações sociais e têm o poder de trazer aquilo que significam aos seus consumidores.	- A conjunção embora coloca os conteúdos enunciados numa perspectiva de oposição por concessão.

a) Somente a afirmativa I está correta.

b) Somente as afirmativas I e II estão corretas.

c) Somente as afirmativas I e III estão corretas.

d) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

e) Todas as afirmativas estão corretas.

128 - (UNISC RS)

No texto, podemos fazer substituição sem prejuízo ao sentido, em

I. **"**Assim, por exemplo, uma casa se transforma em objeto de consumo, **catalisando** aquilo que o consumidor tem direito." **Catalisando** (Ref. 15) – por **evocando**.

II. Os sonhos, desejos e anseios, estimulados pela publicidade e por outros meios, **mobilizam** o consumidor ao mesmo tempo que reafirmam a lógica social e os padrões nos quais se sustentam." **Mobilizam** (Ref. 23) – por **envolvem**.

III. **"**A informação distingue-se da publicidade por ter um valor concreto que coincide com sua utilidade, enquanto a propaganda, o discurso que **mobiliza** o consumo, tem como utilidade apenas o estímulo que representa para o mercado." **Mobiliza** (Ref. 40) por **possibilita**.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente a afirmativa I está correta.

b) Somente a afirmativa II está correta.

c) Somente a afirmativa III está correta.

d) Somente as afirmativas I e II estão correta

e) Todas as afirmativas estão corretas.

TEXTO: 91 - Comum à questão: 129

Não quero ser saudável

Já quis fazer um regime que prometia saúde perfeita e viver tão conservado quanto uma múmia egípcia. Lá pelos meus 20 anos, era a macrobiótica. No início do regime, passei dez dias à base de arroz integral cozido sem temperos. Segundo os macrobióticos, o arroz, superior a qualquer outro

alimento, limparia meu corpo das toxinas e impediria doenças futuras. Minha esperança era tanta que perguntei: “Cura miopia e astigmatismo também”?

Não, o arroz integral dedicava-se a enfermidades mais assustadoras. Eu me conformei a continuar de óculos, apesar da primeira pontada de decepção. Depois dos dez dias, já com a pele amarelada e as maçãs salientes, tive o direito a complementar o cardápio com gergelim, bardana e feijão-azuqui. Ai, que tristeza era cada refeição! Lembro até hoje em que sonhei com um hambúrguer-salada voando na minha direção. As folhas de alface batiam que nem asinhas! No dia seguinte, mergulhei na primeira lanchonete que vi. E me esbaldei nos hambúrgueres. Adeus macrobiótica!

Sempre tive o pendor por uma dieta saudável. Ando curioso com os veganos. Trata-se de um vegetarianismo radical, sem a ingestão de nenhum produto de origem animal. Inspirações, sim. Um amigo foi recentemente a um restaurante vegano em São Paulo. O cardápio do dia era feijoada! Uma adaptação vegetariana, claro, brócolis substitui o bacon? “Foi uma das piores experiências da minha vida”, disse ele.

Nos sites dedicados a produtos veganos, descobri até salsicha vegetariana. Suspeito que é para facilitar a introdução à dieta. Outro amigo, um advogado barrigudo, disse:

– Se comer salada fosse bom, tinha rodízio.

É verdade. Existe rodízio de carne, de pizza, de sushi. Alguém pode me indicar um rodízio de berinjela, espinafre, escarola, alface?

Um dos problemas para me tornar vegano, além da minha gulodice, é que dietas alimentares se tornam uma espécie de religião. Alimentar-se passa a ser um ritual. Um grupo de vegetarianos descobriu o óbvio: vegetais também têm sentimentos. Prova disso: plantas que crescem ao som da música clássica têm um desenvolvimento mais harmonioso que as que ouvem rock. Mas nunca ouvi uma cenoura gritar “ai, ai” ao ser ralada. Não conheço a linguagem das cenouras, talvez se lamentem e eu não perceba, pois tenho consciência de que gritaria que nem louco se me passassem num ralador. Alguns vegetarianos tratam de respeitar aqueles que devoram. O filho de um amigo casou-se com uma vegana radical. Todos os dias, antes de comer, fazem um ato de contrição.

– Desculpe, alface, por eu comer – diz ela.

– Você é nossa amiga, e agradecemos por nos alimentar – afirma ele.

Esse é um dos motivos pelos quais não me tornei vegano. Imagino estar na mesa com executivo da televisão ou de editoras, para discutir um contrato. E dar um beijo num rabanete.

– Rabanete querido, vou te morder. É a cadeia alimentar que me obriga a isso. Perdoe-me, meu amigo.

Como, depois dessas palavras, ser respeitado ao discutir cláusulas de um contrato?

Mesmo assim, reconheço que ser vegano tem seu valor. Uma amiga atriz, adepta da dieta, parece uns 20 anos mais jovem. Sem Plástica. Quem sabe, estabelecer um laço de amor com os vegetais traz vantagens.

Mais me assustam os crudivoristas. Como o próprio nome diz, são adeptos de comida crua. São vegetarianos mais radicais que qualquer outro. Sem dúvida, é uma dieta menos onerosa. Na decoração, eliminam-se os fogões. Imagino que congeladores também, mesmo porque verduras cruas ficam péssimas quando descongeladas. Muita gente preconceituosa pode imaginar que fará mal ao organismo, que alimentos crus não oferecem os nutrientes necessários. Feita com cuidado, é uma dieta saudável, sim. Só que a pessoa fica chata. Deixa de sair com os amigos. Passa a viver num círculo de crudivoristas como ela. Uma vez, fui com um amigo a uma churrascaria.

– Só como salada – disse, ao servir-se.

– Mas por que veio aqui comigo?

– Coma à vontade.

O rodízio passava: maminha, alcatra... Você já devorou uma picanha sob o olhar de censura de alguém do outro lado da mesa? Botando culpa?

Ultimamente, apesar do meu namoro com os veganos, me conformei em ser o que sempre fui. Um boi gordo. Comer de forma saudável deve ser ótimo. Mas a vida vira um tédio. Gosto de reunir os amigos em torno de uma mesa, rir e comer, sem pensar no destino horrível do atum e do salmão. Ser guloso é uma vocação.

(CARRASCO, Walcyr. **Revista Época,** p. 148, 17 de maio de 2013.)

129 - (FCM PB)

Leia.

"*Segundo os macrobióticos, o arroz, superior a qualquer outro alimento, limparia meu corpo das toxinas e impediria doenças futuras*."

O fragmento está reescrito mantendo-se o mesmo sentido e a correção gramatical em:

a) O arroz, superior a qualquer outro alimento, limparia meu corpo de toxinas e impediria doenças futuras, segundo os macrobióticos.

b) O arroz, superior a qualquer outro alimento, segundo os macrobióticos limparia meu corpo das toxinas e impediria doenças futuras.

c) Superior a qualquer outro alimento, segundo os macrobióticos, o arroz limparia, meu corpo, das toxinas e impediria doenças futuras.

d) Segundo os macrobióticos, superior, a qualquer outro alimento, o arroz limparia meu corpo das toxinas, e impediria de futuras doenças.

e) Doenças futuras impediria, o arroz, superior a qualquer outro alimento, e limparia meu corpo das toxinas, segundo os macrobióticos.

TEXTO: 92 - Comum à questão: 130

Nuvens contêm uma quantidade impressionante de água. Mesmo as pequenas podem reter um volume de 750 km^3 de água e, se calcularmos meio grama de água por metro cúbico, essas minúsculas gotas flutuantes podem formar verdadeiros lagos voadores.

Imagine a situação de um agricultor que observa, planando sobre os campos ressecados, nuvens contendo água mais que suficiente para salvar sua lavoura e deixar um bom saldo, mas que, em vez disso, produzem apenas algumas gotas antes de desaparecer no horizonte. É essa situação desesperadora que leva o mundo todo a gastar milhões de dólares todos os anos tentando controlar a chuva.

Nos Estados Unidos, a tendência de extrair mais umidade do ar vem aumentando em mais um ano de secas severas. Em boa parte das planícies centrais e do sudoeste do país, os níveis de chuva, desde 2010, têm diminuído entre um e dois terços, com impacto direto nos preços do milho, trigo e soja. A Califórnia, fonte de boa parte das frutas e legumes que abastecem o país, ainda deve recuperar-se de uma seca que deixou seus reservatórios com metade da capacidade e áreas sem gelo perigosamente reduzidas. Em fevereiro, o Serviço Nacional do Clima divulgou que o estado tem uma chance em mil de se recuperar logo. Produtores de amêndoas estão preocupados com suas plantações por falta de umidade, e até a água potável está ameaçada.

(*Scientific American Brasil*, julho de 2014. Adaptado)

130 - (FGV)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa e sem alterar os sentidos do texto, a frase final pode ser reescrita da seguinte forma:

a) Produtores de amêndoas estão preocupados com suas plantações devido falta de umidade, e até ameaça da água potável.

b) Como há falta de umidade, produtores de amêndoas estão preocupados com suas plantações. Além disso, inclusive a água potável está ameaçada.

c) Falta umidade e ameaça de água potável, coisas com que se preocupa os produtores de amêndoas e suas plantações.

d) Falta umidade e ameaça à água potável existe, contudo os produtores de amêndoas estão preocupados com suas plantações.

e) Produtores de amêndoas estão preocupados com suas plantações que os transtornos se deve à falta de umidade e de água potável.

TEXTO: 93 - Comum à questão: 131

Texto I

[01] Marketing viral ou publicidade viral são técnicas de marketing que [02] tentam explorar redes sociais pré-existentes para produzir maior [03] divulgação de uma marca. São processos parecidos com o de uma [04] epidemia, uma doença.

[05] Inicialmente, marketing viral era a prática de vários serviços livres [06] de e-mail de adicionar publicidade às mensagens que saem de seus [07] usuários para alcançar um usuário suscetível, que será infectado e [08] reenviará o e-mail a outras pessoas suscetíveis, infectando-as também.

[09] Atualmente, o conceito de marketing viral não está associado a [10] uma ameaça para o computador, e o termo "viral" está relacionado [11] com a velocidade de propagação da informação.

Adaptado de www.significados.com.br

Texto II

[01] Os vírus são seres muito simples e pequenos, formados basicamente [02] por uma cápsula proteica envolvendo o material genético. A palavra [03] "vírus" vem do latim virus*, que significa fluido venenoso ou toxina.*

[04] Atualmente, a palavra é utilizada para descrever os vírus biológicos, [05] além de designar, metaforicamente, qualquer coisa que se reproduza [06] de forma parasitária, como ideias. O termo "vírus" de computador [07] nasceu por analogia.

Adaptado de www.sobiologia.com.br

Texto III

www.googleimagens.com

131 - (Mackenzie SP)

Sobre o Texto II, assinale a alternativa correta.

a) De acordo com a norma culta, a palavra *fluido* (Ref. 03) também pode ser escrita e pronunciada como "fluído", pois ambas as formas estão corretas.

b) *Metaforicamente* (Ref. 05) refere-se a um uso denotativo da palavra "vírus", com significado semelhante ao encontrado na palavra latina *virus*, a que o texto faz referência.

c) O verbo *ser* empregado no primeiro período do texto (Ref. 01) denota ação tal como o verbo *envolver* também utilizado no mesmo trecho.

d) A palavra *parasitária* (Ref. 6) pode ser corretamente substituída por "controlada", sem que com essa alteração sejam modificados sentidos originais do trecho.

e) A palavra *analogia* (Ref.7) pode ser corretamente substituída por "aproximação, comparação, afinidade", sem que com essas alterações sejam modificados sentidos originais do trecho.

TEXTO: 94 - Comum à questão: 132

Prática cotidiana da intimidação

[1] Não faz muito tempo, vi dois meninos sendo [2] interpelados abruptamente pela polícia, não nas avenidas [3] movimentadas que trazem e levam a população [4] trabalhadora que mora nas periferias. Ao contrário, estava [5] sentada numa praça situada num elegante bairro dos [6] Jardins, e a cena, a despeito de ir se tornando corriqueira, [7] causou enorme incômodo. Gritos, pequenos empurrões, [8] o uso ostensivo de lanternas (em plena luz do dia) em [9] busca de um suposto objeto atirado na grama, a [10] obrigatoriedade de baixar os olhos… enfim, toda uma [11] engenharia da humilhação foi montada e bem ao lado [12] de gangorras e balanças. Para concluir o espetáculo, [13] três viaturas da polícia apareceram, com suas sirenes a [14] toda, e trataram de "liberar o local".

[15] Diante dessas situações-limite é difícil reagir frente [16] à precariedade da cidadania de certos grupos ou da [17] segregação internalizada que nossos bairros mais [18] centrais carregam, silenciosamente. É nesses [19] momentos, quando a regra democrática é suspensa, [20] que nos sentimos, de alguma maneira, inconfortáveis [21] diante do que mais parece uma aberta demonstração [22] de cumplicidade. Sim, pois por mais que o ritual fosse [23] claramente violento, a saída de todos nós que ali [24] estávamos foi de um profundo e constrangedor silêncio, [25] inclusive desta que aqui escreve.

[26] A violência do outro dói, mas dói também o [27] reconhecimento da impotência e da aceitação desse [28] tipo de ato, que já se transformou em "natural". [29] O sentimento de culpa e de impotência nos assola e [30] levaria a uma reação caso não fôssemos pessoas [31] acostumadas, a longa data, a esse tipo de socialização.

[32] Construir sociedades plurais no lugar de defender [33] a homogeneidade; valorizar os espaços públicos em vez [34] de gradeá-los; ampliar espaços de encontro das [35] diferenças, em vez de inibi-los,

são motivações [36] que fazem parte de uma agenda cidadã e republicana. [37] Não se constrói cidadania entre muros, com a [38] disseminação de políticas de medo e abrindo mão de [39] responsabilidades públicas.

[40] Assumir o lugar de atores sociais é, de alguma [41] maneira, opor-se a saídas teleológicas, que definem o [42] futuro como um lugar sempre redentor. Os desafios estão [43] no presente, o que implica propor alternativas, pressionar [44] o Estado e agir coletivamente.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Prática cotidiana da intimidação. Disponível em: <http://interessenacional.uol.com.br/index.php/ edicoesrevista/ a-culpa-e-sempre-dos-outros/ >. Acesso em: 5 nov. 2014.

132 - (UEFS BA)

Sobre a coesão referencial e sequencial do texto, é correto afirmar:

a) O pronome relativo “que”, em “que trazem e levam a população trabalhadora” (*Refs*. 3-4) retoma o termo “movimentadas” (*Ref*. 3), através de uma explicação considerada inerente ao termo a que se refere.

b) O termo coesivo “Ao contrário” (*Ref*. 4) mantém a progressão temática por meio de um paralelo entre idéias consideradas complementares e alternativas.

c) O pronome demonstrativo presente na contração “desta”, em “desta que aqui escreve” (*Ref*. 25), faz uma referência exofórica, na medida em que retoma o elemento externo ao texto, que é a própria articulista.

d) A conjunção “caso” , em “caso não fôssemos pessoas acostumadas” (*Refs*. 30-31), introduz uma concessão no discurso da locutora, podendo ser substituída pela expressão visto que, sem prejuízo de sentido.

e) A expressão “o que”, em “o que implica propor alternativas” (*Ref*. 43), resgata, por meio de uma restrição, a ideia expressa pela palavra “presente” (*Ref*. 43).

TEXTO: 95 - Comum à questão: 133

[01] Entre as situações linguísticas que o [02] português já viveu em seu contato com outras [03] línguas, cabe considerar uma situação que se [04] realiza em nossos dias: aquela em que ele é [05] uma língua de emigrantes. Para o leitor [06] brasileiro, soará talvez estranho que falemos [07] aqui do português como uma língua de [08] EMIGRANTES, pois o Brasil foi antes de mais [09] nada um país para o qual se dirigiam em [10] massa, durante mais de dois séculos, pessoas [11] nascidas em vários países europeus e [12] asiáticos; assim, para a maioria dos [13] brasileiros, a representação mais natural é a [14] da convivência no Brasil com IMIGRANTES [15] vindos de outros países. Sabemos, entretanto, [16] que, nos últimos cem anos, muitos falantes [17] do português foram buscar melhores [18] condições de vida, partindo não só de [19] Portugal para o Brasil, mas também desses [20] dois países para a América do Norte e para [21] vários países da Europa: em certo momento, [22] na década de 1970, viviam na região [23] parisiense mais de um milhão de portugueses [24] – uma população superior à que tinha então a [25] cidade de Lisboa. Do Brasil, têm ..... nas [26] últimas décadas muitos jovens e [27] trabalhadores, dirigindo-se aos quatro cantos [28] do mundo.

[29] A existência de comunidades de imigrantes [30] é sempre uma situação delicada para os [31] próprios imigrantes e para o país que os [32] recebeu: normalmente, os imigrantes vão a [33] países que têm interesse em usar sua força [34] de trabalho, mas qualquer oscilação na [35] economia faz com que os nativos ..... sua [36] presença como indesejável; as diferenças na [37] cultura e na fala podem alimentar [38] preconceitos e desencadear problemas reais [39] de diferentes ordens.

[40] Em geral, proteger a cultura e a língua do [41] imigrante não é um objetivo prioritário dos [42] países hospedeiros, mas no caso do [43] português tem havido ..... . Em certo [44] momento, o português foi uma das línguas [45] estrangeiras mais estudadas na França; e, em [46] algumas cidades do Canadá e dos Estados [47] Unidos, um mínimo de vida associativa tem [48] garantido a sobrevivência de jornais editados [49] em português, mantidos pelas próprias [50] comunidades de origem portuguesa e [51] brasileira.

Adaptado de: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato.
O português como língua de emigrantes. In:___. O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. p. 42-43.

133 - (UFRGS)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das referências 25, 35 e 43, nesta ordem.

a) imigrado – incarem – exceções

b) emigrado – incarem – exceções

c) emigrado – encarem – exceções

d) imigrado – encarem – excessões

e) emigrado – encarem – excessões

TEXTO: 96 - Comum às questões: 134, 135

[01] Viagens, cofres mágicos com promessas [02] sonhadoras, não mais revelareis vossos [03] tesouros intactos! Hoje, quando ilhas [04] polinésias afogadas em concreto se [05] transformam em porta-aviões ancorados nos [06] mares do Sul, quando as favelas corroem a [07] África, quando a aviação avilta a floresta [08] americana antes mesmo de poder destruir-lhe [09] a virgindade, de que modo poderia a pretensa [10] evasão da viagem conseguir outra coisa que [11] não confrontar-nos com as formas mais [12] miseráveis de nossa existência histórica?

[13] Ainda assim, compreendo a paixão, a [14] loucura, o equívoco das narrativas de viagem. [15] Elas criam a ilusão daquilo ..... não existe [16] mais, mas ..... ainda deveria existir. Trariam [17] nossos modernos Marcos Polos, das mesmas [18] terras distantes, desta vez em forma de [19] fotografias e relatos, as especiarias morais [20] ..... nossa sociedade experimenta uma [21] necessidade aguda ao se sentir soçobrar no [22] tédio?

[23] É assim que me identifico, viajante [24] procurando em vão reconstituir o exotismo [25] com o auxílio de fragmentos e de destroços. [26] Então, insidiosamente, a ilusão começa a [27] tecer suas armadilhas. Gostaria de ter vivido [28] no tempo das verdadeiras viagens, quando [29] um espetáculo ainda não estragado, [30] contaminado e maldito se oferecia em todo o [31] seu esplendor. Uma vez encetado, o jogo de [32] conjecturas não tem mais fim: quando se [33] deveria visitar a Índia, em que época o estudo [34] dos selvagens brasileiros poderia levar a [35] conhecê-los na forma menos alterada? Teria [36] sido melhor chegar ao Rio no século XVIII? [37] Cada década para trás permite salvar um [38] costume, ganhar uma festa, partilhar uma [39] crença suplementar

[40] Mas conheço bem demais os textos do [41] passado para não saber que, me privando de [42] um século, renuncio a perguntas dignas de [43] enriquecer minha reflexão. E eis, diante de [44] mim, o círculo intransponível: quanto menos [45] as culturas tinham condições de se comunicar [46] entre si, menos também os emissários [47] respectivos eram capazes de perceber a [48] riqueza e o significado da diversidade. No final [49] das contas, sou prisioneiro de uma [50] alternativa: ora viajante antigo, confrontado [51] com um prodigioso espetáculo do qual quase [52] tudo lhe escapava – ainda pior, inspirava [53] troça ou desprezo –, ora viajante moderno, [54] correndo atrás dos vestígios de uma realidade [55] desaparecida. Nessas duas situações, sou [56] perdedor, pois eu, que me lamento diante

das [57] sombras, talvez seja impermeável ao [58] verdadeiro espetáculo que está tomando [59] forma neste instante, mas ..... observação [60] meu grau de humanidade ainda carece da [61] sensibilidade necessária. Dentro de alguma [62] centena de anos, neste mesmo lugar, outro [63] viajante pranteará o desaparecimento do que [64] eu poderia ter visto e que me escapou.

Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos.
São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 38-44.

134 - (UFRGS)

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, referentes às substituições de nexos no texto.

( ) A substituição da locução Ainda assim (Ref. 13) pelo nexo **Destarte** preservaria a relação de sentido que se estabelece entre essa frase e o parágrafo anterior.

( ) O advérbio Então (Ref. 26) poderia ser substituído por **Não obstante**, preservando o sentido e a correção, sem qualquer outra alteração na frase.

( ) O segmento Uma vez encetado (Ref. 31) poderia ser substituído por **Quando fosse encetado**, preservando o sentido e a correção, sem qualquer outra alteração na frase.

( ) A substituição de Mas (Ref. 40) pela conjunção **Contudo** preservaria a correção e a relação de contraste estabelecida na frase.

A alternativa que preenche corretamente os parênteses, de cima para baixo, é

a) F – V – V – V.

b) V – V – F – F.

c) V – F – F – F.

d) F – F – F – V.

e) F – F – V – V.

135 - (UFRGS)

Considere as possibilidades de reescrita apresentadas abaixo para a seguinte passagem do texto.

Dentro de alguma centena de anos, neste mesmo lugar, outro viajante pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou . (Refs. 61-64)

I. Neste mesmo lugar, outro viajante, dentro de alguma centena de anos, pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou.

II. Outro viajante, dentro de alguma centena de anos, pranteará o desaparecimento neste mesmo lugar do que eu poderia ter visto e que me escapou.

III. Neste mesmo lugar, outro viajante, dentro de alguma centena de anos, pranteará o desaparecimento que eu poderia ter visto e o que me escapou.

Quais estão corretas e preservam o sentido da frase original?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) I, II e III.

TEXTO: 97 - Comum à questão: 136

[01] À porta do Grande Hotel, pelas duas da [02] tarde, Chagas e Silva postava-se de palito à [03] boca, como se tivesse descido do restaurante [04] lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, [05] que somente ali se comesse bem em Porto [06] Alegre. Longe disso! A Rua da Praia que o [07] diga, ou melhor, que o dissesse. O faz de [08] conta do inefável personagem ligava-se mais [09] à importância, à moldura que aquele portal [10] lhe conferia. Ele, que tanto marcou a rua, [11] tinha franco acesso às

poltronas do saguão [12] em que se refestelavam os importantes. [13] Andava dentro de um velho fraque, usava [14] gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba [15] curta, polainas e uns olhinhos apertados na [16] ..... bronzeada. O charuto apagado na boca, [17] para durar bastante, era o toque final dessa [18] composição de pardavasco vindo das Alagoas.

[19] Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em [20] 1928. Fixou-se na Rua da Praia, que percorria [21] com passos lentos, carregando um ar de [22] indecifrável importância, tão ao jeito dos [23] grandes de então. Os estudantes tomaram [24] conta dele. Improvisaram comícios na praça, [25] carregando-o nos braços e fazendo-o [26] discursar. Dava discretas mordidas e [27] consentia em que lhe pagassem o cafezinho. [28] Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por [29] dinheiro.

[30] Não era de meu propósito ocupar-me do [31] "doutor" Chagas e, sim, de como se comia [32] bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele [33] como que me puxou pela manga e levou-me [34] a visitar casas por onde sua imaginação de [35] longe esvoaçava.

[36] Porto Alegre, sortida por tradicionais [37] armazéns de especialidades, dispunha da [38] melhor matéria-prima para as casas de pasto. [39] Essas casas punham ao alcance dos gourmets [40] virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de [41] Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. [42] Daí um longo e ..... período de boa comida, [43] para regalo dos homens de espírito e dos que [44] eram mais estômago que outra coisa.

[45] Na arte de comer bem, talvez a dificuldade [46] fosse a da escolha. Para qualquer lado que o [47] passante se virasse, encontraria salões [48] ornamentados, ... maiores ou menores, [49] tabernas ou simples tascas. A Cidade divertiase [50] também pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia.
Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

136 - (UFRGS)

Considere as seguintes sugestões de alteração nos articuladores do texto.

I. Supressão do e na referência 26.

II. Substituição do e na referência 31 por **mas**.

III. Substituição do ou na referência 48 por **nem**.

Quais delas poderiam ser realizadas sem alteração significativa de sentido no texto?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) I, II e III.

TEXTO: 98 - Comum à questão: 137

Embora tivesse tido minha infância
nunca mais me vi quando pequeno
Tudo o que me era grande
hoje é pequeno
Até os que de mim cuidaram
sinto pequenos
que de grandes e sensatos que ontem eram
hoje me são cuidados
não pequenos.

(Jorge Cooper, in "*poesia completa*")

137 - (UNCISAL)

Reescrevendo-se os dois primeiros versos do poema num formato prosaico, não interferiu no sentido a reescrita da opção:

a) Nunca mais me vi como criança, logo sei que tive infância.

b) Não me vi mais quando criança, porque tive minha infância.

c) Tive minha infância, pois nunca mais me vi como pequeno.

d) Nunca mais me senti quando pequeno, contudo tenho certeza de que tive infância.

e) Se tive minha infância, nunca mais me vi quando pequeno.

TEXTO: 99 - Comum à questão: 138

Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem essa não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. Não nos enganemos. Não estamos moralizando nem fazendo aqui uma prédica do amor, só estamos destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda se convive assim, vive-se hipocritamente na indiferença ou na negação ativa (MATURANA, Humberto R. *A árvore do conhecimento as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001).

138 - (UNCISAL)

Considerando as regras da norma culta, a última oração do excerto “porque elimina o processo biológico que o gera não admite a seguinte versão de reescrita:

a) que lhe constrói

b) a partir do qual é gerado

c) que o constitui

d) que o cria

e) do qual é estabelecido

TEXTO: 100 - Comum à questão: 139

Leia o poema de Mário Quintana.

Canção da Primavera

Primavera cruza o rio

Cruza o sonho que tu sonhas.

Na cidade adormecida

Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,

Ficou girando, girando.

Em torno do catavento

Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,

Amadas, Mortos, Amigos,

Dancemos todos até

Não mais saber-se o motivo...

Até que as paineiras tenham

Por sobre os muros florido!

139 - (UNESP SP)

Assinale a alternativa em que a reescrita dos versos atende à norma-padrão do português e aos sentidos do poema.

a) *Primavera cruza o rio / Cruza o sonho que tu sonhas.* = Primavera cruza o rio / Cruza o sonho ao qual tu vives.

b) *Na cidade adormecida / Primavera vem chegando.* = Na cidade adormecida / Os dias primaveris vem chegando.

c) *Dancemos todos até / Não mais saber-se o motivo…* = Dancemos todos até / Não mais saber-se o porquê…

d) *Até que as paineiras tenham / Por sobre os muros florido!* = Até que as paineiras tenham / Por sobre os muros floridos!

TEXTO: 101 - Comum às questões: 140, 141

O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA

Marcos Rolim

[1] Você conhece Chimamanda Ngozi Adichie? Se não conhece, permita que eu a apresente. [2] Chimamanda (38 anos) é uma escritora nigeriana de excepcional qualidade. Seus trabalhos já [3] receberam traduções em mais de 30 idiomas e três dos seus romances (Americanah, Hibisco Roxo e [4] Meio Sol Amarelo) foram lançados no Brasil pela Companhia das Letras. Ela foi uma das [5] convidadas do projeto TED ideas worth spreading, uma iniciativa global de promoção de palestras [6] curtas, não mais que 18 minutos, com pessoas que realmente têm algo importante a dizer. Em 2009, [7] Chimamanda falou no TED sobre Os perigos de uma única história.

[8] O que ela conta é que, ainda criança, lia muitas histórias britânicas e americanas. Por isso, seus [9] textos infantis eram povoados por personagens loiras, que comiam maçãs, brincavam na neve e

que [10] se alegravam quando o sol aparecia. Assim, apesar de viver na Nigéria, um lugar onde as pessoas [11] são quase todas negras como ela, onde se come manga e não há surpresas com o sol, os livros [12] haviam produzido uma realidade imaginária na criança, mais forte que seu próprio mundo. [13] Chimamanda conclui que isto demonstra o quanto somos vulneráveis a uma história.

[14] Quando ela encontrou os primeiros romances africanos, percebeu que pessoas com a pele cor [15] de chocolate e com cabelos que não permitiam formar rabos-de-cavalo também poderiam ser [16] personagens literários. Os autores africanos, diz ela, a salvaram de ter uma única história sobre a [17] literatura. Chimamanda conta que nasceu em uma família de classe média e que havia uma [18] empregada doméstica na casa de seus pais. E também um menino de nome Fide, o filho da [19] empregada. Só o que lhe disseram sobre Fide é que ele era muito pobre e que era preciso mandar [20] roupas e alimentos para sua família.

[21] Aos oito anos, Chimamanda acompanhou sua mãe em uma visita à aldeia próxima onde Fide [22] morava. Então, a mãe do menino mostrou uma linda peça de artesanato, feita pelo irmão de Fide. O [23] fato impressionou Chimamanda, porque ela nunca poderia imaginar que alguém em uma família [24] tão pobre pudesse criar algo. A única história que havia ouvido a respeito deles a impedia de vê-los [25] para além da pobreza. Aos 19 anos, ela voltou a pensar sobre isso quando foi estudar nos EUA. A [26] colega de quarto dela, uma americana, ficou chocada quando percebeu que Chimamanda tinha um [27] inglês perfeito e quis saber onde ela tinha aprendido. A moça ficou surpresa ao ser informada que o [28] inglês é o idioma oficial da Nigéria. Então, perguntou se Chimamanda poderia lhe mostrar uma [29] “música tribal”, ficando desapontada quando ela disse que curtia Mariah Carey. A americana [30] também presumiu que Chimamanda não saberia como usar o fogão. Antes de conhecê-la, ela sentia [31] pena da “pobre nigeriana”, porque tinha uma única história sobre a África. Nesta única história, não [32] havia a possibilidade de uma africana ser, em muitas coisas, bem parecida com uma americana.

[33] A palestra é genial e espero ter despertado sua curiosidade para assisti-la. O tema se presta a [34] uma reflexão sobre a realidade brasileira. Até que ponto não estamos todos superlotados de histórias [35] únicas? Até que ponto a dignidade das pessoas não tem sido subtraída pela repetição insistente de [36] estereótipos? Pensem, por exemplo, nos contenciosos políticos em curso e nos seus principais [37] protagonistas. Quantas histórias temos de cada um deles? Quantas, além da única que nos [38] contaram? Agora lancem um olhar sobre grupos humanos específicos como, por exemplo, os [39] nordestinos, ou os presos, ou os homossexuais, ou os índios. Quantas são as histórias que nos foram [40] contadas sobre eles? Não seriam as pessoas destes grupos tão diferentes entre si quanto são todas as [41] demais não inseridas em grupo algum? Os significados que portamos a respeito destes e de outros [42] grupos não são exatamente aqueles que nos têm sido oferecidos pela mídia?

Não seria esta a forma [43] mais efetiva e radical do exercício do poder nas sociedades contemporâneas? Regrar o mundo de [44] acordo com o que penso dele, de tal forma que os demais imaginem que as noções que [45] compartilham são de fato suas e não exatamente aquelas que eu produzi. Não seria este, afinal, o [46] crime perfeito?

140 - (UNISC RS)

A coesão de um texto pode ser garantida por estratégias de repetição, retomada e referência de um item lexical citado em um enunciado A ou B e, assim, sucessivamente. Quanto ao emprego de **a** (Ref. 1), **seus** (Ref. 2 e 3), **Ela** (Ref. 4), podemos dizer que constituem

a) estratégias comuns que empobrecem o texto.

b) um processo de pronominalização que garante a estrutura coesiva do texto.

c) recursos que seriam representados, de forma mais adequada, com o emprego de outros itens lexicais que poderiam assumir o papel de sinônimos no texto.

d) opções que funcionariam de forma mais eficiente caso fossem substituídos, respectivamente, por: “permita que eu apresente você a ela”; “os trabalhos dela”; “três dos romances da mesma”; “A escritora”.

e) formas presas ao modelo de estrutura coesiva e não podem ser substituídas por outro recurso.

141 - (UNISC RS)

Considere as proposições a seguir e, logo após, escolha a alternativa que preenche adequadamente os parênteses, de cima para baixo, com (V) para verdadeiro e (F) para falso.

( ) **Por isso** (Ref. 8) pode ser substituído por – **Em virtude disso**, sem prejuízo ao sentido.

( ) **Assim** (Ref. 10) tem como papel retomar e resumir conteúdos já enunciados, podendo ser substituído de forma competente por **Por essa razão**.

( ) **Quando ela encontrou** (Ref. 14) pode ser substituído por **Ao encontrar**, sem alteração do sentido original.

( ) **O fato** (Refs. 22 e 23) poderia ser substituído, sem prejuízo ao sentido, por **Tal talento**.

a) F – V – V – V

b) V – F – F – V

c) V – V – V – V

d) V – V – V – F

e) F – F – F – F

TEXTO: 102 - Comum à questão: 142

A regra do jogo

Cláudia Laitano

[01] Volta e meia surge no ar a nostalgia de um tempo em que aparentemente quase tudo podia ser dito sem [02] maiores consequências. Renato Aragão, não sem certa ingenuidade, afirmou em uma entrevista recente que, na [03] época em que *Os Trapalhões* faziam sucesso na TV, negros, gays e gordos não se ofendiam com as piadas – assim [04] como ele próprio não se ofendia com a gozação com os nordestinos.

[05] Comediantes, jornalistas, intelectuais, professores, todo mundo reclama do politicamente correto, que teria [06] vindo para complicar a vida de quem escreve, faz humor ou atua em qualquer outra arena do debate público – [07] mesmo que na esfera limitada de uma sala de aula ou de uma rede social. Tudo o que se faz (ou se fez) tornou-se [08] passível de escrutínios e interpretações, muitas vezes equivocados ou mesmo mal-intencionados, e nossa reputação [09] nunca foi tão frágil.

[10] Culpa-se genericamente a "caretice generalizada" pelo cerceamento da liberdade de se expressar sem se [11] preocupar em ferir suscetibilidades, e "politicamente correto" tornou-se o correspondente da virose no mundo das [12] ideias: uma expressão desacreditada pelo excesso de uso.

[13] Seja pela patrulha incansável dos descontentes, seja pela facilidade com que uma faísca vira um incêndio no [14] palheiro das redes sociais, o debate público tornou-se mesmo mais complexo e polifônico: não há rei da cocada [15] preta que possa dizer o que lhe der na telha sem sofrer

consequências imediatas. Na época dos Trapalhões, [16] admitindo-se que uma pequena parte dos espectadores ficasse ofendida com as piadas, essa minoria teria pouca ou [17] nenhuma chance de se manifestar.

[18] Hoje todo mundo tem um trombone no bolso, e há boas chances de que um anônimo indignado consiga obrigar [19] uma celebridade a vir a público para pedir desculpas pelo que disse ou fez. Goste-se ou não, é do jogo. Reações [20] acaloradas são do jogo, assim como decidir ignorá-las.

[21] Leituras equivocadas são do jogo. Reclamações, xingamentos, abaixo-assinados e processos são do jogo – por [22] mais absurdos e sem cabimento que possam parecer. O que não é do jogo e não pode ser tolerado é o uso da [23] violência e qualquer reação que saia do plano das ideias para o plano da porrada ou da coerção.

[24] Nos últimos dias, houve quem achasse oportuno comparar-se às vítimas do Charlie Hebdo por ter sofrido [25] consequências por suas opiniões – sem que a República tivesse saído às ruas em sua defesa, ou muito antes pelo [26] contrário. O argumento marcha mais ou menos da seguinte forma: onde estavam vocês, defensores da liberdade de [27] expressão, quando fui espinafrado? Ora, batatas, no mesmo lugar!

[28] Defender a liberdade de expressão não significa, obviamente, lavrar em cartório um contrato abrindo mão de [29] fazer críticas a quem pensa diferente ou usa um tipo de linguagem considerado ofensivo.

[30] Pelo contrário: liberdade de expressão serve exatamente para isso, para que todos possam ser cobrados, [31] criticados, esculhambados até, pelo que dizem ou pelo que fazem — respeitados os limites da lei. Não sabe brincar, [32] não desce pro play.

Fonte: Zero Hora, 17 jan. 15. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/01/claudia-laitano-a-regra-do-jogo-4682839.html>. Acesso em: 20 mar. 15. (Adaptado.)

142 - (UCS RS)

Assinale a alternativa em que o termo presente na **Coluna B** melhor substitui no texto o da **Coluna A**, mantendo-se a sinonímia a mais aproximada possível.

	COLUNAA	COLUNAB
a)	equivocados (Ref. 08)	diferenciados
b)	cerceamento (Ref. 10)	impedimento
c)	correspondente (Ref. 11)	renitente
d)	incansável (Ref. 13)	profunda
e)	polifônico (Ref. 14)	difuso

TEXTO: 103 - Comum à questão: 143

Texto I

Miserável

(latim *miserabilis, -e*)

adj. 2 g.

1. Que é muito pobre. ≠ ABASTADO, OPULENTO, RICO

2. Que não tem valor. = INSIGNIFICANTE, RELES

3. Que tem dimensões muito pequenas. = ÍNFIMO

adj. 2 g. s. 2 g.

4. Que ou quem vive na miséria. = INDIGENTE, POBRE

5. Que ou o que desperta compaixão. = DESGRAÇADO, INFELIZ, MÍSERO ≠ FELIZ

6. Que ou o que inspira desprezo. = DESPREZÍVEL, TORPE, VIL

(FERREIRA, A.B.H. *Aurélio século XXI*: o dicionário de Lingua Portuguesa. 3 ed. Ver. E ampl. Rio e Janeiro: Nova Fronteira, 1999.)

Texto II

SOMOS ISENTOS PORQUE SOMOS MISERÁVEIS OU MISERÁVEIS PORQUE SOMOS ISENTOS?
DISCORDO DO NOBRE COLEGA... A MISÉRIA É UM BEM INALIENÁVEL!
LIXO
newtonsilva.com

Disponível em: http://www.granjahoje.com/2011/03/charge-do-dia-%E2%80%9Cos-miseraveis%E2%80%9D/. Acesso em 11 Jul. 2013.)

143 - (UFPA)

Observe o enunciado abaixo:

Discordo do nobre colega... A Miséria é um bem <u>inalienável.</u>

Assinale a alternativa em que a substituição da palavra destacada NÃO traz prejuízo de sentido:

a) indiscutível

b) insustentável

c) insubstituível

d) intransferível

TEXTO: 104 - Comum à questão: 144

Entro na realidade cheio de vergonha, prometo corrigir-me. – "Perdão! Perdão!" digo às pessoas que me abalroam porque não me afastei do caminho. As pessoas vão para os seus negócios, nem se voltam, e eu me considero um sujeito mal-educado. Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e, como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo, ouvir o Currupaco, ler, escrever (Graciliano Ramos, trecho de Angústia).

144 - (UNCISAL)

O fragmento "[...] 'Perdão! Perdão!' digo às pessoas que me abalroam" pode ser substituído por:

a) Perdão! Perdão! peço as pessoas que me abalroam.

b) Perdão! Perdão! digo aquelas que me abalroam.

c) Perdão! Perdão! digo às pessoas às quais me abalroam.

d) Perdão! Perdão! as que me abalroam eu digo perdão.

e) Perdão! Perdão! às pessoas que me abalroam digo-lhes perdão.

TEXTO: 105 - Comum à questão: 145

[1] Um dos produtos mais curiosos da indústria [2] cultural digital é a chamada *selfie*, autorretrato feito com [3] celular, que virou mania geral. Em lugares públicos e [4] privados, o usuário, como quem porta um espelho, vira [5] a câmera do telefone para o próprio rosto e, "espelho, [6] espelho meu", descobre, por meio das redes sociais, [7] que não existe no mundo ninguém mais bonito do [8] que "eu".

[9] O autorretrato foi prática comum na história da [10] pintura e da fotografia. Hoje em dia ele, é hábito de quem [11] tem um celular à mão. Em qualquer dos casos, a ação [12] de autorretratar-se diz respeito a um exercício de [13] autoimagem no tempo histórico em que técnicas [14] tradicionais, como

o óleo, a gravura, o desenho, foram [15] a base das representações de si. Hoje ele depende das [16] novas tecnologias que, no mundo dos dispositivos, estão [17] ao nosso alcance mais simples.

[18] Não se pode dizer que a invenção da fotografia [19] digital tenha intensificado apenas quantitativamente a [20] arte de autorretratar-se. *Selfie* não é fotografia pura e [21] simplesmente, não é autorretrato, como os outros. A [22] *selfie* põe em questão uma diferença qualitativa. Ela diz [23] respeito a um fenômeno social relacionado com a [24] mediação da própria imagem pelas tecnologias, em [25] específico, o telefone celular. De certo modo, o aparelho [26] celular constitui, hoje, tanto a democratização quanto [27] a banalização da máquina de fotografar; sobretudo, do [28] gesto de fotografar.

[29] O celular tornou-se, além de tudo o que ele já era, [30] enquanto meio de comunicação e de subjetivação, um [31] espelho. Nosso rosto é o que jamais veremos senão [32] por meio do espelho. Mas é o rosto do outro que é nosso [33] primeiro espelho. O conhecimento de nosso próprio rosto [34] surge muito depois do encontro com o rosto do outro. [35] Em nossa época, contudo, cada um compraz-se mais [36] com o próprio rosto do que com o alheio. O espelho, [37] em seu sentido técnico, apenas nos dá a dimensão da [38] imagem do que somos, não do que podemos ser. Ora, [39] no tempo das novas tecnologias que tanto democratizam [40] como banalizam a maior parte de nossas experiências, [41] talvez a experiência atual com o rosto seja a de sua [42] banalização.

TIBURI, Márcia. Culto do espelho - *Selfie* e narcisismo contemporâneo.
Disponível em: http://revistacult.uol.com.
br/ home/2014/11/ culto-doespelho/. Acesso em: 9 mar. 2015.

145 - (UEFS BA)

Em relação aos aspectos coesivos que garantem a progressão do texto, está correto o que se afirma em

a) O termo coesivo “como”, em “como quem porta um espelho” (*Ref*. 4), apresenta um valor semântico voltado para a ideia de referência situacional, e em “como banalizam a maior parte de nossas experiências” (*Ref*. 40), outro, relacionado com uma comparação.

b) O conector “que”, em “que não existe no mundo ninguém mais bonito” (*Ref*. 7), introduz um complemento verbal verbal oracional, constatando a percepção egocêntrica do sujeito pós-moderno.

c) O advérbio “mais”, em “mais bonito” (*Ref*. 7), ao generalizar quantitativamente o adjetivo “bonito”, traz uma comparação por semelhança, através do conectivo “do que” (*Refs*. 7-8).

d) O vocábulo “sobretudo” (*Ref.* 27) garante a progressão temática por meio de uma ideia de exemplificação.

e) O conectivo “contudo” (*Ref.* 35) relaciona declarações divergentes, que evidenciam o discurso contraditório da própria articulista.

TEXTO: 106 - Comum às questões: 146, 147

Entre o espaço público e o privado

[01] Excluídos da sociedade, os moradores de rua [02] ressignificam o único espaço que lhes foi permitido [03] ocupar, o espaço público, transformando-o em [04] seu “lugar”, um espaço privado. Espalhados pelos [05] ambientes coletivos da cidade, fazendo comida no [06] asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas [07] como se estivessem dentro de uma casa: assim vivem [08] os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São [09] Paulo, vemos essas pessoas dormindo nas calçadas, [10] passando por situações constrangedoras, pedindo [11] esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das [12] pessoas que fazem da rua sua casa e nela constroem [13] sua intimidade. Assim, a ideia de individualização que [14] está nas casas, na separação das coisas por cômodos [15] e quartos que servem para proteger a intimidade do [16] indivíduo, ganha outro sentido. O viver nas ruas, um [17] lugar aparentemente inabitável, tem sua própria lógica [18] de funcionamento, que vai além das possibilidades.

[19] A relação que o homem estabelece com o [20] espaço que ocupa é uma das mais importantes para [21] sua sobrevivência. As mudanças de comportamento [22] social foram sempre precedidas de mudanças físicas [23] de local. Por mais que a rua não seja um local para [24] viver, já que se trata de um ambiente público, de [25] passagem e não de permanência, ela acaba sendo, [26] senão única, a mais viável opção. Alguns pensadores [27] já apontam que a habitação é um ponto base e [28] adquire uma importância para harmonizar a vida. [29] O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto [30] de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas [31] e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis [32] e invisíveis vedam os aspectos mais ‘privados’, [33] ‘íntimos’, irrepreensivelmente ‘animais’ da nossa [34] existência à vista de outras pessoas”.

[35] O modo como essas pessoas constituem o único [36] espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram [37] transformá-lo em “seu lugar”, que aproximaram, cada [38] um à sua maneira, dois mundos nos quais estamos [39] inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono*. (fragmento adaptado) In: http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp. Acesso em 21/8/2014.

146 - (PUC RS)

Analise as possibilidades de reescrita do trecho das referências 04 a 08.

I. Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, os moradores de rua vivem assim: fazem comida no asfalto, arrumam suas camas, limpam as calçadas, tal como dentro de uma casa.

II. Ao se espalharem pelos ambientes coletivos da cidade, como se estivessem dentro de uma casa os moradores de rua vivem assim: a fazerem comida no asfalto, arrumando suas camas e limpam as calçadas.

III. Os moradores de rua vivem assim: espalham-se pelos ambientes coletivos da cidade como dentro de uma casa, fazem comida no asfalto, arrumando suas camas e limpando as calçadas.

A(s) possibilidade(s) de reescrita que mantém/mantêm o sentido e a correção do texto é/são apenas

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

147 - (PUC RS)

Levando em conta o sentido original e a correção do texto, o trecho _____ pode ser substituído por _____.

a) “Excluídos da sociedade” (Ref. 01) – “Conquanto sejam excluídos da sociedade”

b) “que lhes foi permitido ocupar” (Refs. 02 e 03) – “cuja ocupação lhes foi permitida”

c) “ganha outro sentido” (Ref. 16) – “ganham outro sentido”

d) “foram sempre precedidas de” (Ref. 22) – sempre precederam

e) “dois mundos nos quais estamos inseridos” (Refs. 38 e 39) – “dois mundos aos quais estamos inseridos”

TEXTO: 107 - Comum à questão: 148

[01] Das opções políticas à escolha do creme que se [02] usa no rosto, as decisões que tomamos agora parecem [03] carregadas de implicações morais. Temos, desde os [04] gregos, quase trinta séculos de pensamento sobre ética. [05] E, se isso nem de longe resolve problemas que vão da [06] organização familiar à pesquisa científica, não é apenas [07] porque hoje há dilemas com os quais não se sonhava [08] em Atenas: todo sistema moral sempre será insuficiente [09] perante a realidade. Hoje, quando a filosofia é uma disciplina [10] acadêmica, perdemos a ideia de completude que [11] ela representava no mundo pagão antigo. Em Pursuits [12] of Wisdom, um belo panorama do pensamento ético da [13] antiguidade, John Cooper, da Universidade Princeton, [14] lembra que, entre os gregos, a filosofia era antes de [15] tudo um modo de vida, um guia para a virtude e a felicidade. [16] E, que lindo, não se concebia que pudesse haver [17] felicidade sem virtude. (...) Na filosofia moderna, o foco [18] especializado dos pensadores da ética saiu do sujeito e [19] de suas virtudes (ou falta delas) para se focar em ações: [20] é certo ou errado comer carne, ou usar o carro para ir [21] ao trabalho todo dia? Mas a sabedoria fundamental – no [22] sentido mais substantivo desse adjetivo – da filosofia [23] grega é incontornável. Marco Zingano, professor do [24] Departamento de Filosofia da USP, lembra que a ética [25] das virtudes, proposta sobretudo por Aristóteles, tem [26] uma relevância especial hoje: “Uma ideia cara à ética [27] das virtudes é que as decisões devem ser tomadas em [28] função das circunstâncias, a partir de uma certa sensibilidade [29] moral.” Nessa concepção, somos, cada um de nós, [30] agentes morais: todas as decisões éticas são tomadas [31] em primeira pessoa, e é inadmissível que a voz de um [32] agente moral seja usurpada.

Veja, dezembro de 2013, edição 2353 (adaptado).

148 - (PUC RS)

Analise as possibilidades de reescrita da última frase do texto (Refs. 29 a 32).

I. Assim, somos cada um de nós agentes morais e, sendo inviável que alguém censure a opinião de um agente moral, todas as decisões éticas que tomamos em primeira pessoa, são inalienáveis.

II. Nessa linha de pensamento, todo indivíduo é um agente moral, e as decisões éticas são sempre tomadas em primeira pessoa, não se admitindo a apropriação indevida da voz de um agente moral.

III. De acordo com essa concepção, cada um de nós é um agente moral cuja voz não deve ser tolhida, porque todas as decisões éticas são particulares e intransferíveis, não podendo pois ser alienadas.

A(s) proposta(s) que mantém / mantêm o sentido e a correção da frase original é/são

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

TEXTO: 108 - Comum à questão: 149

A reforma da política

Um antigo anúncio dos anos 1960 asseverava que nove entre 10 atrizes de cinema preferiam uma determinada marca de sabonete. Não se sabia bem por que nem mesmo se era fato. O importante é que a repetição do mantra criava hábitos de imitação e consumo. Pois bem, 11 entre 10 brasileiros

parecem apoiar de modo decisivo uma reforma política urgente no país. Quando indagados de seus motivos, dizem estar fartos dos hábitos políticos vigentes, no que têm de lesivos ao interesse público e de refratários a normas de direito penal em vigor. Em suma, querem políticos melhores e, se calhar, melhores pessoas – mais honestas e dedicadas a causas públicas.

Nada se poderá dizer que contradiga tal expectativa. Afinal, quem não gostaria de ser cuidado, amado ou governado por pessoas boas, dotadas de bons princípios de moralidade e dispostas de atitudes – e, no limite, sacrifícios – altruístas? Mas se a expectativa é inatacável, seu nexo com o desejo de uma reforma política não é, de modo algum, incontroverso. Se por reforma política entendermos modificações no sistema eleitoral – ou seja, no modo pelo qual votos são transformados em cadeiras parlamentares -, estamos a falar de regras e não de requisitos de moralidade pessoal ou hábitos de cultura política. Em termos diretos, nenhum dos sistemas eleitorais vigentes no planeta – muitas dezenas, a propósito – é capaz de evitar a eleição de patifes.

Há, portanto, uma distinção de ordem conceitual e prática entre qualidade de política e sistema de regras eleitorais. É evidente que essas duas dimensões possuem consideráveis interseções, mas é importante compreender que se trata de coisas distintas.

(Adaptado: Lessa, Renato. In: **Ciência Hoje** 323 vol.54, p. 64.)

149 - (IBMEC SP)

O trecho “Quando indagados de seus motivos, dizem estar fartos dos hábitos políticos vigentes” poderia ser reescrito, sem alteração de sentido, da seguinte forma:

a) Se indagados de seus motivos, dizem que estão fartos das práticas políticas atuais.

b) Quando questionados, os motivos que apresentam referem-se aos hábitos políticos correntes.

c) Quando são questionados sobre seus motivos, alegam que estão fartos dos hábitos políticos em vigor.

d) São indagados a respeito de suas razões, e a resposta é sempre a fartura dos hábitos políticos vigentes.

e) Quando são interpelados, alegam que estão sequiosos das práticas políticas que correm.

TEXTO: 109 - Comum à questão: 150

Texto 1

A QUÍMICA EM NOSSAS VIDAS

Carlos Corrêa

Há a ideia generalizada de que o que é natural é bom e o que é sintético, o que resulta da ação do homem, é mau. Não vou citar os terremotos, tsunamis e tempestades, tudo natural, que não têm nada de bom, mas certas substâncias naturais muito más, como as toxinas produzidas naturalmente por certas bactérias e os vírus, todos tão na moda nestes últimos tempos. Dentre os maiores venenos que existem, seis são naturais. Só o sarin (gás dos nervos) e as dioxinas é que são de origem sintética.

Muitos alimentos contêm substâncias naturais que podem causar doenças, como por exemplo o isocianato de alila (alho, mostarda) que pode originar tumores, o benzopireno (defumados, churrascos) causador de câncer do estômago, os cianetos (amêndoas amargas, mandioca) que são tóxicos, as hidrazinas (cogumelos) que são cancerígenas, a saxtoxina (marisco) e a tetrodotoxina (peixe estragado) que causam paralisia e morte, certos taninos (café, cacau) causadores de câncer do esôfago e da boca e muitos outros.

A má imagem da Química resulta da sua má utilização e deve-se particularmente à dispersão de resíduos no ambiente (que levam ao aquecimento global e mudanças climáticas, ao buraco da camada de ozônio e à contaminação das águas e solos) e à utilização de aditivos alimentares e pesticidas.

Muitos desses males são o resultado da pouca educação dos cidadãos. Quem separa e compacta o lixo? Quem entrega nas farmácias os medicamentos que se encontram fora do prazo de validade? Quem trata os efluentes dos currais e das pocilgas? Quem deixa toda a espécie de lixo nas areias das nossas praias e matas? Quem usa e abusa do automóvel? Quem berra contra as queimadas mas enche a sala de fumaça, intoxicando toda a família? Quem não admira o fogo de artifício, que enche a atmosfera e as águas de metais pesados?

Há o hábito de utilizar a expressão “substância química” para designar substâncias sintetizadas, imprimindo-lhes um ar perverso, de substância maldita. Há tempos passou na TV um anúncio destinado a combater o uso do tabaco que dizia: “… o fumo do tabaco contém mais de 4000 substâncias químicas tóxicas, irritantes e cancerígenas…”. Bastaria referir “substâncias”, mas teve de aparecer o qualificativo “químicas” para lhes dar um ar mais tenebroso. Todas as substâncias,

naturais ou de síntese, são “substâncias químicas”! Todas as substâncias, naturais ou de síntese, podem ser prejudiciais à saúde! Tudo depende da dose.

Qualquer dia aparecerá uma notícia na TV referindo, logo a seguir às notícias dos dirigentes e jogadores de futebol, que “A água, substância com a fórmula molecular H2O, foi a substância química responsável por muitas mortes nas nossas praias”… por falta de cuidado! Porque os Químicos determinaram as estruturas e propriedades dessas substâncias, haverá razão para lhes chamar “substâncias químicas”? Estamos sendo envenenados pelas muitas “substâncias químicas” que invadem as nossas vidas?

A ideia de que o câncer está aumentando devido a essas “substâncias químicas” é desmentida pelas estatísticas sobre o assunto, à exceção do fumo do tabaco, que é a maior causa de aumento do câncer do pulmão e das vias respiratórias. O aumento da longevidade acarreta necessariamente um aumento do número de cânceres. Curiosamente, o tabaco é natural e essas 4000 substâncias tóxicas, irritantes e cancerígenas resultam da queima das folhas do tabaco. A reação de combustão não foi inventada pelos químicos; vem da idade da pedra, quando o homem descobriu o fogo.

O número de cânceres das vias respiratórias na mulher só começou a crescer em meados dos anos 60, com a emancipação da mulher e o subsequente uso do cigarro. É o tipo de câncer responsável pelo maior número de mortes nos Estados Unidos. Não é verdade que as substâncias de síntese (as “substâncias químicas”) sejam uma causa importante de câncer; isso sucede somente quando há exposição a altas doses. As maiores causas de câncer são o cigarro, o excesso de álcool, certas viroses, inflamações crônicas e problemas hormonais. A melhor defesa é uma dieta rica em frutos e vegetais.

Há alguns anos, metade das substâncias testadas (naturais e sintéticas) em roedores deram resultado positivo em alguns testes de carcinogenicidade. Muitos alimentos contêm substâncias naturais que dão resultado positivo, como é o caso do café torrado, embora esse resultado não possa ser diretamente relacionado ao aparecimento de um câncer, pois apenas a presença de doses muito elevadas das substâncias pode justificar tal relação.

Embora um estudo realizado por Michael Shechter, do Instituto do Coração de Sheba, Israel, mostrasse que a cafeína do café tem propriedades antioxidantes, atuando no combate a radicais livres, diminuindo o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, a verdade é que, há meia dúzia de anos, só 3% dos compostos existentes no café tinham sido testados. Das trinta substâncias testadas no café torrado, vinte e uma eram cancerígenas em roedores e faltava testar cerca de um milhar! Vamos deixar de tomar café? Certamente que não. O que sucede é que a Química é hoje capaz de detectar e caracterizar quantidades minúsculas de substâncias, o que não sucedia no passado. Como se disse, o veneno está na dose e essas substâncias estão presentes em concentrações demasiado pequenas para causar danos.

Diante do que se sabe das substâncias analisadas até aqui, todos concordam que o importante é consumir abundantes quantidades de frutos e vegetais. Isso compensa inclusive riscos associados à possível presença de pequenas quantidades de pesticidas.

CORRÊA, Carlos. A Química em nossas vidas. Disponível em: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=49746&op=all>. Acesso em 17 Abr 2015. (Texto adaptado)

Texto 2

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como (1) nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso (2) informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa (3) perceber que a verdade

suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que (4) três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou (5) apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avalizar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

Texto 3

SOLUÇÃO

João Paiva

Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ouso resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.
Procuro mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

PAIVA, João. Quase poesia, quase química. Disponível em: <http://www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf> Acesso em: 22/04/2015.

TEXTO 4

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,

Monstro de escuridão e rutilância,

Sofro, desde a epigênese da infância,

A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,

Este ambiente me causa repugnância...

Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia

Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —

Que o sangue podre das carnificinas

Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,

E há de deixar-me apenas os cabelos,

Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

150 - (IME RJ)

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas existentes no texto 2, respectivamente.

a) à (1) – há (2) – à (3) – há (4) – a (5).

b) a (1) – à (2) – a (3) – à (4) – há (5).

c) à (1) – a (2) – a (3) – há (4) – a (5).

d) a (1) – à (2) – há (3) – há – (4) a (5).

e) a (1) – à (2) – a (3) – há (4) – a (5).

TEXTO: 110 - Comum à questão: 151

Editorial

[1] Na rotina de mãe de quatro filhos, a escritora israelense Ayelet Waldman começou [2] a detectar em si mesma e em outras mães que conhecia uma ansiedade [3] persistente, disparada pela frustação de não corresponder às próprias expectativas [4] em relação à maternidade. Para piorar seu tormento, aonde quer que fosse, [5] encontrava mulheres sempre prontas a apontar o dedo para seus defeitos, numa [6] espécie de polícia materna, onipresente e onisciente. Em uma conversa deliciosa [7] com a Revista em Dia, Ayelet discorre sobre as agruras das mães ruins, categoria [8] na qual hoje se encaixa, e com orgulho. E ajuda a dissipar, com humor, o [9] minhocário que não raro habita a cabeça das mães. Minhocário que, aliás, se não [10] for bem administrado, pode levar a problemas muito mais sérios. É o que você verá [11] na reportagem da página 14, que traz o foco para a depressão durante a gravidez. [12] Poucos sabem, mas a doença pode ser deflagrada nessa fase e é bom que tanto [13] as gestantes como outras pessoas ao redor fiquem atentas para que as mulheres [14] nessa situação possam receber o apoio necessário. A revista também traz temas [15] para quem a maternidade já é assunto menos relevante nesse momento da vida. [16] Se você é daquelas que entraram ou consideram entrar na onda da corrida, terá [17] boas dicas na página 18. Caso já esteja reduzindo o ritmo, quem sabe encontre [18] inspiração para espantar a monotonia na crônica da página 8. Esperamos, com um [19] grãozinho aqui, outro ali, poder contribuir um pouco para as várias facetas que [20] compõem uma mulher saudável e de bem consigo mesma.

151 - (PUCCamp SP)

Comenta-se com correção:

a) (Ref. 10) A palavra *você* não é, aqui, um pronome de tratamento, mas um pronome indefinido, indicando “pessoa não identificada”, “alguém”, como em “Se você adoece, é descontado em seu salário”.

b) (Ref. 15) A coesão realizada pelo pronome *esse* supõe a relação com um dado oferecido pelo contexto: trata-se do momento em que a mulher não está especialmente preocupada com a maternidade.

c) (Ref 17 e 18) Uma crônica é oferecida a quem lê; a coerência do texto não imporia qualquer limite à crônica citada: pode tratar de qualquer assunto, que garantirá inspiração ao leitor pretendido.

d) (Ref. 4) Levando em conta que o significado da palavra é “ao lugar em que”, *aonde* está empregada em desacordo com as normas gramaticais.

e) (Ref. 8) Se outra formulação para o segmento *E ajuda a dissipar* fosse “E ajuda que se dissipa”, não haveria prejuízo da correção original.

GABARITO:

1) Gab: D

2) Gab: D

3) Gab: A

4) Gab: E

5) Gab: C

6) Gab: E

7) Gab: D

8) Gab: C

9) Gab: B

10) Gab: C

11) Gab: A

12) Gab: E

13) Gab: B

14) Gab: C

15) Gab: E

16) Gab: C

17) Gab: A

18) Gab: C

19) Gab: B

20) Gab: D

21) Gab: B

22) Gab: C

23) Gab: A

24) Gab: A

25) Gab: B

26) Gab: A

27) Gab: C

28) Gab: D

29) Gab: C

30) Gab: C

31) Gab: B

32) Gab: E

33) Gab: B

34) Gab: C

35) Gab: E

36) Gab: C

37) Gab: C

38) Gab: E

39) Gab: D

40) Gab: E

41) Gab: A

42) Gab: B

43) Gab: D

44) Gab: A

45) Gab: C

46) Gab: D

47) Gab: D

48) Gab: B

49) Gab: A

50) Gab: B

51) Gab: E

52) Gab: E

53) Gab: B

54) Gab: D

55) Gab: E

56) Gab: C

57) Gab: C

58) Gab: B

59) Gab: B

60) Gab: A

61) Gab: D

62) Gab: D

63) Gab: A

64) Gab: E

65) Gab: D

66) Gab: D

67) Gab: B

68) Gab: B

69) Gab: E

70) Gab: E

71) Gab: A

72) Gab: A

73) Gab: A

74) Gab: D

75) Gab: A

76) Gab: A

77) Gab: B

78) Gab: B

79) Gab: A

80) Gab: B

81) Gab: D

82) Gab: A

83) Gab: E

84) Gab: A

85) Gab: E

86) Gab: E

87) Gab: C

88) Gab: E

89) Gab: C

90) Gab: E

91) Gab: E

92) Gab: C

93) Gab: C

94) Gab: B

95) Gab: E

96) Gab: E

97) Gab: C

98) Gab: B

99) Gab: A

100) Gab: C

101) Gab: A

102) Gab: D

103) Gab: D

104) Gab: D

105) Gab: D

106) Gab: B

107) Gab: C

108) Gab: C

109) Gab: C

110) Gab: D

111) Gab: D

112) Gab: A

113) Gab: B

114) Gab: A

115) Gab: E

116) Gab: A

117) Gab: B

118) Gab: D

119) Gab: D

120) Gab: A

121) Gab: D

122) Gab: A

123) Gab: B

124) Gab: A

125) Gab: E

126) Gab: A

127) Gab: A

128) Gab: D

129) Gab: A

130) Gab: B

131) Gab: E

132) Gab: C

133) Gab: C

134) Gab: D

135) Gab: A

136) Gab: B

137) Gab: D

138) Gab: A

139) Gab: C

140) Gab: B

141) Gab: C

142) Gab: B

143) Gab: D

144) Gab: E

145) Gab: B

146) Gab: A

147) Gab: B

148) Gab: B

149) Gab: C

150) Gab: E

151)Gab:B